

UNIVERSIDADE FEDERAL DO PARANÁ - UFPR

LUANA DA SILVA BORSARI

**RECEPÇÃO MIDIÁTICA, JOVENS E PODER: UM ESTUDO COMPARATIVO
ENTRE CURITIBA E CIDADE GAÚCHA**

CURITIBA – PR

2011

LUANA DA SILVA BORSARI

**RECEPÇÃO MIDIÁTICA, JOVENS E PODER: UM ESTUDO COMPARATIVO
ENTRE CURITIBA E CIDADE GAÚCHA**

Dissertação de Mestrado apresentada como
requisito parcial para obtenção do título de
Mestre, do Programa de Pós-Graduação
em Ciência Política, da Universidade
Federal do Paraná - UFPR.

Orientador: Professor Doutor Nelson Rosário
de Souza

CURITIBA – PR

2011

Catálogo na publicação
Fernanda Emanoéla Nogueira – CRB 9/1607
Biblioteca de Ciências Humanas e Educação - UFPR

Borsari, Luana da Silva

Recepção midiática, jovens e poder : um estudo comparativo entre Curitiba e cidade Gaucha / Luana da Silva Borsari. – Curitiba, 2011. 157 f.

Orientador: Profº. Drº. Nelson Rosário de Souza
Dissertação (Mestrado em Ciência Política) – Departamento de Ciências Humanas, Letras e Artes da Universidade Federal do Paraná.

1. Recepção midiática. 2. Jovens – Meios de comunicação
3. Meios de comunicação - Sociologia. 4. Mídia – Ciência Política.
I. Título


CDD – 302.23




UNIVERSIDADE FEDERAL DO PARANÁ
SETOR DE CIÊNCIAS HUMANAS, LETRAS E ARTES
PROGRAMA DE PÓS GRADUAÇÃO EM CIÊNCIA POLÍTICA
Rua General Carneiro, 460 - 9º andar-sala 908 Fone: 3360-5233

ATA SESSÃO DE DEFESA DE DISSERTAÇÃO

Ata da Sessão Pública de defesa de dissertação para obtenção do Título de Mestre em Ciência Política. No dia 14 de julho de 2011, às 10:00 horas, nas dependências do Programa de Pós-Graduação em Ciência Política do Setor de Ciências Humanas, Letras e Artes da Universidade Federal do Paraná, reuniu-se a banca examinadora designada pelo Colegiado do Programa de Pós-Graduação em Ciência Política, composta pelos Professores Doutores Kelly Prudência – DECOM-UFPR, Isabel Travancas – UFRJ, e Nelson Rosário de Souza, orientador e Presidente da Banca Examinadora, com a finalidade de julgar a dissertação do(a) candidato(a) LUANA DA SILVA BORSARI, intitulada "Recepção midiática e o poder dos jovens: um estudo comparativo sobre recepção das mensagens midiáticas em Curitiba e Cidade Gaúcha". O desenvolvimento dos trabalhos seguiu o roteiro de sessão de defesa estabelecido pela Coordenação do curso, com abertura, condução e encerramento da sessão solene de defesa feito pelo orientador Dr. Nelson Rosário de Souza. Após haver analisado o referido trabalho e argüido o(a) candidato(a), os membros da banca examinadora deliberaram pela "Aprovação" do(a) acadêmico(a), com nota 8,5 e conceito 2, habilitando-o ao título de Mestre em Ciência Política. Curitiba, 14 de julho de 2011.


Prof. Dr. Kelly Prudência


Prof. Dr. Isabel Travancas


Prof. Dr. Nelson Rosário de Souza
Orientador e presidente da banca examinadora

DEDICATÓRIA

A Deus, que me sustenta no seu amor e misericórdia.

Aos pais, que Deus me deu e que são minha consciência quando não respondo à realidade, e são meus pés quando não posso caminhar sozinha.

Ao meu irmão Vinicius, que é um amigo fiel a quem devoto amor profundo.

AGRADECIMENTOS

Agradeço da forma mais carinhosa:

Ao Deus, que amo e que abre portas que ninguém é capaz de fechar.

Ao meu orientador, Prof. Dr. Nelson Rosário de Souza, pela disponibilidade. Torno evidente minha admiração pela sua competência, humildade e conhecimento científico. Mas agradeço, sobretudo, à amizade que se fortaleceu durante esse período de convivência, que seja eterna!

Às tias Marlise e Marli Terezinha, minhas mães de criação, pelo aconchego do seu amor e a firmeza de seus braços.

A toda a Coordenação do Curso, especialmente aos professores Emerson Cervi e Ana Luisa Fayet, pelas pertinentes orientações na banca de qualificação.

Agradeço à professora Luciana Veiga que carinhosamente, me ouviu e orientou no início desta caminhada.

A minha eterna amiga Aline Nunes, que no início desta jornada me deu força e consolo diante dos problemas, sendo um motivo de inspiração.

Às amigas Paula Camila e Tiele Ribeiro, que dividiram boa parte da vida comigo, que me recebem em suas casas e me nutrem com amizade sólida e verdadeira. Também à Monalisa Vargas, que veio depois e conquistou seu espaço no meu coração.

Ao amigo Alex Barbosa, pelo companheirismo e disposição e principalmente, por confiar em mim.

Aos amigos que fiz durante o Mestrado, especialmente, Giovanna Bonamin e Larissa Angeli que cederam suas casas durante minhas viagens a Curitiba e que tantas vezes, me incentivaram a concluir o processo. Ao amigo Afonso, pelas longas conversas e conselhos.

Aos amigos Eliane Ruiz e Wendell Fiori, pelo carinho e contribuição e pelas boas horas de conversas e orientações.

Aos amigos de Cidade Gaúcha que tanto bem me fizeram durante minha temporada naquele local.

À colega Flávia Bozza, pela colaboração e prontidão.

Aos jovens colaboradores e entrevistados do trabalho pela disposição de tempo e compromisso firmado.

A todos os mestres que a vida me deu!

SUMÁRIO

1 INTRODUÇÃO	9
2 RECEPÇÃO TELEVISIVA E RELAÇÕES DE FORÇA NO COTIDIANO DOS JOVENS	
2.1 O PODER NO COTIDIANO	17
2.2 CONDIÇÃO SOCIOLÓGICA DOS JOVENS E A RELAÇÃO COM OS MEIOS DE COMUNICAÇÃO	23
3 ESTUDOS SOBRE RECEPÇÃO E MEDIAÇÃO	Erro! Indicador não definido.
3.1 SOBRE O ESTUDO DA RECEPÇÃO NO CAMPO DA COMUNICAÇÃO	28
3.1.1 A Recepção pela Via dos Estudos Culturais	31
3.1.2 Os Estudos Culturais na América Latina	33
3.2 A MEDIAÇÃO COMO BASE DE ENTENDIMENTO PARA A RECEPÇÃO	36
4 O PAPEL DA IDENTIDADE COMO MEDIAÇÃO NA RECEPÇÃO DE MENSAGENS DA TELENÓVELA.....	42
4.1 A QUESTÃO DA IDENTIDADE.....	42
4.2 A TELENÓVELA COMO PRODUTO EXPLORATÓRIO DOS VALORES E IDENTIDADES SOCIAIS	48
4.2.1 O Enredo da Telenovela “Viver a Vida”	59
5 RECEPÇÃO DA TELENÓVELA “VIVER A VIDA” ENTRE JOVENS DAS CIDADES DE CURITIBA E CIDADE GAÚCHA.....	63
5.1 ADOÇÃO POR HOMOSSEXUAIS	63
5.2 RACISMO, PRECONCEITO E DISCRIMINAÇÃO	69
5.2.1 O Namoro e a Questão da Deficiência	85
5.2.2 Alcoolismo	86
5.2.3 A Vida das Modelos.....	91

5.2.4 Infidelidade	93
5.2.5 Gravidez, Paternidade e Machismo.....	100
5.2.6 A Infância na Novela	109
5.2.7 Drogas, Aborto e Violência.....	112
5.2.8 Riqueza e Pobreza: Um retrato do <i>status</i> social.....	124
5.2.9 Observações Extraídas ao Assistir um Capítulo da Novela com os Jovens	128
6 CONSIDERAÇÕES FINAIS	141
REFERÊNCIAS	150

1 INTRODUÇÃO

Durante muito tempo, os estudos de Comunicação centralizaram o olhar nos meios de comunicação e não no receptor. Ao longo de várias mudanças, adaptações e novos referenciais, a pesquisa em Comunicação adquiriu também novos paradigmas. Entendeu-se, então, esse olhar do receptor de mensagens midiáticas como meio de interação e produção de significados. Nesse sentido, concebe o estudo do contexto de vida do receptor, como fator elementar para a definição do tipo de significação que cada indivíduo faz da mensagem. Esse fato se justifica porque a percepção é mediada por diversas fontes que propiciam a capacidade de o agente ressemantizar, de acordo com sua experiência.

Os estudos culturais contribuem de forma significativa para a análise do contexto no qual os receptores estão inseridos, pois é do ambiente cultural dos agentes que se extraem os aportes significativos para a leitura das mensagens televisivas, já que é na cultura que se dá a constituição das identidades sociais.

Entre as várias mídias disponíveis, a telenovela é um produto que enfoca valores e padrões sociais. Ela é uma dessas formas visuais empregadas para significar a realidade e é um programa que atualmente, tem grande audiência na América Latina¹. Constitui-se em um dos produtos da cultura popular e de massa, e é entendida por Leal (1986), Calza (1996), Souza *et al.* (1995), Ortiz, Borelli e Ramos (1996), Martin-Barbero (1997), Marques (2002), Canuto (2003), Souza (2006), Silva (2009), entre outros autores, como

¹ Desde seu surgimento na América Latina, na década de 1950 até os dias de hoje, a telenovela reforça sua importância nas grades de programação de emissoras ao longo de toda essa região, assegurando o crescimento e expansão de importantes cadeias de comunicação e conquistando novos públicos consumidores, em outras regiões do mundo. Mas, foi apenas nas duas últimas décadas que o fluxo se intensificou, ganhando novos produtores e mercados consumidores (COSTA; FADUL, 2010).

um recurso pertencente a um universo rico em significados, de intervenção, discussão e possível introdução de hábitos e valores.

Nessa perceptiva, a pesquisa busca respostas para alguns questionamentos: Como os jovens assistem telenovela? Que confronto existe entre as relações sociais, identidade, forma de vida e os valores apresentados na trama? Como as mediações incidem na maneira de ressemantizar a mensagem?

Em busca de respostas para as indagações, utilizam-se dois conceitos que ajudam a desvendar os valores e orientações embutidos nos discursos dos jovens, a saber: mediação e códigos. Por mediação, Barbero (2008, p. 294) entende “[...] os lugares dos quais provém às construções que delimitam e configuram a materialidade social e a expressividade cultural da televisão”. Por sua vez, Hall (2006b) compreende os códigos como meios para analisar a individualização e a ação dos sujeitos.

Com base nessas concepções, a intenção da pesquisa é construir um mosaico com a inclusão de diversos valores e identidades que interferem no processo de recepção de jovens, de culturas distintas. Depreende-se que eles têm autonomia quando operam um código e entende-se o código de oposição, como expressão máxima dessa autonomia.

Nos estudos de Comunicação não se fala unicamente de comunicação industrial, cultural ou passividade do receptor, mas daquilo que aparece nas lacunas da indústria cultural, que são os casos em que o receptor está atento aos seus valores e não acolhe qualquer mensagem, mas sim, aquela com a qual realmente, concorda.

Portanto, o estudo é relevante para a área da Comunicação porque mostra uma perspectiva de recepção onde o receptor nem sempre é passivo, como também um produtor de significados na interatuação com a mensagem. Mais que uma pesquisa em Comunicação, este estudo se justifica devido à importância de um aprofundamento teórico-prático sobre a recepção mediática e o poder dos jovens.

Com esse propósito, discute-se o poder, não a essência do poder, contudo, do poder como um jogo estratégico que emerge nas relações culturais. Acredita-se que nessa perspectiva, a política se relaciona ao poder

como atributo das relações sociais, estando desse modo, imersa na cultura e não apenas fazendo parte de um fragmento da realidade social.

É importante compreender como a mídia organiza e articula valores e representações em relação ao sexo, raça e classe, na sociedade, e de como a sociedade, representada nessa dissertação pelos jovens, organiza individualmente, essas representações. Portanto, a intenção é situar a cultura dos jovens estudados em seu contexto social, o que implica desvendar “as articulações pelas quais as sociedades produzem cultura e o modo como a cultura, por sua vez, conforma a sociedade por meio de sua influência sobre indivíduos e grupos” (KELLNER, 2001, 23).

Pressupõe-se que a cultura e o modo de vida de cada jovem podem influenciar na maneira dele assistir à televisão. Com esse entendimento, o objetivo desta dissertação é compreender a recepção da telenovela “Viva a vida”, da Rede Globo, entre jovens das cidades de Curitiba e Cidade Gaúcha, Estado do Paraná.

Para o alcance do objetivo proposto opta-se pela pesquisa qualitativa que se articula às considerações de Godoy (1995), pois:

Considera o ambiente como fonte direta dos dados e o pesquisador como instrumento chave; possui caráter descritivo; o processo é o foco principal de abordagem e não o resultado ou o produto; a análise dos dados foi realizada de forma intuitiva e indutivamente pelo pesquisador; não requereu o uso de técnicas e métodos estatísticos; e, por fim, teve como preocupação maior a interpretação de fenômenos e a atribuição de resultados (GODOY, 1995, p. 58).

A pesquisa qualitativa não procura enumerar e/ou medir os eventos estudados, nem emprega instrumental estatístico para a análise dos dados. Entretanto, parte de questões ou focos de interesses amplos que se definem à medida que o estudo se desenvolve. Envolve a obtenção de dados descritivos sobre pessoas, lugares e processos interativos pelo contato direto do pesquisador com a situação estudada; busca compreender os fenômenos segundo a perspectiva dos sujeitos, ou seja, dos participantes da situação em estudo (GODOY, 1995).

Com base em tais considerações, a abordagem metodológica para o desenvolvimento do estudo, privilegia o campo da investigação social com destaque às situações mais adequadas para a sua aplicação.

A pesquisa conta com a participação de 21 (vinte e um) jovens com diferentes idades, níveis sociais, gênero, raça e orientação sexual, de locais com características diferenciadas: a cidade de Curitiba, capital do Estado do Paraná e Cidade Gaúcha, pequena cidade do interior do mesmo Estado.

Para demarcar o caminho metodológico e os limites da pesquisa, elege-se a técnica de grupos focais, entrevistas semiestruturada e observações, considerando a importância dessas técnicas no âmbito da pesquisa social. Assim como quaisquer outros instrumentos, o de grupos focais encontra-se condicionada à orientação teórico-metodológica e do objeto da investigação e da real necessidade da obtenção de dados e informações a coletar. Isso exige esforços analíticos para (re) interpretação e envolve um trabalho em consonância com as demandas dos sujeitos participantes da pesquisa.

A entrevista é um instrumento muito útil para a pesquisa. Sua característica fundamental é a relação dialógica entre duas ou mais pessoas, daí, a ênfase maior em seu caráter subjetivo. Tem essa característica porque implica no uso de algumas técnicas e métodos escolhidos propositalmente pelo entrevistador/pesquisador, para alcançar algumas informações do entrevistado (SELLTIZ; DEUTSCH; COOK, 1989). Com base nesses mesmos autores, as observações proporcionam um contato direto e prolongado do pesquisador com a situação dos jovens selecionados.

Para responder à problemática da pesquisa se realizarão observações durante os meses de abril e maio de 2010 e maio de 2001, em Curitiba, e Cidade Gaúcha. O objetivo é assistir à novela, discutir com os mini grupos focais e entrevistar os jovens das duas cidades eleitas, com o propósito de levantar material para a análise do seu discurso, a fim de descobrir seus valores e as mediações interferentes na maneira de significar a telenovela.

As observações a se realizar em casa consistem em assistir à telenovela junto com os jovens e anotar as suas reações às mensagens, durante um capítulo. O intuito é captar se nas reações, os códigos de dominação, negociação ou oposição, propostos por Hall (2006) estão presentes. Também será necessário conversar com cada jovem antes da observação, para saber mais sobre o seu perfil e, posteriormente, cruzar com os dados obtidos.

Depois dos minigrupos focais, realiza-se uma entrevista, com a diferença de proceder a uma seleção prévia do material, a que os jovens serão expostos, ou seja, os dois grupos assistirão as mesmas cenas: dois em Curitiba e dois em Cidade Gaúcha. Para tal, se discutirão os temas, mas sem anotações de como eles assistiram, haja vista que o interesse nessa etapa é avaliar, por meio de debates, os valores e mediações que apareceram.

Já nas entrevistas, a intenção é verificar individualmente, sem a influência do grupo, os valores de cada um para traçar o perfil dos jovens participantes, com a tentativa de identificar as possíveis instituições e elementos passíveis de mediação, para a análise posterior. Abordam-se nesse contexto, alguns temas da novela, sem focar diretamente, o assunto novela. Na verdade, como a novela normalmente, veicula temas do cotidiano, incluem-se esses enfoques na entrevista.

Quatro jovens comporão os quatro minigrupos focais, com exceção de um de Curitiba, com três jovens, de idades próximas, mas variadas e de rendas díspares. O limite de idade considera jovens entre 15 e 24 anos, pois nessa faixa etária, a escolaridade também é um elemento não linear, alguns ainda não chegaram à faculdade enquanto outros, já a frequentam.

A atenção a esse detalhe é muito importante quando se considera as mediações pelas quais passam as opiniões dos agentes. Também, se fará uma pesquisa com cada jovem, para mesclá-la com os resultados dos grupos, com a finalidade de pensar em elementos coletivos através do individual, o que auxilia a compreensão do comportamento.

A intenção é entender como a vida individual dos jovens se funde à social, analisando, primeiro, as opiniões em grupo, mescladas às particulares que se materializam no perfil de cada um, ao longo da análise.

Os minigrupos focais se constituirão em fontes de informação. Na Cidade Gaúcha haverá dois grupos, de quatro jovens cada um, representados com nomes fictícios. Do primeiro grupo, ou Grupo I, participarão Beto, Marla, Alice, e Paulik, todos com 19 anos. No Grupo II, os sujeitos são mais novos cronologicamente, atendendo ao requisito de apresentar uma multiplicidade de opiniões provenientes de fontes com características diferenciadas: Avelardo, 15 anos, Tom, 16 anos, Helen, 17 anos e Sara, 17 anos, todos proveniente de

uma parcela mais carente da população, com menos recursos financeiros do que o Grupo I.

A diferença de idade interfere nas características dos jovens, considerando que os mais novos ainda não entraram na universidade, fato que permite uma inserção social relevante que contribui para um olhar mais atento do telespectador, elemento passível de observação somente durante a análise.

Em Curitiba, também se constituirão dois grupos focais, denominados de Grupo III, com três jovens do sexo feminino: Julia, 17, Beatriz, 16, e Tatiana com 21 anos. No Grupo IV figuram dois rapazes e duas moças: Regina, 17, Cláudia 17, Paulo, 21, e Carlos 24 anos. Ao longo da análise apresentam-se os perfis desses jovens, associados ao modo que reelaboram a mensagem televisiva.

As discussões dos minigrupos focais se pautam em temas abertos, com exposição de algumas cenas da novela “Viver a Vida”, para proceder às discussões. Por vezes, o moderador auxiliará no processo ao indicar um tema, mas, na maioria das vezes, os jovens indicarão o que desejam discutir, de acordo com o que visualizam na trama, contudo, os temas não se restringem ao apresentado, uma vez que todos eles acompanham o folhetim. Seguidamente, se incluirão cenas não expostas, enriquecendo as discussões, com o intuito de mostrar as inserções, mediações e códigos de cada participante, incluindo seu perfil, que é um alicerce para a análise que se pretende.

Assim, o trabalho mostra a aproximação analítica dos minigrupos focais, entrevistas e observações realizadas nas cidades de Curitiba e Cidade Gaúcha, resultando em comparações entre opiniões advindas de grupos diferentes, com inserções sociais também diferenciadas. Trabalha-se com a hipótese de que quanto maior o número de inserções, os jovens com uma relação sofisticada com os conteúdos, têm maior possibilidade de oferecer resistência.

Curitiba, fundada em 1693, é a capital do Paraná, um dos três Estados da Região Sul do Brasil. A cidade passou por diversos ciclos econômicos, como o da mineração, dos tropeiros, da erva mate e da madeira. Pouco a pouco, ela se integrou aos costumes dos imigrantes, com suas festas religiosas e cívicas. Suas contribuições à cultura se visualizam nos memoriais, parques e

bosques municipais. Atualmente, Curitiba é uma cidade planejada e premiada internacionalmente pela gestão urbana, pelo cuidado com o meio ambiente e pela eficiência do transporte coletivo. Sua população está em torno de 1.851.215 habitantes.

Cidade Gaúcha é uma cidadezinha do interior e como a maioria das cidades do norte - noroeste paranaense, surgiu do movimento colonizador em busca de terras férteis para a lavoura cafeeira e para pastagens. Foi fundada em 1951 e os primeiros colonizadores vieram principalmente, do Rio Grande do Sul e de Santa Catarina.

Assim como em todo o noroeste do Paraná, no município de Cidade Gaúcha predominou a lavoura tradicional, com destaque para o café, que participou com mais de 85% do valor bruto da produção regional. Após essa fase, iniciou a modernização agrícola diversificada e rica em elementos de exportação, sobretudo, os derivados da cana-de-açúcar, o cultivo do algodão, pecuária e produtos de subsistência como arroz, feijão e milho, para abastecer o mercado interno. Atualmente, a cidade possui um parque industrial alcooleiro, denominado USACIGA – Açúcar, Álcool e Energia Elétrica S/A, que é a maior indústria da cidade, empregando 30% da população, mais de três mil habitantes. A população dessa cidade é de 11.079 habitantes e ela carece de atrativos culturais. Os jovens costumam sair à noite para se encontrar nas lanchonetes do pequeno centro da cidade.

Busca-se, portanto, tecer comparações entre as observações e grupos focais, com as inserções sociais, ou seja, os grupos, instituições e práticas onde os agentes se inserem no cotidiano, na tentativa de compreender que tipo de mediação e de código incide em cada caso.

A presente dissertação se divide em quatro capítulos, assim constituídos:

Primeiramente, apresenta a introdução, contextualiza o tema, o problema, a justificativa, o objetivo proposto, com destaque aos procedimentos metodológicos. Evidencia ainda, a caracterização da pesquisa, os participantes e os instrumentos de coleta de dados para investigação.

No desenvolvimento mostra, inicialmente, a cultura e poder na recepção televisiva dos jovens, com destaque para a questão do poder como elemento de cultura do cotidiano. Na sequência, versa sobre a condição sociológica da

amostra e a sua relação com os meios de comunicação, ressaltando aspectos relativos à cultura dos pesquisados.

Na continuidade, expõe os estudos sobre recepção e mediação, apresenta considerações a respeito da recepção no campo da Comunicação, por considerar que cada sujeito interage com variados núcleos sociais, cujas referências se confrontam ou não, com os conteúdos emitidos. Ainda se aborda a recepção relativa à cultura, mais especificamente na América Latina. Nesse contexto, concebe “cultura” como um elemento dinâmico que se transforma a cada momento, integrando a constituição das identidades dos sujeitos. Discute também, a mediação para entender a recepção, vista como uma prática diferenciada, presente no cotidiano dos agentes.

A seguir, reflete sobre o papel da identidade como mediação na recepção de mensagens da telenovela e faz menção à questão da identidade como mediação na recepção de mensagens do folhetim. Na sequência, distingue a novela como produto exploratório dos valores e identidades sociais e discorre sobre a sua importância, para os jovens. Aponta que a geração atual cresceu vendo telenovelas, construindo intimidades e tendo-as, portanto, como recursos reflexivos privilegiados. Enquanto veem seus valores reproduzidos no campo ficcional, os jovens introjetam outros novos que se somam ao campo do cotidiano. Apresenta brevemente, o enredo da novela “Viver a Vida” na tentativa de situar as temáticas da trama.

Depois, elenca os resultados e discussões da pesquisa realizada com os jovens dos grupos focais de Cidade Gaúcha e Curitiba, com base nos dados coletados nas entrevistas e observações. Para a discussão, dividem-se em tópicos as temáticas suscitadas pelos jovens, conforme aparecem nos discursos dos pesquisados. Por ordem sequencial, os assuntos se distribuem em: a adoção por homossexuais; racismo; preconceito e discriminação; o namoro e a deficiência física; o alcoolismo; a vida das modelos; a questão da traição; gravidez; paternidade e machismo; a infância; violência e drogas; aborto; riqueza e pobreza

Por fim, apresentam-se as conclusões sobre o estudo proposto.

2 RECEPÇÃO TELEVISIVA E RELAÇÕES DE FORÇA NO COTIDIANO DOS JOVENS

Este capítulo tem como objetivo compreender aspectos relevantes e mobilizar ferramentas conceituais pertinentes à análise da prática de poder cotidiano no campo cultural, especialmente, no que se refere à cultura e ao poder, na recepção televisiva dos jovens. Com esse propósito, primeiramente, aborda-se o poder como relação que perpassa o cotidiano e a cultura. Considera-se importante analisar as relações de poder, além dos limites restritos ao Estado e suas instituições. Nesse viés, há interesse em refletir sobre as práticas de poder que transcorrem em diferentes dimensões quando abarcam a moral, os hábitos, os costumes e normas que envolvem os agentes sociais.

A partir dessa perspectiva, é possível tratar da condição sociológica dos jovens e suas relações com os meios de comunicação. Então, discutem-se aspectos importantes da cultura dos jovens, não se limitando a entendê-los apenas como membros de uma mesma geração, embora as gerações estejam marcadas por características coletivas. A intenção é superar categorizações naturalizantes, definindo os jovens como grupo que compartilha experiências comuns no processo social de transição da infância para a vida adulta. Por conseguinte, busca-se desvendar outras formas de olhar para a categoria “juventude”, além daquela que a delimita como uma faixa etária, um período da vida ou um momento de importantes mudanças psicológicas no indivíduo.

2.1 O PODER NO COTIDIANO

Vários autores enfatizam que as relações de poder não se limitam à esfera do Estado e das instituições. O poder soberano, tema tradicional da Filosofia Política e da Ciência Política, compreende uma dimensão importante

das relações sociais, sem dúvida. Mas, ao focar exclusivamente as disputas no circuito que envolve os partidos, as arenas legislativas, as instâncias judiciárias, enfim, os bastidores do Estado, é possível desvalorizar os confrontos que, de certo modo, antecedem o processo político decisório tradicional. Tudo indica que o jogo cotidiano de forças, que envolve práticas e instituições culturais, imprime nos atores sociais características simbólicas e de identidade que interferem significativamente, nas chances de entrada, posicionamento e desempenho no campo do poder soberano.

É preciso sublinhar que as relações cotidianas de poder têm peculiaridades e, em grande medida, opostas àquelas apresentadas pelo poder soberano que é: centralizado, vertical, predominantemente repressivo, supõe um sujeito no seu exercício, na sua posse, seja ele, a classe, o líder ou o próprio Estado, e também, um agente sem poder, que é a sua vítima, o dominado. Por outro lado, as relações de poder que perpassam o campo cultural, o poder normativo (FOUCAULT, 1985) se entende como: disperso, horizontal, relacional que decorre dos diversos agentes e instituições. Tem ainda a capacidade de definir largamente, o perfil dos agentes que envolve. Nesse sentido, as relações de poder se constituem de comportamentos e sujeição. Nesse viés, o caráter relacional do poder abre a possibilidade da resistência.

É interessante apreender as relações de poder, quaisquer que sejam, ampliando as fronteiras de interesse da Ciência Política. Trata-se de enfatizar as relações de força no cotidiano, não para entender apenas a essência do poder, mas antes de tudo, a sua dinâmica.

Bourdieu (2002) é um dos autores que contribui para ampliação das fronteiras do jogo político. Seu conceito de "campo" se refere tanto a um "campo de forças", pois constrange os agentes nele inseridos, quanto a um "campo de lutas", no qual os agentes atuam conforme suas posições, mantendo ou modificando sua estrutura. O autor entende que, quanto mais o campo estiver em condições de funcionar como campo de uma competição pela legitimidade cultural, tanto mais a produção pode e deve orientar-se para

a busca das distinções culturalmente pertinentes em um determinado estágio de um dado campo².

Bourdieu (2002) faz menção ao poder simbólico, presente num determinado campo que é expresso pelo autor, como um tipo de poder social, atribuindo aos seus possuidores a legitimidade pela enunciação legítima da palavra, ou como explicita Bourdieu, o poder simbólico é um poder invisível que só pode ser exercido com a cumplicidade daqueles que lhe estão sujeitos ou mesmo, os que o exercem.

Considerando as implicações políticas na relação de cultura e poder, Barbero (2008) entende que:

[...] a política suprime a cultura como campo de interesse a partir do momento em que aceita uma visão instrumental do poder. O poder se constitui dos aparatos, das instituições, das armas, do controle sobre os meios e os recursos, das organizações. Tributária dessa visão de poder a política não pôde levar a cultura a sério, exceto onde ela se encontra institucionalizada (BARBERO, 2008, p. 288).

Ao pensar na perspectiva de poder e cultura Reis (2000) argumenta que outras esferas sociais, além da política, comportam forças capazes de construir discursos de poder importantes para compreender a atitude dos agentes sociais, submetidos às mensagens dos meios de comunicação. A esse respeito o autor afirma:

Há uma tendência frequente a associar a idéia de política como uma 'espécie' de pedaço da realidade social total, que seria o pedaço correspondente ao Estado. [...] Mas não há porque abrir mão da idéia de poder em sentido mais amplo e ambicioso, no sentido genérico em que a expressão se torna, precisamente, equivalente à idéia de interação estratégica ou da busca de afirmação de si. Nesse sentido, além de falar de poder e interação estratégica no plano político-institucional e nas relações entre ricos e pobres [...] fala de poder nas relações que se estabelece entre pessoas de raças diferentes, de religiões diferentes, de sexos diferentes, de gerações diferentes – enfim, rigorosamente, qualquer coisa pode ser motivo para a interação de tipo estratégico, em que uns procuram prevalecer ou

² Busca dos temas, técnicas e estilos que são dotados como valor na economia específica do campo, pela capacidade de fazer existir culturalmente, os grupos que os produzem. Conferir-lhes um valor propriamente cultural atribuindo-lhes marcas de distinção (uma especialidade, uma maneira, um estilo) reconhecidas pelo campo como culturalmente pertinentes e, assim passíveis de percepção e reconhecidas enquanto tais, em função das taxinomias culturais, disponíveis em um determinado estágio de um dado campo (BOURDIEU, 1998).

afirmar-se sobre os demais, e em que se trata propriamente de *interesses* e de conflito (REIS, 2000, p. 14).

Na visão de Reis, o poder como problema ou como tema analítico, envolto pela necessidade de sua superação, é traço fundamental para a autonomia que cada agente social constrói e/ou impõe (REIS, 2000).

Para Hayward (2003), o poder não deve ser entendido como um agente de potência ilimitada, contudo, como uma gama de mecanismos sociopolíticos que limitam a ação de todos os agentes sociais. Tais limites se estendem aos campos da moral, dos hábitos, costumes e normas a que estão submetidos os sujeitos nas mais diferentes esferas sociais. A autora compreende as preferências dos agentes sociais como elementos que sofrem influências e que estão submetidos aos mais variados processos, sem que, muitas vezes, se deem conta de seus recursos.

A perspectiva suscitada por Hayward (2003) amplia a possibilidade de compreensão do papel das mensagens midiáticas nas relações de poder cotidianas, nas lutas na construção das identidades individuais e coletivas e no jogo de forças, que envolve a busca de autonomia de cada agente social.

Hayward escreve sob inspiração de Foucault (1995) para quem, onde há poder, há resistência. O poder, nesse sentido, não se constitui num elemento em separado, mas está disseminado na sociedade. O autor desenvolve uma concepção nominalista do poder na qual as ideias de posse, origem, campo de ação, entre outras, são substituídas pela hipótese de que o “poder” é o nome dado a uma relação, ou, ao conjunto de relações difundidas no mundo social, numa trama complexa e heterogênea, onde também se apresentam as resistências ao poder.

Sempre associadas a saberes, a “verdades”, as relações de poder atuam sobre o corpo, não, reprimindo, mas constituindo normalizações, enfim, subjetividades. A instituição psiquiátrica, ao combinar práticas de poder e de saber, age sobre o corpo do louco constituindo-o, como doente mental. Outro exemplo está nas prisões que, ao combinarem diferentes práticas institucionais de saber e poder normativos produzem a categoria do “delinquente”; assim como, o discursos e práticas em torno da “sexualidade” formam subjetividades associadas ao comportamento sexual, na contemporaneidade.

Reis (2002) comenta o poder no registro das relações cotidianas e enfatiza seu papel fundamental no jogo de cerceamento da autonomia. Resistir ao poder é, em certa medida, ser capaz de se constituir como autônomo, enfim, ser capaz de “escolher suas preferências”.

Nas palavras do autor:

Há a possibilidade de se falar de liberdade ou de autonomia num primeiro sentido em que se trata de você ser capaz de realizar suas preferências. Mas há outro sentido, certamente mais rico, mais importante, que é o de você ter escolhido essas preferências. É crucial que, em alguma medida, seja você mesmo a escolher suas preferências, que você seja o autor de si mesmo (REIS, 2002, p. 18).

A partir dessa perspectiva, é interessante e pertinente discutir as condições para autonomia, associada à noção de identidade, pois, um agente qualquer só será capaz de avaliar suas preferências se existirem para si, tanto do ponto de vista coletivo, quanto individual. Para falar em identidade, é necessário reconhecer o “lastro social” a que qualquer agente está exposto. “É ilusório pretender recuar a uma espécie de ponto zero em que você se tenha libertado de todo e qualquer condicionamento social e supor que aí você seria autenticamente você mesmo” (REIS, 2000, p. 18).

Uma vez que se reconhece que a identidade é fruto de relações de poder e os campos de ação estão necessariamente limitados por meio de processos de aculturação e formação de identidade (HAYWARD, 2003), passa-se a rejeitar uma visão do poder que implica, exclusivamente, na possibilidade de distinguir a ação livre da ação modelada por constrangimentos, promovidos por outros atores. Ou seja, poder não se restringe essencialmente, à força repressiva enquanto propriedade de uns que se impõe aos outros, sem poder. Nesse viés, é legítimo pensar que instituições como a mídia, exercem um papel importante na luta pela formação das identidades, pois elas trabalham com práticas discursivas, valores e dimensões de identificação, constituindo-se em um campo de reprodução de papéis sociais, de sujeição ou de resistência.

O campo da produção e reprodução de mensagens é marcado por relações de poder e resistência. Equivale dizer que, apesar de a recepção depender, de alguma forma, do modo como a produção é veiculada, não depende dela, a leitura da mensagem. Entretanto, ela ganha significado a partir do indivíduo e de suas relações com o mundo.

Por isso mesmo, Hall (2006b) analisa a individualização e a ação do sujeito, entendendo que cada código carrega consigo a possibilidade de múltiplos significados. Os signos icônicos, que a televisão transmite, são signos codificados. Para esse autor, a articulação de um signo arbitrário, seja visual ou verbal, com o conceito de um referente, é um produto não da natureza, mas de uma convenção construída no processo social. Assim sendo, o convencionalismo dos discursos requer a intervenção e o apoio dos códigos, entendidos como o caminho para determinar qual tipo de leitura que os receptores fazem de um discurso.

Os códigos permitem uma investigação a respeito de como o agente recebe e processa uma mensagem televisiva, por exemplo. Assim, são três os códigos propostos por Hall (2006b), que identificam o tipo de processamento que o sujeito aplica à mensagem recebida. Se o sujeito se apropriou do sentido emitido e decodificou de maneira literal, isto é, entendeu a mensagem nos termos em que ela lhe foi dirigida, sem alterações, o autor denomina essa situação como “código dominante ou hegemônico”. No entanto, se ao processar a mensagem, o receptor praticou uma mistura da leitura hegemônica com a leitura de oposição, o que significa contrária, ele operou a mensagem de forma “negociada”. O terceiro caso é a leitura própria da oposição e se refere à recepção de uma mensagem com a decodificação literalmente oposta. O “código de oposição” acontece quando o telespectador entende a mensagem de forma conotativa e literal, contudo, decodifica-a de maneira contrária. São aquelas situações em que os acontecimentos onde as mensagens normalmente, significadas ou decodificadas de forma negociada, ganham uma visão contestatória (HALL, 2006). Trata-se de uma batalha “política” em torno da significação, uma verdadeira luta discursiva.

Com esse entendimento, o receptor pode ler de forma dominante, negociada, ou francamente oposicionista, assim, ele jamais é passivo. Além disso, não se pode tomar a audiência como uma totalidade coesa, devendo-se

ao contrário, seccioná-la em grupos sociais segundo raça, classe, gênero, entre outros.

No domínio social observam-se as inclinações dos sujeitos, suas preferências e os conflitos aos quais estão expostos. Conforme Barbero (2008) é no campo da política cotidiana que se constrói o sujeito e sua identidade. Portanto, surge uma valorização completamente nova do cultural que traz como consequência uma percepção de dimensões inovadoras do conflito social e a formação de novos sujeitos: regionais, religiosos, geracionais, cada qual, com seu modo de rebeldia e resistência.

Barbero (2008, p. 298) entende que “[...] para a redefinição da cultura, é fundamental a compreensão de sua natureza comunicativa. Isto é, seu caráter produtor de significações e não de mera circulação de informações”. Conforme o autor, as mediações são os espaços sociais com os quais o receptor interage e que podem ou não, alterar a maneira como o indivíduo recebe uma mensagem.

Todas as expressões de conflito são, em certa medida, demonstrações de poder. É justamente a essa constatação que as mediações respondem. Elas mostram a existência de todo um sistema que contribui para a transformação de identidades, revela interesses e inclinações, mostra, enfim, como a cultura permeia as instituições, nesse caso, a mídia ou mais especificamente, a televisão (HALL, 2006; BARBERO, 2008).

A seguir, situa-se o contexto de vida dos jovens contemporâneos para uma maior compreensão de sua condição sociológica e a relação com os meios de comunicação. Isso inclui sua condição identitária frente à cultura midiática.

2.2 CONDIÇÃO SOCIOLÓGICA DOS JOVENS E A RELAÇÃO COM OS MEIOS DE COMUNICAÇÃO

“Juventude” deve ser entendida como uma categoria cultural e sociológica, pois, são as práticas e experiências sociais que a compõe, e ela não se reduz a um grupo de determinada faixa etária. Uma definição nesses termos conduz à naturalização.

Assumindo a “juventude” como uma etapa da vida, tem-se que os jovens possuem características próprias, denominadas de geracionais. “Uma geração pode ser definida como tal, na medida em que possui um estilo de ação peculiar que se distingue do estilo de ação preexistente, desenvolvido por uma geração anterior” (FORACCHI, 1972, p. 20). Para essa autora, os valores se colocam diante de uma situação social. Isto equivale a dizer que os membros de uma geração estão numa mesma fase do processo coletivo, que se manifesta nas experiências de vida, quando compartilham situações parecidas e ao mesmo tempo, devido à semelhança de sua inserção na estrutura social. No momento em que se definem socialmente como membros de uma geração, os jovens se situam numa atitude de abertura e de permeabilidade às experiências sociais, ao processo histórico social.

Por outro lado, o fato de a juventude faltar experiência só ilumina o lastro dos jovens; isso facilita a sua vida no mundo em mutação. Uma pessoa é velha quando vive numa estrutura específica individualmente adquirida de experiências passadas utilizáveis, de tal forma que nova experiência tem a sua forma e o seu lugar largamente definido à partida. Na juventude, por seu turno, para quem a vida é novidade, as forças formativas estão a consolidar-se e as atitudes básicas do desenvolvimento podem tirar partido do poder modelador das novas situações. Assim, uma raça humana que vivesse para sempre teria de aprender a esquecer para compensar a ausências de gerações novas (MANNHEIM, 1952, p. 143).

A juventude compreende um período passageiro, onde se “está jovem”, e não se “é jovem” eternamente, por isso mesmo, a juventude se caracteriza por um momento histórico e social. Assim, pode-se pensar em diferentes gerações e tipos de juventude diferenciados, cada uma com sua particularidade e vinculada a um contexto social.

Foracchi (1972) ressalta que a distância entre as gerações, que se manifesta sob a forma de conflito, costuma ser marcada por um ato de contestação, de rejeição da condição adulta aos moldes que a sociedade impõe. Mas, ao mesmo tempo, contra a coação externa das normas, a rebeldia de grande parte dos jovens, por exemplo, pode ser uma maneira de interiorizar valores. Tornar-se adulto não significa apenas deixar de ser jovem, no entanto, aceitar as opções de vida que o sistema oferece para um adulto.

Desse modo:

O conflito das gerações desloca-se para o plano da sociedade e polariza-se numa proposição aberta que também transcende jovens e adultos e que se resume em aceitar o sistema, usufruindo as oportunidades de vida com que ele acena ou em rejeitar o sistema, tentando reconstruí-lo total ou parcialmente, realizando-se pessoalmente nesse esforço de reconstrução (FORACCHI, 1972, p. 30).

A respeito da dificuldade em conceituar a categoria “jovens”, Sousa (1999) explicita que ela é como uma construção sociocultural, que mantém através dos tempos, alguns elementos universais que a diferenciam. Sendo assim, encontra-se imersa num contexto histórico que não se pode ignorar. “Compreender a subjetividade jovem é compreender as regras que valem também para a humanidade, cujo conhecimento está na capacidade de participação social, na educação, no trabalho, na própria história” (SOUSA, 1999, p.15). Para o autor, apesar de considerar algumas noções próprias da juventude, elas não equivalem a conceitos. O que é determinante para um conceito de “juventude” corresponde ao lugar, tempo e condição em que vivem os jovens.

Na visão de Abramo (2008), a juventude também é uma construção histórica que, em um contexto social com o qual não se identifica, produz relações específicas diante do quadro que se apresenta. Então, é viável entender o sentido da autonomia para cada jovem: se é rebelde ou inserido no sistema, por exemplo. Só o choque pessoal e/ou coletivo com o momento histórico, revela os atributos de cada indivíduo nas categorias em que está inserido e poderá determinar conteúdos identitários.

A identidade dos jovens interessa à medida que desvende seus valores. Hall (2006) afirma que as identidades estão em constante negociação e no mundo dos jovens, não é diferente. A identidade dos tempos atuais não é fixa e não comporta movimentos previsíveis.

Dessa forma, a juventude é uma relação social que o jovem vivencia. A transitoriedade da vida jovem pode ser considerada como “[...] *um dos elementos constitutivos de análise dos comportamentos juvenis, sem que lhes atribua à condição de conteúdos inatos*” (SOUSA, 1999, p.25 – grifos no original).

Morduchowicz (2008) assevera que na cultura se encontra o cenário onde os jovens se percebem como são e constroem o sentido de

pertencimento e que, é vivenciando as relações culturais, que os jovens encontram sua definição social. O autor comenta que, por muitas gerações, os jovens se libertavam do jugo familiar e impunham sua independência através do trabalho e do matrimônio. Na sociedade atual, a conectividade com a mídia e o consumo simbólico são as forças motrizes de uma independência que difere daquela vivida em outras gerações.

É precisamente por essa estreita relação entre consumo cultural e identidade, que Morduchowicz (2008) explora a maneira com que a mídia televisiva é ressignificada pelos jovens. Por causa da segmentação do público, a televisão provoca uma ruptura na casa das famílias devido à popularização dos meios, fazendo com que, em alguns domicílios, cada um tenha a sua tela. O espaço doméstico se modificou e as dinâmicas familiares também. Assim, não é apenas nas áreas comuns que a televisão está instalada.

O deslocamento provocado pelo meio televisivo, por exemplo, contribui para a divisão dos espaços dentro da casa, determinando até mesmo, os horários que os indivíduos elegem para a realização das tarefas domésticas. A televisão regula também, o momento da tarefa escolar e a hora de dormir. Quando o consumo é solitário, a mediação familiar fica claramente prejudicada, pelo menos de imediato, porque o que o jovem operacionaliza na hora da leitura de uma mensagem, são os valores familiares já incrustados em sua identidade (MORDUCHOWICZ, 2008).

As mudanças na tecnologia da esfera da Comunicação Social supõem transformações substantivas nas práticas sociais que geram. Segundo Orozco (2002), tais práticas induzem a dois componentes dignos de atenção: a socialidade e a ritualidade. Por socialidade, o autor entende o conjunto de negociações que os atores sociais exercem, no caso, os jovens, entre os referentes e os outros atores no processo comunicativo e de gestação de significados. A predominância de umas comunidades interpretativas sobre outras, as diferentes competências dos atores, assim como as circunstâncias mais ou menos favoráveis à produção simbólica, relacionam-se em circuitos de resistência, confrontação, aceitação, proposição e debate.

Às vezes, torna-se difícil alterar costumes coletivos e individuais dos jovens, frente aos referentes informativos, mediáticos e não mediáticos que sustentam a ritualidade comunicativa. Essa ritualidade em relação aos meios,

aos gêneros programáticos e por suposto, à tecnologia, é a que opera os graus de apropriação ou de abandono desses referentes, processos que supõem habituação e tempo.

Assim, percebe-se o conceito de mediação como “significar o descentramento da comunicação dos meios” o qual assume que a cultura dos jovens é a principal mediação da qual, posteriormente, decorrem diversas mediações específicas. Então, é preciso entender o jogo da mediação “como ponto de partida, abandonar a ideia de que as mediações vêm só dos meios e que são em certa maneira sua extensão. As mediações precisam ser compreendidas como processos estruturantes provenientes de diversas fontes, que incidem nos processos de comunicação dos jovens e integram as interações comunicativas dos mesmos” (GOMEZ, 2002, p?).

O autor supracitado comenta que se antes, as instituições eram muito importantes para a definição e produção de sentido dos jovens, como a escola e o Estado, agora, outros interesse superam as instituições típicas da modernidade. Nesse contexto, os meios de comunicação, em específico, a mídia televisiva, adquirem importância, provocando processual desaparecimento de outras mediações.

Compreende-se que a característica das sociedades de hoje consiste em audiências múltiplas, de diversos meios e de diferentes tipos de referentes mediáticos e tecnológicos. As mediações provenientes dessa condição têm aumentado significativamente os modos ilustrados, orais e escritos de percepção, apropriação, produção e circulação de saberes, conhecimentos, juízos, opiniões e noções, incidindo na transformação deslocada de alguns usos sociais, do que é entendido como apropriado e reproduzido pelos atores sociais.

Com base nessa compreensão, a seguir apresenta-se a discussão sobre recepção e mediação, com destaque ao campo da Comunicação.

3 ESTUDOS SOBRE RECEPÇÃO E MEDIAÇÃO

O objetivo deste capítulo é discutir as concepções de mediação. Com esse propósito, primeiramente, tecem-se considerações relativas ao estudo da recepção no campo da Comunicação, considerando que cada sujeito interage com variados núcleos sociais, cujas referências se confrontam ou não, com os conteúdos emitidos. Na sequência, versa-se a respeito da recepção pela via dos estudos culturais. Assim, apresenta-se a cultura como um elemento dinâmico que se transforma a cada momento, integrando a constituição das identidades dos sujeitos.

Também se enfocam as pesquisas culturais, com ênfase na América Latina. Posteriormente, reflete-se sobre mediação para entender a recepção.

3.1 SOBRE O ESTUDO DA RECEPÇÃO NO CAMPO DA COMUNICAÇÃO

A concepção de espectador como um indivíduo passivo, presente nas primeiras abordagens da Teoria da Comunicação, foi substituída com o amadurecimento dessa disciplina. Nos estudos pioneiros, marcados pela utilização do rádio pelo Nazismo, concebiam-se os efeitos da comunicação sobre o receptor como de curto prazo, quando os meios desempenhavam um papel intencional, porém episódico: os indivíduos recebiam mensagens com o poder de mudar seus comportamentos. O efeito das emissões era profundo, mas, limitado no tempo.

Os novos estudos demonstram a complexidade da relação entre as mensagens e os receptores. Os indivíduos não recebem as emissões de forma passiva e o contexto sócio-cultural onde estão inseridos interfere

consideravelmente, no processamento das mensagens. Sendo assim, pesquisas recentes consideram as possibilidades do efeito da mídia sobre as pessoas, como uma ação de longo prazo, ou seja, os meios de comunicação exercem influências mediante exposição prolongada.

As relações que se estabelecem no cotidiano intervêm na interpretação dos indivíduos a respeito das informações veiculadas pela mídia. É o caso, por exemplo, de quem assiste a uma novela regularmente. Existe a possibilidade de imitar os padrões, como também, de rejeitá-los ou aceitá-los de maneira híbrida, isto é, de uma forma negociada. Nesse caso, os agentes não aceitem tudo, pois, confrontam parte do visualizado com a realidade vivenciada, de onde retiram subsídios para interpretar as mensagens. Portanto, os efeitos nessa situação, não são diretos e contundentes, contudo, difusos e em menor grau, do que se imagina.

Nessa perspectiva, o poder da mídia sobre os telespectadores, é menos importante do que o previsto. Diante desse fato, é difícil explicar seu papel como suposta manipuladora e os pesquisadores refletem sobre os tipos e graus de influência que a mídia exerce sobre o destinatário. Este, por sua vez, está inserido em um ambiente cultural quando organiza as imagens recebidas. É fundamental considerar o contexto ao qual o receptor se integra para pensar as variações no modo de apreensão dos conteúdos midiáticos (WOLF, 2005).

Os avanços teóricos no campo da Comunicação superam as concepções que consideram o receptor como um recipiente vazio, ávido pelo consumo inerte do que a mídia produz. As análises sobre os efeitos da mídia se sofisticam e as pesquisas mostram que das mensagens resultam diferentes interpretações, conforme o tipo de vínculo dos atores sociais. Esses achados contribuem para que o foco dos estudos midiáticos se volte para o receptor.

Assim, aos poucos, nos anos 80 vão definindo-se novas modalidades de análise dos meios de comunicação (...). São implementados estudos de recepção dos meios massivos, especialmente, no que diz respeito aos programas televisivos. Também são alvo de atenção a literatura popular, séries televisivas e filmes de grande bilheteria. Todos estes tratam de dar visibilidade a audiência, isto é, aos sujeitos engajados na produção de sentidos. Também há um redirecionamento no que diz respeito aos protocolos de investigação. Estes passam a dar uma atenção crescente ao trabalho etnográfico (ESCOSTEGUY, 2001, p. 36).

Conforme Escosteguy (2001), as principais causas do resultado disforme, das diferentes interpretações, correspondem às orientações e valores individuais envolvidos no processamento das informações. Assim, é o receptor que deve ser alvo de estudo, e não os meios, quando se quer determinar a real significação de uma mensagem.

No Brasil, quando comparado com outros países, estava deficitário no estudo da recepção até a década de 1980, pois, o país era marcado por um forte esquema dualista, segundo o qual, ou se tomava como objeto os modos de reelaboração dos conteúdos culturais pelas classes populares, ou se adotava a interpretação de que tais conteúdos eram completamente modelados pela ação ideológica das classes dominantes (JACKS; ESCOSTEGUY, 2006).

A pesquisa brasileira em Comunicação privilegiava a investigação dos meios como objeto de estudo e não se perguntava sobre como os agentes ressemantizavam as mensagens. Segundo Jacks e Escosteguy (2006), lentamente, as pesquisas relativas ao meio e produção simbólicos se modificaram com a incorporação de um referencial, cujo foco se direcionou ao receptor e para o espaço cultural dos agentes, materializados nos ambiente institucionais, frequentados pelos receptores.

Grande parte dos estudos sobre recepção dos anos de oitenta, do século passado, destaca o esfera política para elucidar se os sujeitos expostos às mensagens têm uma margem de autonomia. A questão norteadora dessas pesquisas é: os sujeitos são capazes de ressemantizar aquilo que recebem? Para Jacks e Escosteguy (2006), apenas nos anos de 1990 chegou-se a um ponto de equilíbrio e a recepção foi vista como interação, enfim, como dimensão produtiva. Com esse entendimento, os receptores não deixam de se constituir em sujeitos sociais, quando expostos aos meios. Dessa forma, os processos de recepção são mediados por fontes diferenciadas.

A partir da década 1990, o interesse sobre esse tema se desenvolveu dispersamente, muitas vezes, produto de trabalhos individuais. Contudo, pesquisadores entenderam que estudar a recepção é um modo de trabalhar com as mensagens e com os atores sociais e seu contexto.

Quem estudou a telenovela sabe que o sentido dela tem muito mais a ver com a circulação da significação do que com a significação do texto. É contando a telenovela uns aos outros que se constrói seu sentido [...]. É nessa circulação de discursos que se constrói o sentido que finalmente vai ter a novela para o grupo social determinado (BARBERO, 1995, p. 95).

Valorizar a circulação da informação, considerando o contexto social é fundamental, e esse é um dos procedimentos empregados nesta investigação. A telenovela expressa uma forma de cultura que só pode ser apreendida ao se estudar aqueles que a compartilham, atentando para as suas reações, preferências e negações frente à dinâmica de uma sociedade reinventada na tela.

3.1.1 A Recepção pela Via dos Estudos Culturais

O campo das investigações culturais, ao abordar diversas esferas, investiga, além dos sujeitos, o contexto em que estão inseridos e a história que ajudam a construir. Tal postura relativiza a atuação da mídia quanto ao fato de influenciar o comportamento do receptor. Sendo assim, na redefinição empreendida pelos estudos culturais é fundamental a compreensão de sua natureza comunicativa, do seu caráter produtor de significações e “[...] não de mera circulação de informações, no qual o receptor, portanto, não é um simples decodificador daquilo que o emissor depositou na mensagem, mas também um produtor” (BARBERO, 2008, p. 289).

O receptor tem recursos para dialogar com as mensagens que recebe de maneira a recriar os conteúdos. “A fonte em que bebe para negociar com as mensagens televisivas, ou melhor, interagir com elas, está na própria cultura em que está inserido” (BARBERO, 2008, p. 289). Para o autor, por menor que seja a influência do receptor na recepção do conteúdo, ela é significativa e é nesse ponto, que se verifica o caráter comunicativo da cultura.

Durante muito tempo a pesquisa de audiência não admitiu os vários significados das palavras de um texto, dirigido aos telespectadores. Hall (2006) propôs uma maneira inovadora de realizar estudos de mídia, dando espaço para pensar a Comunicação como um circuito de sentidos, no qual não existe uma leitura pré-formada das mensagens. O autor aponta que apesar de

polissêmica, a mensagem sempre sugere um sentido. De acordo com Schiramm, “[...] o processo de produção de sentidos é restringido tanto pelas estruturas e mecanismos internos do texto que favorecem certas leituras e bloqueia outras, quanto pelas origens culturais do receptor” (SCHIRAMM, 2006, p. 14).

Para Hall (2006), a leitura não é uma ação apenas individual ou subjetivamente, mas compartilhada, uma vez que possui um viés institucional. As interpretações emergem da família, do campo profissional, das instituições e de outras práticas, constituindo-se em momentos diferenciados dentro da totalidade formada pelas relações sociais do processo comunicativo.

O processo da recepção abarca cada sujeito em seus papéis sociais representados no cotidiano. Tudo isso influencia na recepção da mensagem midiática. Para Schiramm (2006) todas as funções desempenhadas pelos agentes suscitam mensagens que se interseccionam com as midiáticas. A noção de que a mensagem tem vários significados revela uma abertura de sentido do texto, com uma intenção na mensagem. No entanto, apesar do caráter polissêmico da mensagem, existe um sentido que o emissor quer apresentar.

Nas palavras do autor:

[...] a mensagem é uma complexa estrutura em dominância, sustentada pela articulação de práticas conectadas, cada uma com suas condições de existência. Os momentos de codificação e decodificação são relativamente autônomos, em relação ao processo comunicativo como um todo, mas são momentos determinados (SCHIRAMM, 2006, p. 15).

A mensagem não é autoexplicativa, não sendo possível, pois, determinar sua interpretação somente através da sua leitura, uma vez que ela se encontra imersa num contexto sociocultural. Há autonomia em ambas as partes do circuito comunicativo, tanto na hora da produção da mensagem quanto no momento da leitura, portando variáveis culturais que não se revelam completamente: gênero, raça, enfim, associadas à elaboração da identidade.

A mídia, por sua vez, como fonte de dados para os estudos culturais, é apreendida enquanto instituição envolvida nos processos de aculturação das pessoas. Constrói materiais para estudar os sujeitos que participam de sua

atuação e revela quem eles são, seus valores e suas inclinações. Essa constatação não separa receptor da mídia, mas, o imagina como agente interconectado e a mídia, como participante da construção da identidade, assim como a escola, a religião e outras instituições relacionadas ao sistema em que as pessoas vivem (ESCOSTEGUY, 2001).

Nessa perspectiva, os estudos culturais investigam a dinâmica social dos agentes para entender sua relação com a cultura e identificam a interação entre sociedade e cultura. Atentas à reprodução cultural, as pesquisas culturais valorizam também, os processo de recriação da cultura.

As investigações da cultura formam um campo de intersecção de disciplinas com a finalidade de esclarecer as características da sociedade contemporânea. No que tange à audiência, evidencia a resistência dos indivíduos em se submeter ao exposto pela mídia. Essa abordagem cultural, quando se refere à Comunicação, desvenda uma rede de práticas sociais que induzem diferentes sujeitos a ler de forma comum uma mensagem, ou, ao contrário, sujeitos parecidos, com vivências semelhantes interpretem uma mensagem de formas díspares (JOHNSON, 2006).

Torna-se evidente a preocupação dos estudos culturais, em primeira mão, com os *mass media* e a sua capacidade de identificar as tendências da cultura contemporânea. “Em determinados momentos, a cultura popular resiste e impugna a cultura hegemônica; em outros, reproduz a concepção de mundo e de vida das classes hegemônicas” (ESCOSTEGUY, 2006, p. 149). Ele assevera que essa situação implica em um processo de reprodução e resistência que segue seu curso com viés cultural, constituído pelos sujeitos imersos nessa cultura. É esse olhar que orienta a análise desta dissertação, em relação à recepção midiática dos jovens. A intenção é averiguar os procedimentos de resistência e reprodução desses jovens e compreendê-los à luz das suas inserções sócio-culturais.

3.1.2 Os Estudos Culturais na América Latina

A interdisciplinaridade é uma particularidade dos estudos culturais. Esse fato permite entender essas pesquisas como disciplinas diferentes da maioria das que compõe esse campo de estudo. Os processos de comunicação são

parte das Ciências Sociais, estabelecendo uma vertente singular dos estudos culturais, “com forte atenção na base social dos processos culturais” (ESCOSTEGUY, 2001, p. 43). É interessante perceber que esse surgimento trouxe um legado característico da América Latina, qual seja:

[...] experiência do popular vinculada ao espaço da comunicação foi a protagonista da emergência dos estudos culturais no contexto latino americano. Por esta razão, o objeto preferencial de estudo desta perspectiva se concentra no espaço do popular, nas práticas da vida cotidiana, fortemente relacionadas com as relações de poder e conotação política. Esta é uma das singularidades do processo latino americano que se revela no acento do viés sócio cultural. Disciplinarmente evidenciado no triângulo comunicação, sociologia e antropologia (ESCOSTEGUY, 2001, p. 49).

As investigações culturais percorreram um longo caminho até chegar ao receptor. Um dos recursos para fugir à perspectiva mediocêntrica e atentar para um receptor mais ativo sugere o efeito das mediações sobre a mensagem dos receptores. Para Barbero (2008), a comunicação estudada na América Latina, antes dos anos 1980, desconsiderou a relevância do papel do público. Na verdade, o autor chama atenção para o fato de que o estudo hegemônico dos meios não deixa margem para a investigação de uma recepção mais ativa.

Por isso, ele afirma:

[...] entre emissores dominantes e receptores dominados, nenhuma sedução, nem resistência. Só a passividade do consumo e a alienação decifrada na imanência de uma mensagem – texto - nunca atravessada por conflitos e contradições, muito menos por lutas (BARBERO, 2008, p. 282).

Os estudos deste autor resgatam a vida, a iniciativa e a criatividade dos sujeitos. Esse é um ensinamento importante para a presente pesquisa. Barbero (2008) comenta que o processo de comunicação não se encontra no estudo dos meios, tampouco está nas mensagens de forma isolada, mas, na interação entre o meio e o receptor. O autor entende que um consumidor não somente crê, mas deixa pistas a respeito do que acredita, ao considerar os modos de uso dos meios.

A valorização da função do sujeito na recepção aconteceu aos poucos, enfatizando a produção de sentido ou a significação como centros de interesse. A concepção atual, conforme Barbero (2008) é de que não existe

um, mas muitos referentes, provenientes de outras fontes, como o contexto em que vive ou culturais: de geração, de gênero, e de etnia. Também são pertinentes aquelas que se pautam na história pessoal dos sujeitos sociais e de suas experiências, servindo de mediadores entre as interações específicas.

A bibliografia sobre o tema recepção reconhece que os membros das audiências são ativos e que sua atividade não consiste na mera reação a estímulos, ainda que as reações sejam inconscientes, obedecem a padrões socialmente estabelecidos, aprendidos ao longo de experiências particulares. Tais reflexões valorizam a criatividade e a iniciativa dos sujeitos em suas interações. A ação dos indivíduos se observa considerando os meios de comunicação, enfocando o cultural, social, histórico e político. (OROZCO, 2002).

Kellner (2003) se preocupa em teorizar o ambiente cultural que envolve a mídia:

[...] a cultura em seu sentido mais amplo é uma forma de atividade que implica alto grau de participação, na qual as pessoas criam sociedades e identidades. A cultura modela os indivíduos, evidenciando e cultivando suas potencialidades e capacidades de fala, ação e criatividade. A cultura da mídia participa ativamente deste processo (KELLNER, 2001, p.13).

Na visão do autor supracitado, é na cultura que se constroem os processos sociais de identificação, ou a aculturação. Essa relação entre cultura, comunicação e identidade é especialmente importante para esta pesquisa. Não é possível tornar-se um ser social sem estar envolvido em uma cultura, bem como não é viável compreender a mídia sem estar integrado à cultura da mídia. Para a cultura se constituir em um produto social é preciso mediação, por isso, para entender a cultura da mídia, recorre-se à mediação. Como explica Kellner: “[...] a comunicação por sua vez, é mediada pela cultura, é um modo pelo qual a cultura é disseminada, realizada e efetivada. Não há comunicação sem cultura, e não há cultura sem comunicação” (KELLNER, 2001, p. 53).

As pesquisas que envolvem cultura, necessitam de um olhar interdisciplinar e interagir com uma gama de formas de expressão da complexidade cultural e suas contradições. Dessa forma, é admissível

investigar a produção da mídia quando ela se apresenta como dominação, resistência ou mudança (KELLNER, 2001; BARBERO, 2008).

Esses estudos são sócio-históricos e materialistas, porque se atêm às origens e aos efeitos materiais da cultura e como ela desenvolve a dominação e a resistência. Eles utilizam métodos específicos para investigar eventos, discursos e tendências sociais, tanto ampla quanto restritamente, investigando determinantes de uma época com tendências políticas, além das características essenciais do cotidiano.

Há muitas formas de expressão contestadoras na cultura que resistem a códigos, práticas e ideologias da cultura predominante. Estas formas às vezes se evidenciam nos meios comerciais, mas são encontradas com mais frequência nas culturas alternativas e no dia-a-dia. Esse terreno é uma mina de ouro para os estudos culturais, e só está começando a ser explorado (KELNNER, 2001, p. 252).

A relação entre a cultura e os meios de comunicação de massa é o objeto principal dos estudos culturais. Essa tradição tem importância fundamental para este trabalho. Hall (2006) e Barbero (2008) desviam o foco da atenção dos efeitos da comunicação para o que denominam “mediações”. Assim, modificam-se os termos que influenciam a maneira como os agentes recebem e se apropriam das mensagens.

No item a seguir analisa-se o conceito de mediação que incide no entendimento do receptor das mensagens emitidas pela telenovela, atuando sobre os procedimentos de resistência e reprodução.

3.2 A MEDIAÇÃO COMO BASE DE ENTENDIMENTO PARA A RECEPÇÃO

Nos estudos de recepção considera-se que todo o processo de comunicação é mediado por diversas fontes e no jogo da mediação, cada sujeito interatua com suas referências. Nas interações em Comunicação, os sujeitos são definidos como sociais e situados, e assim exercem sua interação comunicacional. Por isso mesmo, é importante ter um conhecimento sólido de seu contexto para explorar suas mediações particulares, conforme esclarece Orozco:

Entender la diversidad de escenarios permite a la vez entender la diversidad de mediaciones posibles em los procesos de recepcion.

Aqui es pertinente tener presente que la interacion com um médio, además otras cosas, es um catalizador de indentidades profundas y memorias individuales y coletivas que precisamente afloran detonadas por los referentes midiáticos (OROZCO *apud* SAINTOUT; FERRANTE, 2006, p. 25).

Recepção é sinônimo de interação com os referentes mediatizados que produzem dominância ou resistência, revelando a cultura de um determinado segmento. Contudo, essa resistência ou dominância brota de uma articulação inscrita no cotidiano das mediações. As mediações são assim, confluências que estão em todos os espaços e dinamizam a cultura.

Barbero (1995), um dos principais teóricos da mediação, trata da heterogeneidade de temporalidades, que para ele, é uma mediação fundamental. Ele explica que essa heterogeneidade é composta por espaços sociais que se fazem de tempos diferentes e contribuem para determinar qualidades distintas. Existem espaços na contemporaneidade que ainda preservam elementos da modernidade, enquanto outros têm características pós-modernas. Para Barbero (1995) existe um novo conjunto de fragmentação: a “fragmentação dos públicos”, com os quais os meios trabalham, considerando não só homens e mulheres, mas sujeitos de determinada profissão e idade, de cidade grande ou pequena.

Por essas diferenças, cada agente pode fazer uma leitura. Entretanto, é necessário compreender que essa leitura tem uma vertente social que deve apreender fatos da cultura a que pertence. Para Orozco (2006), a recepção é interação. Segundo o autor, tal movimento é também uma negociação de sentido.

As relações sociais se estabelecem no cotidiano produtivo e não meramente reprodutivo, como defende Barbero. Para ele, no cotidiano está o senso comum a todos e, “[...] resgatar o sentido comum é resgatar um viver cotidiano como um espaço de produção de conhecimento e de troca de sensibilidade que é próprio da cultura” (BARBERO, 1995, p. 56). Assim, não é somente no trabalho que um sujeito se torna alguém, mas através das relações domésticas primárias e com a família, como acredita Barbero (1995).

O caminho das mediações permite aos sujeitos chegarem à recepção através da cultura. O conceito de Barbero (2008) é uma importante ferramenta para o entendimento da absorção da mensagem midiática pelos receptores.

Com o reconhecimento das mediações, o receptor transforma-se de leitor para um possível produtor de significados, a partir de seus hábitos, suas inserções e os núcleos sociais a que está ligado. Esse modo inovador de ver é amplamente empregado pelos autores latino-americanos e se chama “Teoria das Mediações” que tem a qualidade de ser multidisciplinar, haja vista que pode ser entendida através da cultura e das práticas de um povo.

A partir dessa perspectiva, a recepção é a maneira como os meios são consumidos com a negociação de sentido, que cabe ao agente social ou receptor. Na teoria das mediações é o “[...] uso social dos meios e seus textos que integra a experiência cultural ao mundo da vida e permite a negociação de sentido entre os textos e as práticas cotidianas” (GIRARD JÚNIOR, 2007, p. 7). Todo trabalho de comunicação é um circuito do qual a interpretação é parte integrante.

Barbero (2008) propõe, portanto, o estudo dos meios a partir das mediações. É nelas, ou através delas que se encontram os rastros necessários ao entendimento da recepção e da produção de sentido. A teoria das mediações pode ser comparada à construção de pontes que ligam um lugar a outro.

Girard Júnior (2007) liga produção, recepção e contexto social e para se processar a leitura adequada da recepção, um depende do outro. Dessa forma, a televisão, por exemplo, pode ser considerada uma construção tecnológica e social, baseada em múltiplas mediações. “A tecnologia cria condições para trocas desterritorializadas, produzindo um campo de experiências culturais muito específicas” (GIRARD JÚNIOR, 2007, p.10). A televisão em sua dinâmica de mostrar lugares distantes e culturas diferentes, propicia ao campo visual, experiências muito diversas e cria, assim, uma cultura própria, específica, pelo modo como atua.

É preciso pensar a recepção como um esquema num contexto de muitos significados, que permite o conflito e a negociação. Segundo Orozco (2006), o que orienta a análise da recepção televisiva é a forma como se vê a recepção. Nesse sentido, é preciso primeiro, admitir que a recepção é interação, depois, que essa interação é mediada por múltiplas maneiras e, ainda, ter consciência de que essa interação não está restrita ao momento de visualização da tela. O

objeto de estudo da recepção será, por conseguinte, as diversas mediações ao longo do amplo processo de recepção.

Sob esse prisma, o receptor está coletivamente envolvido com as mensagens que recebe da TV. “A apropriação das mensagens por parte dos receptores não é resultado automático da sua exposição a eles, mas sim o produto de negociações da TV que, muitas vezes, levam à resistência e a geração de contrapropostas” (OROZCO *apud* DORNELLES, 2003, p. 50).

Assim, na visão dos autores, é possível contar com várias premissas: a relação entre os receptores e a TV é necessariamente mediatizada; o significado televisivo é negociado pelos receptores; a televisão, enquanto instituição social, não é a única que significa a realidade; a especificidade da televisão como meio, influi na apropriação de seus significados pelos receptores; a interação TV- receptores não é individual e sim, coletiva.

Embora o receptor possa assistir à televisão sozinho e proceder a uma leitura individual, ela sempre se relaciona ao coletivo. Isso ocorre porque a leitura é um produto sociocultural da audiência que apresenta diferentes orientações como de gênero, geográficas, de idade, entre outras.

Orozco (*apud* DORNELLES, 2003) aponta seis mediações essenciais para a compreensão da recepção: a videotecnológica, a cognitiva, a situacional, a cultural, a de referência e a institucional. As “cognitivas” são as mediações que incidem no conhecimento. Considera-se nessa situação, além da parte racional da construção da mensagem, os valores e as emoções. A mediação cognitiva se refere aos motivos pelos quais a mente do receptor percebe determinadas características da mensagem em detrimento de outras.

A “cultural” é aquela que guia a capacidade cognitiva que o sujeito possui. Todo telespectador é produto e membro de uma cultura que está presente nas interações sociais e com a televisão. A “de referência” abarca diversas identidades do sujeito que interferem na interação que ele estabelece com as mensagens televisivas. A “institucional” corresponde às diversas instituições das quais o sujeito fez ou faz parte, que influenciam a maneira de receber as mensagens televisivas da mesma forma que a televisão media a interação do receptor em outras instituições e momentos. A mediação “videotecnológica”, por sua vez, é um meio técnico de comunicação com recursos para fazer valer as opiniões, assim como outros meios são utilizadas

por outras instituições. Esse tipo de mediação consiste em uma naturalização da significação da realidade. Já a “situacional” designa que o lugar onde o aparelho está localizado na casa define a sua forma de uso. Assistir à televisão sozinho (a) e/ou acompanhado (a), também influencia na leitura da mensagem.

Assim, a recepção se faz de diferentes práticas que compõem o cotidiano de cada agente. A recepção é vista como consumo e, por este viés, não se preocupa com o efeito da mensagem apenas, mas em projetar uma análise relativa aos efeitos das mensagens. O consumo acontece pela apropriação cultural que a recepção identifica através do que é próprio do enfrentamento com o coletivo.

Barbero (2008) comenta que a imersão na cultura proporciona diferentes modos de leitura. Portanto, não é um único texto ou um único programa de TV, o elemento capaz de unificar todas as possibilidades de leitura por parte do receptor, mas, sim, o fato de ele estar inserido em diferentes espaços e instituições, o que possibilita diversas trajetórias de sentido. Essa qualidade de múltiplas opções para diversas leituras proporciona o prazer de assistir a um programa e promove o gozo ou a resistência.

Referindo-se à mediação, Barbero (2008) reconhece que a televisão obedece a particularidades que provém da trama cultural. Para esse autor, a mediação se relaciona às práticas cotidianas dos agentes. Dessa feita, quanto mais estas práticas se realizam, tanto mais é possível classificá-las como mediação e/ou múltiplas mediações. Barbero cita três mediações, a saber: a cotidianidade familiar, a temporalidade social e a competência cultural.

A cotidianidade familiar é marcada pelo fato de a família ser a instituição na qual os sujeitos se apresentam como são, fazendo com que o confronto entre as pessoas nesse ambiente, seja o mais genuíno possível. Nesse aspecto, a cotidianidade familiar “[...] é ao mesmo tempo um dos poucos lugares onde os indivíduos se confrontam como pessoas e onde encontram alguma possibilidade de manifestar suas ânsias e frustrações” (BARBERO, 2008, p. 295).

Para o autor acima, a TV se apropria de características pertinentes à mediação familiar ao utilizar elementos que lhe são próximos para produzir um determinado efeito. Por isso, os rostos da televisão não são exóticos, mas familiares, identificando certa proximidade dos personagens e dos

acontecimentos que familiarizam até os preconceitos. Também, os gêneros televisivos são próprios da temporalidade social, à medida que reproduzem o tempo social, através das tramas. São as séries dos gêneros que fazem a mediação entre o tempo do capital e o tempo da cotidianidade.

Já a competência cultural vê a televisão como um assunto de comunicação, de cultura e de dinâmica cultural, a qual atua pelos seus gêneros, como a telenovela exemplifica a reprodução de cenários familiares e tramas próprias do cotidiano das pessoas.

A partir dos gêneros, ela (a televisão) ativa a competência cultural e a seu modo, abrange as diferenças sociais que a atravessam. As três mediações referidas por Barbero (2008) são de suma importância neste trabalho, para entender a recepção do material televisivo pelos jovens, alvos da pesquisa, pois é o fundamento para analisar o material do grupo focal e das etnografias.

4 O PAPEL DA IDENTIDADE COMO MEDIAÇÃO NA RECEPÇÃO DE MENSAGENS DA TELENVELA

A reflexão a seguir objetiva explicar o conceito de identidade acerca do seu papel como mediação na recepção de mensagens da telenovela. No ponto de encontro entre Comunicação e estudos culturais há uma forte propensão em aprofundar o conhecimento sobre o papel dos meios de comunicação na constituição de identidades, transformando-se em uma preocupação central, na atualidade.

Na sequência, argumenta-se que a telenovela é um produto exploratório dos valores e identidades sociais. Tais considerações são relevantes por se defender que ela ocupa um espaço significativo na vida dos jovens e da sociedade em geral. A geração atual cresceu vendo telenovelas, construindo intimidades e tendo-as como recursos reflexivos privilegiados. Enquanto os jovens percebem seus valores reproduzidos no campo ficcional, introjetam outros novos que se somam ao campo do contexto cotidiano, avaliando as atitudes, sem precisar vivenciá-las. Apresenta-se o enredo da novela “Viver a Vida” com a finalidade de situar as temáticas tratadas na trama.

3.1 A QUESTÃO DA IDENTIDADE

A identidade emerge num espaço entrecortado por diversos discursos onde práticas culturais operam. Sendo assim, organiza-se como elemento político e culturalmente construído. Ela se dá pela produção de sentidos, circunscrita em coletividades sociais. “As identidades culturais são posicionamentos cambiantes e instáveis, construídos pelos discursos em circulação em uma determinada conjuntura que, por sua vez, constituem a cultura e a história. Portanto, não são essenciais e suas origens são híbridas” (ESCOSTEGUY, 2006, p. 10).

Se em décadas anteriores, as identidades eram bem definidas, na modernidade tardia, existe um deslocamento que as fragmenta. É importante explorar esse aspecto e verificar as consequências dessa mudança. Para esclarecer a identidade fragmentada que emerge na modernidade tardia, Hall

(2006) distingue três tipos, associadas a três momentos diferentes: a do sujeito no Iluminismo, a do sujeito sociológico e a do sujeito Pós-Moderno.

No Iluminismo o “eu” configura-se como a identidade da pessoa envolvida em uma concepção individualista. O sujeito sociológico supõe uma interação entre o “eu” e a sociedade, quando o núcleo do sujeito se forma na interação com outras pessoas. A partir desse olhar compreende-se que a identidade costura o sujeito à estrutura.

Já o sujeito Pós-Moderno é resultante de mudanças estruturais e institucionais. Nesse aspecto, o sujeito não possui uma identidade fixa, essencial ou permanente, mas várias identidades que não são unificadas em torno de um “eu” coerente. Significa que nada do que se diz é definitivo (HALL, 2006). A fluidez característica das novas experiências identitárias marca também, o conceito de identidade, pois, ele é alvo de extensa discussão nas Ciências Sociais.

A identidade é essencial, na Modernidade. No passado, o parentesco do indivíduo relacionava-se diretamente ao grupo ou tribo a que ele pertencia. De certa forma, tal fator era determinante para a sua identidade, traçada de antemão, com a qual o sujeito morria. De certo modo, o indivíduo se adequava ao papel que a família, a comunidade, a igreja ou o Estado determinavam. As instituições primárias exerciam um forte constrangimento na formação de crenças e comportamentos das pessoas. Essa situação dificultava o questionamento sobre o “eu” ou sobre experiências diferentes daquelas vivenciadas pela, e na comunidade.

Contudo, na Modernidade, a identidade “[...] torna-se mais móvel, múltipla, pessoal, reflexiva e sujeita a mudanças e inovações. Apesar disso também é social, e está relacionada com o outro” (KELLNER, 2001, p. 295). Com uma reflexão muito próxima a Hall, Kellner considera que na contemporaneidade é possível escolher, criar, recriar a identidade, deslocando a sua fixação identitária do grupo ou tribo para formas globalizadas de comunicação. No mínimo, é concebível afirmar que o contexto contemporâneo oferece ao indivíduo a possibilidade de experimentar múltiplas inserções em diferentes agrupamentos sociais. As instituições tradicionais, agora, se veem obrigadas a concorrer com outras, na tentativa de influenciar a formação das identidades.

A teoria Pós-Moderna privilegia a cultura da mídia como o lugar de implosão de identidade e fragmentação do sujeito, contribuindo para a construção da identidade desvinculada da experiência única, em um grupo homogêneo. Assim, a televisão e outras formas de mídia desempenham papel fundamental na reestruturação da identidade contemporânea em conformação de pensamentos e comportamentos (KELLNER, 2001).

Existem estudos de recepção que se dedicam ao conhecimento da conformação ou a reconstituição de identidades dos sujeitos receptores, no intuito de explorar a constituição da sociedade contemporânea e a criação cultural, local e globalizada (OROZCO, 2002). O autor argumenta que o declínio das identidades tradicionais é uma consequência do jogo de mediações, entre as quais se destacam a mediática e a tecnológica. Se na Pré-Modernidade as identidades se definiam normalmente por aspectos físicos e materiais, na Modernidade, seus atributos procedem do contexto social e se instituem com mestiçagens e hibridações, apresentadas na manifestação de cada sujeito.

A esse respeito, Hall (2006) assim se manifesta:

Quanto mais a vida social se torna mediada pelo mercado global de estilos, lugares e imagens, pelas viagens internacionais, pelas imagens da mídia e pelos sistemas de comunicação globalmente interligados, mas as identidades se tornam desalojadas de tempos, lugares, história e tradição específicos e parecem flutuar livremente (HALL, 2006, p. 75).

Coadunando com a ideia de construção da identidade desvinculada da tribo e do grupo, Giddens (1991) aborda a construção do conceito de identidade tardia, explicitando que a identidade do sujeito é um projeto reflexivo, ou seja, reflete o seu social que se reflete nele. A identidade reflexiva é um produto da opção de estilo de vida. Nem todas as opções são possíveis, mas existem as possíveis, e o sujeito as escolhe. A continuidade no tempo e no espaço é importante, porém, não é a principal característica a se observar nas qualidades da identidade da modernidade tardia.

O que se nota é o traço interpretado reflexivamente pelo sujeito. Rezende (2007) auxilia na compreensão da concepção de identidade, vista como um projeto reflexivo:

[...] o contexto fundamental de realização desse projeto é a diversidade de escolhas que confrontam o indivíduo. Estas alternativas estão associadas à importância para a identidade pessoal do estilo de vida como um conjunto mais ou menos integrado de práticas rotineiras atreladas a circunstâncias socioeconômicas (REZENDE, 2007, p. 33).

Esse dado significa que a sociedade moderna proporciona aos indivíduos uma multiplicidade de inserções sociais pautadas pela alta divisão do trabalho e pela diversidade cultural. O sujeito moderno vivencia um cotidiano rico em experiências que favorecem a formação de identidades complexas, as quais por sua vez, atuam sobre a própria sociedade. Esse aspecto é especialmente interessante para o presente trabalho. Ele motiva a análise comparativa entre uma cidade, com características comunitárias, e outra, com perfil de metrópole. Um dos fins da pesquisa é pensar a recepção midiática e a elaboração das identidades em situações teoricamente, diferenciadas, como das cidades selecionadas.

A identidade também pode ser o resultante de um conflito de valores, portanto, produto de uma ambivalência. Além de prevalecer o contexto moderno como definidor das circunstâncias em que a identidade é forjada, a questão da escolha entre o “dever” e o “ser” ganha relevância para o produto final. Essa é a característica da Modernidade líquida, diagnosticada por Bauman, como aquela que segue um padrão social, no qual nem as instituições sociais conseguem manter sua forma por muito tempo.

Rezende (2007) complementa a reflexão de Bauman nos seguintes termos: “[...] a identidade torna-se uma tarefa, que, se por um lado liberta o indivíduo dos vínculos tradicionais, coloca-se como necessidade de escolha permanente, fonte de ansiedade e ambivalência” (REZENDE, 2007, p. 35).

Com esse entendimento, pode-se inferir que as identidades não são constantes, pois transitam por vários campos. Influenciam a estabilidade, colocam aos indivíduos desafios constantes diante de uma gama de informações, valores, princípios, códigos, enfim, frente a escolhas que, conscientemente ou não, interferem nas relações de poder sócio-culturais que se refletem nos sujeitos.

As identidades são deslocadas e fragmentadas à luz da globalização. O entendimento de Hall (2006) é de que a identidade se forja na interação entre o sujeito e a sociedade, com uma concepção essência interior, um “eu real”, embora exista em diálogo com o mundo cultural “exterior”. O autor se posiciona enfaticamente no sentido da identidade, e não no seu conceito em relação ao contexto social e, sobretudo, cultural. Hall aponta para uma transformação estrutural distinta das anteriores, recente e que fragmenta as “paisagens culturais” de classe, gênero, sexualidade, etnia, raça e nacionalidade.

Partilha-se da perspectiva que considera toda identidade mediada pelos elementos sociais em transformação (REZENDE, 2007). Nessa condição, identidade não é algo fixo. Segundo Rezende, na Pós-Modernidade as correntes identitárias são tão diferenciadas, que o “eu essencial” do sujeito desaparece dando espaço a uma identidade não fixa. Assim, são várias as identidades que os sujeitos assumem em diferentes situações, havendo, muitas vezes, contradições entre elas. Dessa forma, não se elege uma identidade unificada em torno de um “eu” coerente. Essa imagem se constrói e se mantém somente através de uma narrativa de si. “Com a multiplicação dos sistemas culturais o sujeito se vê diante de uma variedade de identidades possíveis” (REZENDE, 2007, p. 36).

Hall (2006) defende outro aspecto importante da identidade: seu caráter histórico e não biológico. Nesse contexto, os sujeitos assumem identidades diferentes em diferentes momentos, que não são unificadas ao redor de um eu coerente, pois “[...] dentro de nós há identidades contraditórias, empurrando em diferentes direções, de tal modo que nossas identificações estão sendo continuamente deslocadas” (HALL, 2006, p. 13).

Autores como Hall enfatizam o processo histórico que propiciou o aparecimento de movimentos sociais inovadores, ancorados em identidades, irrestritas ao vínculo de classe. Como exemplos de fragmentação das identidades no campo político-cultural, citam-se os movimentos feministas, dos negros e homossexuais. É interessante perceber que os sujeitos sociais, frequentemente, ao traçar suas estratégias nos enfrentamentos cotidianos, precisam encarar posicionamentos e referenciais diferentes e até contraditórios, sem que uma “identidade mestra” coordene a decisão política (HALL, 2006). Uma mesma pessoa pode ter interesses conflitantes associados

à sua condição de gênero, etnia e classe, sem que nenhuma dessas dimensões promova uma reconciliação apaziguadora.

Um mundo com muitas possibilidades dificulta aos sujeitos se centrar em apenas uma ou duas identificações, pois, ao receber inúmeras informações diariamente, provindas de universos distintos, necessitam escolher ou negociar. Essa indecisão provoca uma negociação nem sempre pertinente para não desperdiçar nenhuma das ideias com as quais contatam. É dessa forma que uma pessoa defende diferenciados pontos de vista, dependendo do contexto em que ela se encontra e da situação concreta que está vivenciando.

O mundo contemporâneo está marcado por novos movimentos sociais que ganham adeptos e reconfiguram as maneiras de pensar e agir. Surgem identificações e sentimentos rivais a respeito de determinados temas como o feminismo, que alteram completamente as paisagens políticas e as complicando, ao comparar essas mudanças com os tempos passados (HALL, 2006).

Nesse contexto, é difícil ter uma identidade fixa que conduza a um caminho seguro, ao contrário, pela configuração das paisagens na modernidade tardia, o mais comum é a filiação a diversos movimentos gerando mais vertentes do que outrora, pois:

Uma vez que a identidade muda de acordo com a forma como o sujeito é interpelado ou representado, a identificação não é automática, mas pode ser ganha ou perdida. Ela tornou-se politizada. Esse processo é, às vezes, descrito como constituindo uma mudança de política de identidade (de classe) para uma política de diferença (HALL, 2006, p. 21).

Considerando que a mídia desempenha uma relevante função na elaboração das identidades e que a recepção das mensagens é negociada, assevera-se que “[...] os processos de formação de identidade estão cheios de ambivalência e contradição” (ESCOSTEGUY, 2001, p. 87). A construção de projetos de identidade é fruto de muitos fatores envolvidos, entre eles, a mídia que, através de suas práticas, estabelece possibilidades e espaços para a produção de identidades. Esta é o que mais ressalta o aspecto grupal e coletivo da formação do indivíduo, opondo-se à similaridade com outros indivíduos e à diferença dentro do grupo.

A identidade ganha centralidade na ação política própria do campo cultural e toda prática social tem uma dimensão cultural. Embora se encontrem outros elementos nessa dimensão, a prática social tem o seu caráter discursivo. Nesse sentido, a interpretação da telenovela não é neutra, porém, impregnada da cultura subjacente do receptor que interatua com a mídia (LOURO; SILVA, 2005). Há práticas políticas que se referem ao corpo e às identidades, da mesma forma que existem práticas econômicas que se referem à produção e distribuição dos bens e das riquezas. Cada uma está sujeita às condições que organizam e regem suas dimensões específicas.

Do exposto, deduz-se que a formação das identidades faz parte de um jogo que se estabelece entre o sujeito e as mediações, de forma que estão em constante diálogo. Portanto, os sujeitos se definem cotidianamente, acerca do que são, mas nunca isoladamente, uma vez que estão em constante contato com os demais em diferentes esferas, entre as quais, aquelas por disputas pelos bens e sentidos simbólicos.

A seguir, discute-se a telenovela e sua função central no jogo cultural que envolve os sujeitos porque ela é um produto que explora os valores e identidades sociais. Concorde-se que o efeito da televisão não se limita ao horário em que o aparelho está ligado, pois, sua audiência estende-se no tempo e perpassa diferentes espaços. Essa característica multiplica as oportunidades de mediação e, analisar as mediações auxilia a entender a recepção da novela “Viver a Vida”, pelos jovens.

3.2 A TELENVELA COMO PRODUTO EXPLORATÓRIO DOS VALORES E IDENTIDADES SOCIAIS

A sociedade sempre esteve e está imersa em múltiplos formatos de manifestações culturais e as características atuais dessas manifestações, estruturam e caracterizam a sociedade e tem como traço marcante, estilos ligados à visualidade.

O gênero “telenovela”, introduzido no Brasil, em 1951 se desenvolvia em vários capítulos, perfil mantido até hoje e elencava tramas inspiradas no modelo dos teleteatros. A primeira novela exibida no País foi “Sua Vida Me Pertence”, da PRF-3 TV Tupy-Difusora, canal 3, de São Paulo, em dezembro

de 1951. Teve como protagonistas a atriz, Vida Alves e o ator, Walter Foster que idealizaram na televisão brasileira, o primeiro beijo na boca. Os telespectadores brasileiros apreciaram a telenovela, mas achavam difícil esperar dias para assistir outro capítulo. Essa ansiedade foi um dos ingredientes para conquistar a audiência, cativar os receptores e contribuiu para sua fidelidade ao gênero.

Ortiz, Borelli e Ramos (1996) afirmam que no início de sua comercialização, as telenovelas não eram consideradas um programa atrativo. Chegaram até a década de 1960, marcadas pelo desprestígio social, embora tenham conseguido presença por uma década. A partir dessa data, o gênero se transformou em ferramenta poderosa para conquistar o público e garantir a audiência. Transformou-se ainda, em instrumento para comercializar produtos e propagar idéias.

Com o passar do tempo, a telenovela superou o desprestígio, adquiriu relevância cultural e política e ampliou, sucessivamente, seu campo de abrangência. Perdeu a característica de programa de lazer e entretenimento para o público que a assistia e se tornou um espaço cultural de intervenção para a discussão de temas do cotidiano das pessoas e contribuiu de certa forma, para a introdução de hábitos e valores. Esse prestígio desencadeou no cenário nacional, um consequente e relevante aperfeiçoamento do gênero, principalmente, no horário nobre. Assim, “[...] à medida que as novelas puderam dialogar com as mudanças de seu tempo, foram se transformando rapidamente, o que lhes conferiu, cada vez mais, sucesso de público e garantia de comercialização” (CALZA, 1996, p. 09).

Atualmente, a telenovela é lembrada por Tonom (2010, p. 13), como um dos produtos mais importantes da “[...] Indústria Cultural é uma das principais fontes de renda das emissoras de televisão que se especializaram em produzir esse tipo de produto, como por exemplo, a Rede Globo de Televisão no Brasil”.

Silva (2003) corrobora a ideia e afirma:

A partir de 1970, a Rede Globo passa a conquistar um novo receptor para as suas telenovelas do horário nobre: os do gênero masculino. Um dos elementos básicos para que isto ocorra é, entre outras coisas, as mudanças ocorridas nas estruturas dos gêneros ficcionais, afastando-se do clássico melodrama e engendrando elementos de outros territórios de ficcionalidade. Nesta época, já havia um mercado

de impressos dirigido ao público masculino, e esse público também deseja assistir telenovela. Essa mudança na estrutura narrativa das telenovelas das 20 horas está conflituosamente, engendrada no cotidiano dos anos 70 (SILVA, 2003, p. 20).

À medida que a telenovela se consolida como produto cultural de grande audiência, ocorrem transformações que se modificam no tempo e espaço para atender aos interesses dos receptores.

Silva (2003) aponta que o melodrama na telenovela é atualizado, reformulado, reconstruído, sem perder totalmente de vista suas origens na radionovela. O melodrama mantém sua fórmula de focalizar um grande amor, cercado por outras histórias cotidianas que incluem um vilão e suas armações para inibir a perspectiva de felicidade e sonho dos mocinhos da trama. Para a autora, essa situação permite à telenovela estabelecer uma mediação com seus receptores, pois, a matriz dos valores que ela enfoca perpassa gerações.

Junqueira (2009) lembra que, sobretudo, a partir dos anos 2000, a multiplicação das tramas secundárias que se distanciam do melodrama³ central, de cunho fortemente romântico, possibilitam leituras muito mais distantes desses padrões. Ao mesmo tempo, os telespectadores se defrontam com maiores possibilidades de identificações e de projeções com os personagens.

Considerando que a construção da identidade de um indivíduo reflete um processo de transformações em sua vida social, na fase da juventude, o contexto social adquire uma representatividade ainda maior na formação da personalidade. O jovem também recebe influências do dia a dia de seu grupo social, absorve e filtra os conhecimentos que adquire cotidianamente e constrói valores que interferirão, provavelmente, na sua personalidade adulta. Entre as diversificadas informações diárias de um jovem, a presença da mídia televisiva representa um elemento reflexivo importante para construir sua identidade porque fornece ideias e identificações que suprem necessidades e preenchem lacunas dessa fase.

³Para contar a história da telenovela pelo viés dinâmico dos gêneros ficcionais, deve-se considerar de início, o melodrama. As primeiras telenovelas brasileiras eram traduções de obras literárias internacionais e algumas, de autores nacionais. Praticamente, todas elas se baseavam em algum melodrama que um dia fora espetáculo de feira e que tinha em suas narrativas elementos que também existiam na literatura oral e que, posteriormente, encontraram no romance-folhetim, seu lugar por excelência. Melodrama é o gênero ficcional que se delinea pelo excesso às ações e sentimentos das personagens, em seus enredos (MARTIN-BARBERO, 1995).

Nesse novo espaço, emanado da alteração da comunicação entre o público jovem e as telenovelas, é possível também encontrar disposições morais para tratar das desigualdades sociais. Ao falar das telenovelas, sujeitos jovens e adultos relacionam dramas da ficção com experiências pessoais e de pessoas conhecidas. Tecem observações, julgamentos, além de estabelecer identificações e projeções com os personagens, a partir dos quais tentam conhecer, compreender ou apresentar maneiras diferentes de pensar e criar novas experiências de vida na sociedade na qual se inserem.

Os telespectadores são participantes ativos na experiência da recepção, pois, contribuem com o processo ao interrogar e promover discussões acerca de assuntos ofertados pelas telenovelas ao longo da apresentação de seus capítulos, muitas vezes, intervindo na trama e no trajeto de determinadas personagens, presentes na telenovela (LEAL, 1986).

Na contemporaneidade, entre os gêneros televisivos, as telenovelas estão entre os mais populares da televisão brasileira, constituindo-se em um produto indispensável e permanente. Produzem emoções e movimentam mecanismos mentais, fortes e decisivos na prática cultural dos sujeitos⁴ (ORTIZ, BORELLI; RAMOS, 1996).

Com a entrada da televisão em seus lares, os jovens vivenciam a valorização do poder de consumo e a presença marcante da mídia nas relações sociais. Em suas casas, jovens e adultos incluem nas tarefas do cotidiano, uma pausa em frente à televisão para acompanhar as novelas. “Reunidos na sala, ou cada qual em seu quarto, somos bombardeados por representações contidas em mensagens de entretenimento ou mesmo publicitárias” (MAIA, 2007, p. 03).

Os jovens recorrem às ideias e valores do imaginário popular, pois, formatos incorporados da televisão tornam-se modelos de pronta identificação e visibilidade para esse público.

Nesse sentido, Morin (1987) recorda que a identificação interfere prontamente em todas as relações humanas, desde que sejam permeadas pela

⁴As práticas culturais construídas pelos meios e pelos sujeitos sociais são estruturadas a partir de processos mediadores quando esses meios motivam, sustentam e intercambiam o fazer cultural que é sempre dinâmico e, por isso, escapam de concepções estanques ou deterministas. Por ser dinâmico, esse processo não se efetua de forma mecânica, mas negociada e se adapta às sugestões, perspectivas, angústias, cobranças, concordância dos receptores. Englobam e integram todos, no processo cultural alicerçado em um sistema simbólico (FOLGOLARI, 2001).

afetividade. É por isso que o imaginário de jovens e adultos se compromete com as relações engendradas no cotidiano de suas vidas.

Segundo Morin (1987):

O imaginário próprio da cultura de massa funciona através de mecanismos de identificação e projeção dos indivíduos com os mitos e modelos advindos dos produtos da indústria cultural. A identificação se dá através das características, tanto afetivas quanto físicas, presentes nas personagens que o público leva à sua própria vida. A projeção ocorre mediante aquelas ações menos possíveis de serem realizadas socialmente. Ao se projetarem, os indivíduos aliviam as tensões diante de uma história narrada pela indústria cultural (MORIN, 1987, p. 78).

O objetivo do público, ao assistir uma telenovela, é compartilhar das identificações (FERREIRA, 2010). Nesse sentido, as telenovelas viabilizam sensações que os jovens não têm na vida real, sobretudo, no que se refere aos seus sentimentos porque elas despertam na memória do telespectador, lembranças felizes e cheias de emoções.

A telenovela é uma das maneiras dos jovens contatarem assuntos e atitudes renegadas socialmente ou considerados tabus. Ela oferece a oportunidade de reproduzir valores, tanto quanto visualizar a transformação cultural. Esse dado é relevante para a experiência da diversidade presente no cotidiano urbano. A telenovela, enquanto representação melodramática da realidade diária elabora uma trama que preserva traços de verossimilhança. Sendo assim, oferece em sua narrativa, a diversidade cultural como temas sobre gênero, homossexualismo, raça, entre outros.

As telenovelas, como transformadoras de imagens (ALVES, 2000), abrem-se como probabilidade para dizer o indizível, produzir arranjos e rearranjos de acontecimentos pueris que concernem ao cotidiano, num processo de construção de sentidos e valores. Caracteriza-se pela repetição de temas, atores e dramas e o produto tem o atributo de tornar os personagens familiares e íntimos, por meio de sua atuação e dos sentimentos que evocam.

Segundo Leal (1986):

A repetição reforça o apelo identitário que se baseia na mobilização de afetos. A novela é um discurso compensatório que trata de noções abstratas como o mal, o amor, a felicidade, e onde se organizam e se resolvem afetos de personagens junto a um público que encontra, nas intimidades e nas soluções oferecidas pelas imagens, diferentes níveis de gratificação e que acredita na autoridade narrativa televisiva (LEAL, 1986, p. 49).

A telenovela pode oferecer aos jovens um retrato do momento político ou econômico e influenciar no comportamento, assim como, pode ser referência para a moda. Enfim, essas peculiaridades fazem desse gênero um importante produto cultural.

No Brasil, a presença da televisão é notória. Nas ruas, é possível identificar jovens que vestem roupas semelhantes às usadas no dia anterior, por uma determinada personagem de novela. “Ou, ainda, não raro ouvimos em rodas de conversa o debate fervoroso sobre tema lançado no último capítulo do folhetim das sete” (MAIA, 2007, p. 03). Observa-se, assim, uma estrutura formal determinante de sentidos nas telenovelas que cada vez mais ganha visibilidade como agente dinamizador de construções identitárias sociais, atualizando significados, compartilhados pelo público jovem.

Marques (2002), numa visão bastante otimista, acredita que a telenovela, mais que atualizar significados compartilhados, reenvia os sujeitos aos preceitos éticos, à razão que alimenta as demandas por respeito e solidariedade. A autora enfatiza que ao conferir visibilidade a grupos e indivíduos de sexualidade estigmatizada, por exemplo, a telenovela está, acima de tudo, contribuindo para alargar os espaços de convivência, bem como para reelaborar os modos de ver e perceber esses grupos ou indivíduos em sua singularidade.

Segundo essa perspectiva, a telenovela é capaz de mostrar aos jovens as gradações dos diversos estilos de vida. Possibilita também, que os valores morais que regem as relações intersubjetivas dos adolescentes se modifiquem lentamente para integrar aqueles indivíduos que lutam por seu reconhecimento. Afirmarões como essas apontam a importância das pesquisas sobre recepção. Nesse contexto, somente a consistência dos dados e análises permitirá avaliar

com mais segurança em que medida e sob quais condições a telenovela propicia a modificação positiva dos valores morais de sua audiência.

Na atualidade, segundo Borelli (2001), as narrativas ficcionais televisivas encontram-se incorporadas ao rol dos objetos de reflexão, fazendo parte constitutiva do campo cultural brasileiro e latino-americano. A autora evidencia que, para além da análise dos meios – produção, ideologia e materialidades econômicas – outros dados são capazes de dar conta das especificidades do produto. Entre esses dados, ela menciona: as linguagens, as formas narrativas, os territórios de ficcionalidade, as dimensões da videotécnica, bem como os receptores das telenovelas, entendidos como sujeitos que se apropriam de enredos e tramas e os modificam em novas histórias, mediadas por suas experiências cotidianas e formas de subjetivação.

Ao ligar a televisão e assistir a uma telenovela, os jovens se envolvem num ato de “[...] transcendência espacial capaz de abarcar não apenas as referências do global, como também nos unir aos outros, aos nossos vizinhos, conhecidos ou desconhecidos, que simultaneamente estão assistindo ao mesmo produto midiático” (SILVERSTONE, 2002, p. 24-32).

De acordo com Calza (1996) entende-se a telenovela como um modo inovador de produzir a ficção porque se aproxima da crônica do cotidiano ao enveredar para discussões dos grandes tabus, de valores morais, políticos, religiosos, de questões como o homossexualismo, drogas, virgindade, temas impossíveis de abordar em culturas conservadoras. Partilhando da perspectiva otimista, Calza argumenta que a telenovela tem a função de promover a transformação social, ao contemplar temas polêmicos que penetraram em todas as classes sociais.

É importante ressaltar que se adota nesta dissertação o ponto de vista que considera o campo cultural perpassado por relações de força. Neste espaço emergem produtos como a telenovela, que, por se envolver em práticas de poder não operam exclusivamente na reprodução de dominações ou propiciam práticas de resistência. Daí a importância de analisar caso a caso, as apropriações que os indivíduos fazem, diariamente, das mensagens midiáticas. Mais importante do que buscar uma sentença definitiva de absolvição ou condenação da telenovela, convém verificar seus efeitos em determinados

contextos e junto a públicos específicos, como os jovens inseridos em realidades diferentes.

Marques (2002) situa a telenovela no campo da política concebendo-a não como processo institucional, mas sim, como processo cotidiano constituído pela ação dos indivíduos que aceitam o desafio imposto pelo “outro”, pelo “estranho”. Para a autora, o processo intersubjetivo de comunicação e de formação das identidades é alimentado a todo instante por códigos recriados e reabilitados por indivíduos que desejam ampliar e avançar a gramática gestual, estética, normativa e ética da sociedade.

Partilha-se da perspectiva que considera latente a importância do cotidiano, pois a ressignificação simbólica é um processo que se funda nas relações práticas, situadas historicamente e culturalmente e no conhecimento cognitivo adquirido em razão da singularidade presente em cada situação experimentada. A literatura, especialmente, a latino-americana enfatiza a relevância da telenovela no cotidiano cultural.

Como fator de comunicação, Mazziotti (2004, p. 389) avalia a telenovela como o “único produto de reconhecimento internacional da televisão latino-americana” em razão das políticas de comercialização, à qualidade técnica e à carga de emoção das histórias narradas e, portanto, responsável pelo seu sucesso internacional.

Alves (2000) lembra que a telenovela é entendida como um fenômeno de comunicação da cultura de massa que exhibe padrões sociais e trabalha com valores da sociedade contemporânea, sempre para atrair o telespectador e envolvê-lo em suas histórias de ficção.

Tais histórias narrativizam e dramatizam a sociedade conectando-se a uma ordem real e, simbolicamente, habitável, na qual é possível ao público jovem, alcançar novas e vastas oportunidades de experiências culturais e sociais. Essa experimentação mediada proporciona uma participação simbólica dos ambientes, de situações sociais e aspectos da existência, com as quais os jovens não teriam possibilidade de entrar em contato direto.

Pensando nessa questão, Alencar (2002) afirma que:

A telenovela estabelece um elo entre o mundo fantástico da TV e a realidade; o telespectador fica emocionalmente contagiado e vive com os personagens todas as situações apresentadas. Cada capítulo

traz os elementos necessários para alimentar a fantasia e o ideal. Assim, vida e sonho se misturam perfeitamente. Sem os choques comuns e verdadeiros do cotidiano. Vida e sonho. Sonho e vida. Por isso, além de uma boa trama e de bons atores, as mesmas fórmulas, quando salpicadas de um pouco de audácia, continuam dando certo (ALENCAR, 2002, p. 63).

É importante ressaltar que em razão do apelo afetivo da novela, quase sempre se traduz na ficção, a individualização dos temas. Por isso, assuntos relevantes de cunho social figuram pelo viés individual. Do ponto de vista temático, Hummel e Alvetti (2007, p. 258) ilustram que “[...] as questões sociais passaram a fazer parte do repertório das telenovelas brasileiras e a permear os temas cotidianos”.

Tonon, por sua vez, (2010, p. 16) assevera que a telenovela precisa ter a competência para “promover um contato de leitura que envolva seus telespectadores de forma crítica, mas emocional, não podendo desprezar os aspectos tradicionais do folhetim, mas sempre se modernizando quando à abordagem”. A autora aponta a necessidade de adicionar a esse fator, os elementos de identificação e de representação, para que os receptores possam participar como protagonistas, das histórias apresentadas.

Do exposto deduz-se que a telenovela não pode prescindir de uma qualidade que ofereça aos jovens a oportunidade de transitar, opinar e interferir “no desenrolar da trama, numa catarse diária de emoções, instintos e impulsos, proporcionando-lhes alívio momentâneo para novamente enfrentar o cotidiano no dia seguinte” (TONOM, 2010, p.17).

Ao tratar da influência da telenovela na vida dos indivíduos das diversas camadas populares, Almeida (2003) enfatiza a representação, no horário nobre da televisão, da vida das camadas média e alta dos grandes centros urbanos. Ela ressalta que a exposição diária dessa realidade, distante para tantos, se nacionaliza. É possível constatar que cada vez mais jovens e adultos moradores de vilas, favelas ou comunidades rurais apreciam e até mesmo, se identificam com a vida das pessoas apresentadas nas novelas. A inserção na narrativa de personagens de diferenciados grupos sociais, faixas etárias e estilos de vida, é uma constituição para facilitar esse reconhecimento.

A televisão inspira os principais sonhos: a conquista de uma condição social melhor, através do estímulo a lutarem pelo que desejam,

conforme os exemplos vitoriosos apresentados na mídia; o desejo de terem casas e bens de consumo como a novela oferece; ter uma família feliz e harmônica, uma realidade às vezes distante da delas, mas que, certamente, gostariam que não fosse (SIFUENTES, 2009, p. 76)

No processo de naturalização, a televisão permite a expansão dos horizontes dos jovens, no sentido metafórico e literal. Estudo de Junqueira (2009, p. 09) revela que “[...] as classes médias e os mais jovens, absorvem rapidamente formas de comunicação mais recente, como o romantismo futurista de Glória Perez, por exemplo.” A autora ressalta que se encontram algumas exceções, sobretudo, em relação a pessoas com nível de escolaridade superior, reforçando o efeito já conhecido de que a educação leva o receptor acima do *habitus*⁵ do campo de criação das novelas.

Marques pensa nos recursos discursivos da mídia como subsídios que cada vez mais, compartilham de uma espécie de renovação da experiência cotidiana, “[...] na medida em que tomamos contato com o mundo mediado do “outro” e somos solicitados a rever nossas posições, julgamentos e entendimentos acerca do que se apresenta a nós como diferente’, como estranho” (MARQUES, 2002, p. 11).

O ponto de vista otimista considera que para a telenovela ser uma formadora de opinião dos jovens, deve se constituir em um produto cultural de alta qualidade técnica e se converter em um instrumento educativo. Assim, possibilita desencadear certas discussões com um público pouco informado.

Estudo de Costa e Fadul (2010) revela que as telenovelas satisfazem socialmente, as necessidades cognoscitivas, afetivas, estéticas e integradoras de personalidade e necessidade de evasão, porquanto:

[...] cognoscitivas, já que elas são provedoras de conhecimento para o público telespectador. Ainda que não seja perceptível a mudança de comportamento entre os telespectadores, observa-se um consenso de que a telenovela transmite informações e que, conseqüentemente, gera aprendizagem. Isso se verifica, por exemplo, no discurso de um dos entrevistados, que aprendeu a

⁵ Produto da internalização do indivíduo, das condições históricas e sociais realizadas ao longo de sua trajetória pessoal e social. As estruturas que caracterizam um campo específico ou as condições características de uma condição de classe são apreendidas sob a forma de regularidades, que, associadas a um meio social, produzem sistemas de disposições duráveis predispostas a funcionar como estruturas estruturantes. O *habitus* é importante para a análise de atitudes subjetivas capazes de estruturar as representações e a geração de novas práticas (BOURDIEU, 1990).

respeito da imigração italiana para o Brasil, sobre a cultura marroquina, a alquimia e a história da escravidão no Brasil através das telenovelas; ou no discurso de outro entrevistado, que afirmou aprender através dos erros dos personagens. Além disso, a telenovela impulsiona alguns telespectadores a buscarem informações a respeito de questões retratadas na trama, o que contribui para a aquisição de novos conhecimentos. Dos quatorze telespectadores entrevistados, apenas um deles relatou que não aprende nada com as telenovelas. [...] A abordagem de temáticas sociais como o tráfico de mulheres, o alcoolismo e o consumo de drogas satisfaz, de alguma forma, as necessidades cognitivas e afetivas estéticas. Satisfaz a primeira necessidade porque presta informações a respeito de importantes acontecimentos sociais e, a segunda, porque os telespectadores reconhecem os problemas retratados nas telenovelas com os problemas sociais que ocorrem em sua sociedade. Em terceiro lugar, as necessidades afetivas em nível social são atendidas porque o hábito de assisti-las é capaz de reforçar os contatos interpessoais (COSTA; FADUL, 2010, p. 06).

O olhar otimista sugere que com a trama da telenovela, os jovens aprendem a resolver conflitos e a tomar decisões, contribuindo para a interação entre os pares. Costa e Fadul (2010) comentam que as telenovelas têm uma função escapista e colaboram na liberação das tensões, na redução da ansiedade e no esquecimento temporário das dificuldades dos telespectadores.

Pensando assim, a telenovela se concebe como um recurso importante para a mediação da comunicação com o público jovem. Para tal, transforma-se em um veículo para promover um repertório compartilhado, pois, o uso da telenovela na opinião de Lopes, Borelli e Resende:

[...] depende da dimensão simbólica configurada por cada grupo e cada sujeito, as lógicas dos usos superam os limites de classe social e respondem a demandas próprias do universo psíquico, do gênero, da geração e do perfil ideológico. Entretanto, independentemente do sentido construído por cada grupo ou pessoa, observamos um repertório compartilhado, uma espécie de agenda de temas comuns considerados importantes para todas as famílias (LOPES, BORELLI; RESENDE, 2002, p. 368).

A telenovela, ao apresentar modelos de comportamento por meio das personagens, subsidia o debate do público jovem ou adolescente. Diante do modelo pode ocorrer: interpretação, crítica, projeção ou rejeição do público. Merece destaque o fato de que o repertório corriqueiro existe independente da compreensão e da negociação de sentidos que cada receptor, ou ainda, cada grupo social, faz do processo de mediação da recepção da telenovela.

A maneira pela qual cada jovem recebe e reelabora os significados, os sentidos e os conteúdos simbólicos culturais, se relaciona às experiências vivenciadas por ele numa dada cultura, que sempre será singular.

A seguir ilustra-se o enredo da telenovela “Viver a Vida”, com a intenção de situar seus personagens, o núcleo a que pertencem e a narrativa que integram.

3.2.1 O Enredo da Telenovela “Viver a Vida”

“Viver a vida” estreou em setembro de 2009, no horário nobre da Rede Globo, após o “Jornal Nacional” e encerrou em maio de 2010. A novela de Manoel Carlos teve como cenário o Rio de Janeiro, com algumas cenas em Búzios, São Paulo, onde se concentrou um núcleo. A narrativa girou em torno do mundo da classe média alta da cidade do Rio de Janeiro.

A trama conta a história de Helena (Taís Araújo), personagem principal. Ela é modelo, negra, reconhecida internacionalmente e rivaliza com Luciana (Aline Moraes), modelo em ascensão. Esta, por sua vez, é filha de Marcos (José Mayer), um rico empresário do ramo hoteleiro que mais tarde se apaixona por Helena e se casa com ela. Marcos é ex-marido de Tereza (Lília Cabral), com a qual tem não apenas Luciana, mas também as filhas Mia (Paloma Bernardi), filha adotiva, que é carinhosa e cuidadosa com todos e Isabel (Adriana Biroli), filha temperamental que provoca constantemente a mãe e as irmãs, com ironias e sinceridade chocantes.

Tereza lamenta o rompimento com o marido, em grande parte da trama, mas não vislumbra condições para reconciliação, mesmo quando o casamento de Marcos com Helena termina. Marcos é conhecido por seus casos extraconjugais e trai Helena com Dora e no passado, teve um romance com uma modelo que resultou no nascimento de Bruno (Tiago Lacerda). Marcos não previu que o seu casamento com Helena não vingaria devido ao envolvimento entre Bruno (filho) e Helena, que iniciou na cidade de Petra, numa viagem ao exterior, fato que redimensionou o enredo da novela.

Na viagem a Petra, Helena tenta se entender com Luciana, afinal, está casada com o pai dela. Então, propõe a Osmar (Marcelo Valle), que a convida para acompanhá-los e lhe oportunizar sucesso na carreira. Luciana vibra com a

ideia, mas a situação no exterior não corresponde à expectativa de Helena. As duas se desentendem constantemente e Luciana ofende Helena acusando-a de ter abortado para subir na carreira. Esta última lhe dá uma bofetada e a proíbe de usar o mesmo carro para o aeroporto no percurso de volta ao Rio de Janeiro. Por causa dessa decisão, Luciana vai num microônibus e sofre um acidente que a deixa tetraplégica. A partir desse acontecimento, este se torna o novo foco da novela: a adaptação de Luciana.

A nova vida de Luciana traz muitas surpresas. Primeiro, a depressão, decorrente de sua condição física; depois, a força por aceitar a nova situação e a luta para viver melhor cada dia, com necessidade de fisioterapia intensiva. A narrativa enfatiza o apoio dos amigos e da família como elemento fundamental para a sua recuperação. Entre seus amigos, destaca-se Miguel, médico e irmão de Jorge, noivo de Luciana.

A nova vida da personagem possibilita à novela mostrar a condição de uma cadeirante, os preconceitos que sofre e, muitas vezes, a superação. Aliás, este foi um dos temas de maior destaque nos depoimentos de populares pois, após o término de cada capítulo, a telenovela veiculava algum exemplo de superação na vida real, ao que tudo indica, com o intuito de estimular as pessoas em condições semelhantes a superar o desânimo e enfrentar os desafios.

Outros núcleos da novela exploraram vários temas que merecem destaque. Quando Luciana sofre o acidente ela namora Jorge (Mateus Solano), irmão gêmeo de Miguel (Mateus Solano), namorado de Renata (Bárbara Paz). Os dois irmãos apresentam personalidades muito diferentes, mas, desde o começo da trama, fica subentendido que Luciana e Miguel nutrem um grande carinho um pelo outro, sentimento que poderia se transformar em amor, como efetivamente aconteceu. Com a nova condição de Luciana e, sendo Miguel o médico que a trata, eles se aproximam.

A relação de Renata e Miguel se torna muito difícil, porque ela resiste ao tratamento para o alcoolismo e a anorexia. Apesar da insistência do namorado, eles terminam o relacionamento amoroso. Quando Renata começa a trabalhar como modelo, ela se aproxima de Felipe (Rodrigo Hilbert) e os dois começam um romance. Ele também tente auxiliá-la, mas, durante o desenrolar da história, essa personagem sofre com o alcoolismo, para desespero de sua mãe

Esta é uma cartomante muito procurada por Betina (Letícia Spiller) e Ingrid (Natália do Valle), mãe dos gêmeos e ex-sogra de Renata.

Betina a procura porque tem dúvidas se deve ser infiel ao marido, que por sua vez, tenta seduzir a prima da esposa, Malu (Camila Morgado), uma jornalista da área de economia. O tema da traição, neste núcleo, é tratado com tom de comédia, sem apelo moralista. Aparentemente, transparece uma preocupação de equilíbrio, de um lado, a lição de vida subjacente aos temas da deficiência física e do alcoolismo, e de outro, a descontração diante do assunto adultério.

Ingrid procura a cartomante por causa dos filhos. Ela é uma mãe protetora que aprovava o relacionamento de Jorge e Luciana, antes de ela ficar tetraplégica, mas fica indignada quando mais tarde, após o rompimento de Jorge e Luciana, esta, mesmo na condição de cadeirante, conquista Miguel. Ingrid também se opõe, inúmeras vezes, a outras namoradas dos filhos, com destaque para o envolvimento de Jorge com Myrna (Aline Fanju), uma garota de programa.

No núcleo que se concentra em Búzios, localiza-se a pousada da mãe de Helena, que provém de uma família humilde. Moram lá seu padrasto, Paulo e o irmão. Também, por um período, vivem na pousada a irmã, Sandrinha (Aparecida Petrowky), com o filho. Posteriormente, Sandrinha se muda para a favela com o namorado e traficante Benê (Marcello Melo). Ele é um marginal envolvido com a criminalidade que morre no final, justamente, quando decidiu abandonar a vida do crime e arrumou emprego.

Também fica em Búzios o personagem Maradona (Mário José Paz), que é apaixonado por Dora (Giovanna Antonelli). Ela teve um caso com Marcos no passado, traiu a amiga Helena, engravidou e teve dúvidas se o filho era de Marcos. No entanto, o teste de DNA prova a paternidade de Maradona, que assume o filho, juntamente com Rafaela, outra filha de Dora. Rafaela é uma criança com comportamento precoce que se envolve nos conflitos dos adultos. Existem outros núcleos na novela com personagens como: a mãe do fotógrafo Bruno, os médicos do hospital em que Miguel trabalha, Helen e Ariane que moram numa vila, na mesma casa onde reside Ricardo, namorado de Helen.

O seguir apresentam-se os resultados da pesquisa realizada com os jovens das cidades de Curitiba e Cidade Gaúcha, com o objetivo de compreender a sua recepção das mensagens da telenovela “Viver a Vida.”

5 RECEPÇÃO DA TELENVELA “VIVER A VIDA” ENTRE JOVENS DAS CIDADES DE CURITIBA E CIDADE GAÚCHA

Procede-se a seguir à análise do material de pesquisa coletado com os jovens, em discussões realizadas em ⁶minigrupos focais. Optou-se por elencar vários temas abordados na novela conforme eles foram aparecendo nos discursos dos pesquisados. Assim sendo, para compreender a recepção da telenovela “Viver a Vida”, entre jovens das cidades de Curitiba e Cidade Gaúcha, selecionaram-se alguns eixos temáticos fundamentais.

Por ordem sequencial, os tópicos aparecem assim distribuídos: a adoção por homossexuais, racismo, preconceito e discriminação, o namoro e a deficiência física, o alcoolismo, a vida das modelos, traição, gravidez, paternidade e machismo, infância, violência e drogas, aborto, riqueza e pobreza.

4.1 ADOÇÃO POR HOMOSSEXUAIS

Os jovens trouxeram a questão dos homossexuais logo que se iniciou o diálogo com eles, pois, na dinâmica dos capítulos da novela, ao final de cada episódio, apresentava um depoimento baseado em fatos reais e relacionado aos temas da telenovela, ainda que não necessariamente, associados ao assunto daquele dia.

Como a trama enfocava o preconceito, ao final de um dos capítulos, em depoimento, um casal homossexual demonstrou o desejo de adotar uma criança. O recurso dos depoimentos, próprio das novelas de Manoel Carlos, intensifica um elemento muito peculiar do gênero telenovela, qual seja, a névoa que paira entre a “realidade” e a “ficção”. Esse gênero prova o desafio de representar o cotidiano das pessoas e, nesse sentido, procura construir um

⁶ Quatro jovens de sexos diferentes compuseram cada minigrupo focal, com exceção de um, composto por três meninas. Ao todo, 15 jovens participaram da pesquisa, dois minigrupos da Cidade Gaúcha e outros dois, de Curitiba. Durante o processo os jovens reviram capítulos da novela e elencaram temas de discussão de acordo com o que assistiram. Também, trouxeram à tona cenas que não foram revistas, portanto, enriquecendo a discussão.

enredo marcado pelo melodrama com fundo de realidade e dramatizações verossímeis. Em busca de audiência e fidelidade ao gênero, os autores, muitas vezes, testam o público trazendo para tela temas polêmicos. Ao fazer isso, especialmente, a novela do horário nobre, cumpre os requisitos adequados à atualidade e proximidade com o habitual moderno: dinâmico, plural e desafiador, em conformidade como o dia a dia do telespectador. Por um lado, o drama ultrapassa a média das opiniões da audiência, ao tocar em temas tabus e preconceitos populares.

Entretanto, o gênero costuma deixar os temas em aberto e, para preservar o seu maior apelo, o entretenimento, privilegia os dramas individuais e evita as questões sociais e políticas. As situações se enquadram na matriz da luta entre o bem e o mal, um maniqueísmo que divide os personagens da telenovela, tanto quanto, as pessoas do mundo real. O máximo de social visualizado na telenovela não vai além da soma de posturas individuais. De todo modo, as tensões e contradições desse gênero oferecem à audiência a oportunidade de enfrentamento de temas polêmicos nos padrões de enquadramento da telenovela ou em sua oposição. Essa postura pode indicar opções progressistas, modernizantes ou conservadoras e tradicionais no campo social.

Abaixo, a manifestação de dois membros do minigrupo Focal I, de Cidade Gaúcha, a respeito da adoção por casais homossexuais:

Quanto à adoção o normal é ter pai e mãe e não dois pais. A criança vai ser influenciada. Esses dias eu vi na televisão uma religião que casou duas mulheres, não! Se Deus fez o homem e a mulher por que um homem vai ficar com outro homem e a mulher com a mulher? É até preconceito da minha parte, mas eles para lá e eu para cá, se precisar conversar eu até converso, normal, como uma pessoa normal. Ontem num programa de TV um casal gay se beijou, as crianças assistem e isso causa um choque na criança. Porque elas conhecem o papai e a mamãe, e como papai tá beijando outro homem? Acho que a criança fica chocada quando vê uma coisa dessa. Não concordo com passar essas coisas na televisão. Tem que concordar que elas existam, mas o resto não (Beto, Cidade Gaúcha).

Eu não tenho preconceito, mas acho que eles devem passar o maior bocado com a família e outros. Meus amigos mesmos são preconceituosos, agora eu não. Eu tive que aprender a lidar, porque eu tive que conviver com homossexuais na faculdade, apesar deles nunca se abrirem comigo, nunca falarem detalhes e ser uma coisa mais reservada. Porque têm homossexuais e homossexuais, tem aqueles que saem falando para todo mundo, que fulano também é, que sicrano também é, mas quanto aos mais reservados eu respeito

todos, não condeno não, não gosto quando alguém fale alguma coisa contra eles, eu defendo, mas esses que saem falando tudo eu não defendo não (Marla, Cidade Gaúcha).

Os jovens em foco, diante da provocação do depoimento de pessoas “reais” e não de personagens, mesclaram análises associadas à televisão e ao mundo concreto, cotidiano. É possível observar, no posicionamento de ambos, que são contra a adoção de crianças por homossexuais, revelando em seus discursos, ainda que em níveis diferentes, uma antipatia explícita por essa situação.

Conforme Jacks, Menezes e Piedras (2008), o ambiente cultural é um requisito importante no posicionamento dos sujeitos em seu cotidiano. A atitude assumida por dois membros do grupo focal, Beto e Marla, por exemplo, são balizadas pelo seu ambiente de convivência e de sua formação cultural e religiosa, uma vez que os jovens são católicos praticantes e a Igreja Católica no transcurso da história eclesiástica, se posiciona contrária ao tema, apesar de haver, na sociedade contemporânea, ações concretas pela igualdade de direitos. Trata-se, portanto, de um jogo tenso, um processo que envolve relações de força que perpassam o indivíduo. Muitas vezes, o jovem se vê diante do desafio de lidar com princípios, valores e práticas disponibilizados por ambientes distintos que ele frequenta. O caso de Marla, como se verá adiante, corresponde com mais propriedade a esse aspecto do que a posição de Beto. No cruzamento entre a mensagem da telenovela, os valores religiosos e a experiência diária na Faculdade, a jovem manifesta um posicionamento tenso, aparentemente ambíguo. É importante lembrar que esse enfrentamento se relaciona, também, à construção e afirmação da própria identidade.

A influência da formação e inserção religiosas aparece de forma explícita no posicionamento de Beto e alimenta seu preconceito diante do tema abordado. O discurso dele revela que a adoção por pessoas do mesmo sexo é totalmente reprovada, pois julga que uma criança necessita de um pai e de uma mãe de sexo oposto para crescer saudável e feliz. Inclusive, fica evidente que o jovem acredita na influência que a mídia exerce na formação das pessoas, ao declarar que um beijo entre homossexuais, em rede aberta de televisão, nunca deveria ter acontecido, pois essa atitude poderia causar estranheza e chocar as crianças. Ele concorda que esse fato acontece no

mundo e que não tem poder para mudá-lo, no entanto, defende que deve ocorrer de forma oculta.

O discurso de Marla revelou tensão, própria do choque entre seus princípios e a experiência que ela vivencia na Faculdade. Inicialmente, anunciou que não tinha preconceito, mas, ao longo da fala, demonstrou dificuldade em lidar com a situação. Mencionou a necessidade de aprender a conviver com homossexuais, pela sua presença constante na universidade. Em seu posicionamento defendeu uma relação harmoniosa entre as pessoas homossexuais e heterossexuais, mas ressaltou que os homossexuais devem ser mais reservados e ocupar um espaço o qual ela não soube determinar com clareza qual seria, o que evidencia um não alinhamento com o princípio da igualdade. Nesse aspecto, ela manteve uma posição muito próxima daquela anunciada por Beto, ainda que não idêntica.

É interessante sublinhar que o perfil de Marla tem particularidades sugestivas. Ela frequenta a Faculdade e essa inserção diferenciada em relação a muitos jovens de Cidade Gaúcha, propiciou-lhe uma abordagem peculiar, ou seja, uma percepção do imperativo de boa convivência entre os diferentes, ainda que no mesmo discurso, tenha feito ressalvas. O importante é perceber que a experiência de inserções em instituições diferentes e até, em algum grau, concorrentes (igreja e faculdade) forneceu à moça elementos para ler a mensagem da telenovela com mais recursos do que outros jovens e, inclusive, com uma narrativa marcada pela tensão. No depoimento da universitária se clarifica a relação de forças, própria no campo cultural e que envolve os indivíduos no cotidiano. Parece correto afirmar que à medida que a jovem negocia com a mensagem televisiva e expressa isso em debate, também enfrenta o desafio de se afirmar perante a sociedade.

Em ambos os casos, fica evidente que os receptores são produtores que superam a relação passiva com o problema apresentado pela telenovela, haja vista que frente ao mencionado, há um código de oposição à mensagem, em maior grau em Beto e de forma mais atenuada, em Marla. O que eles viram e ouviram foi um depoimento sobre a luta de homossexuais para conseguir o direito de adoção e resistiram à ideia, em graus diferenciados, possivelmente, em função de inserções e experiências sociais diversas. Significa que o receptor é um sujeito inserido num contexto e sempre, individual e

coletivamente envolvido com as mensagens que recebe da televisão (OROZCO, 1996). A cultura individual e coletiva são fatores importantes que contribuem para o posicionamento desses jovens.

Nesse viés, as mediações de ordem cognitiva, cultural e institucional interferem no parecer dos membros acima mencionados. Dornelles (2003) explica que a cognitiva é aquela que incide no conhecimento. Refere-se não só à parte racional da construção da mensagem, mas envolve valores e emoções. Essa mediação se refere aos motivos pelos quais a mente do receptor percebe determinadas características da mensagem, em detrimento de outras. A incidência da mediação cultural se pauta na maneira como o sujeito guia a sua capacidade cognitiva, pois, todo telespectador é resultado e membro de uma cultura que está presente em suas interações sociais e na sua influência mútua com a televisão. A mediação institucional, por sua vez, explica que diversas instituições das quais o sujeito fez ou faz parte, exercem influência na maneira de receber as mensagens televisivas, da mesma forma que a televisão media a interação do receptor em outras instituições e momentos.

A título de comparação, convém refletir sobre a reação dos jovens de Curitiba que participaram da pesquisa. Motivada pelas imagens da telenovela, Beatriz menciona a discriminação de seus amigos do sexo masculino, em relação aos homossexuais. Ela relata os comentários de meninos do seu grupo, que dizem: “o mundo está perdido”. Beatriz comenta: “Os meninos falam isso alto, então as meninas costumam pedir para que eles respeitem os outros”.

Quanto ao respeito, entretanto, Beatriz, do mesmo minigrupo focal, expõe que certa vez estava no ônibus e duas meninas homossexuais lhe dirigiram “cantadas”. Ela se sentiu desrespeitada, e disse que, da mesma forma que ela as respeitava, também gostaria de ser respeitada. Segundo Beatriz, os homossexuais não respeitam os heterossexuais, o que seria um desrespeito recíproco. Seus amigos da Igreja e da Faculdade, usualmente conversam com ela sobre questões triviais como a tarifa do ônibus com aumento previsto, a violência urbana, entre outros, ao frequentar habitualmente, a pizzeria. Ela percebe que alguns deles têm preconceitos contra homossexuais, ao empregar o adjetivo “nojento” ao se referir aos *gays*. Ela e os amigos conversam sobre o assunto, para verificar a opinião de cada um.

Cláudia, de Curitiba, tem inserções sociais diversificadas o que enriquece suas mediações ao se deparar com a mensagem da telenovela. Estuda Teatro e frequentou curso de Cinema sobre roteiro e dramaturgia, tendo assistido a vários filmes clássicos, antigos e também, aos contemporâneos. Diz gostar muito de cinema e pretende graduar-se na área e conta que recentemente, assistiu ao filme “O turista e enrolados”. Em casa, assiste aos seriados que lhe agradam como “Grey’s Anatomy” e “Lost”. Possui muitos amigos, principalmente no Teatro, com quem costuma almoçar. Portanto, dificilmente fica sozinha. As pessoas têm os valores próximos aos dela, diz. O único fator que ela denomina “complicação” é o uso de drogas pela maioria de seus colegas (principalmente maconha), evitando estar presente nessas ocasiões. Entretanto, não se afasta dos amigos, o que implicaria em se afastar de todos.

Apesar de Cláudia estar imersa num universo social e cultural diferente daquele que predomina na cidade pequena, ela considera que o preconceito existe no ambiente que frequenta e quando se trata de preconceito, identifica uma situação problema para ela porque boa parte dos seus amigos de Teatro é homossexual. Afirma sentir dificuldade de se juntar a esses grupos, pois não gostaria de passar pelo constrangimento de ver seus amigos homossexuais coagidos.

Cláudia expõe que certa vez foi com seus amigos, que não são homossexuais, a uma festa de aniversário no bar GLBTT (Gays, Lésbicas, Bissexuais, Transexuais e Travestis), mas foram embora rapidamente, pois não aguentaram assistir às cenas homoafetivas. Conta, ainda, que conhece quatro meninos em sua escola, que falam muito mal de *gays*, são os “machões”, mas, que ela já viu três deles “ficando” com outros meninos. Eles imploraram que não contasse a ninguém, o que havia visto, o que efetivamente fez. Contudo, esse incidente levou-a a desconfiar das pessoas que criticam muito os homossexuais. Além de tudo, acha que fazem isso para provar sua masculinidade, se valendo desse diferencial, para odiar o outro gênero.

A jovem demonstra ser, entre os pesquisados, a que mais interage com a leitura porque lê com frequência. Ela relata que adquiriu o gosto, movida pelo curso de Teatro, quando se sentiu constrangida pelo fato desse ser um hábito de seus colegas de estudo que liam os clássicos. Entre as suas últimas leituras

cita “Cartas a uma jovem atriz” da Marília Pêra, livro com o qual se identificou bastante por relatar os dilemas vivenciados por uma jovem atriz, como ela; um livro de contos de Woody Allen (que não foi tão estimulante, por se tratar de contos); “Anne Frank: contos no esconderijo”, um livro escrito pelo pai da menina judia, com histórias que contava à filha no esconderijo, durante o Holocausto.

A jovem faz parte de um universo cultural rico e diversificado, quando comparada aos jovens do interior o que a auxilia a ter uma visão menos preconceituosa relativa às questões da homossexualidade.

4.2 RACISMO, PRECONCEITO E DISCRIMINAÇÃO

Embora o racismo não tenha relevância no enredo da telenovela, os entrevistados se referiram a esse assunto, quando evidenciado em alguns capítulos da novela. O fato de a protagonista ser uma negra e uma das “Helenas” de Manoel Carlos despertou o olhar do público, como dos membros dos minigrupos focais. Tal fato foi prontamente observado por uma das jovens: “Uma coisa que eu notei é que nessa novela do Manoel Carlos a Helena é negra” (Marla, de Cidade Gaúcha). Ao fazer tal comentário a entrevistada se justificou, ressaltando que não estava falando de racismo e aprofundou o assunto dizendo: “Eu acho que racismo virou desculpa, só porque colocaram uma atriz negra como protagonista um ou outro vai querer falar de racismo porque está na moda, mesmo que a novela não explore isso”.

Como se nota, a fala de Marla faz alusão à cor da pele da atriz. Talvez, porque nas novelas desse autor, a protagonista é sempre uma “Helena”, mas não uma negra. É importante notar que o fato de Helena ser negra, não passou despercebido pela jovem, embora essa temática não se evidenciasse na trama, apesar do autor explorar o racismo em alguns episódios. Outros relatos de Marla e Beto ilustram seus pensamentos em relação à questão do racismo e a forma de recepção da mensagem televisiva.

Racismo virou desculpa, como as cotas na faculdade, lutam para cotas. Porque eles têm direito às cotas? Se você chama o João lá de preto, ele vai na delegacia abre um processo contra você e fala bem assim que você chamou ele de preto só porque você é branca, certo? Aí na hora da faculdade tem as cotas dos negros e dos brancos. Aí

se o negro não consegue emprego é porque ele é negro. Se ele é demitido do emprego, ele é preto, é porque o chefe dele é branco e não gosta de preto, certo? E porque na faculdade que é um negócio que é para todo mundo também, eles tem que exigir cotas? Sendo assim, eles sempre querem ser iguais aos brancos? Você consegue entender? Aí lá na faculdade tem que ter uma cota, mas como você quer ser tratado com igualdade se precisa das cotas? (Marla, Cidade Gaúcha).

Se existe o branco existe o negro. Sabe essas brincadeirinhas ah, porque ele é preto! Tem gente que faz. Eu rio quando a pessoa é muito íntima, mas se não for não faço (Beto, Cidade Gaúcha).

Nas declarações, fica implícito que existe um conflito entre a existência ou não, do racismo na sociedade. Em ambos os discursos há controvérsias em relação à questão da igualdade para brancos e negros. Ora, os direitos dos negros são defendidos e ora, questionados. Marla acredita que já que todos são iguais não é necessário cotas para negros, aliás, um requisito para a igualdade seria não se colocar como diferente, pois, a partir do momento que um negro reivindica uma questão para si, ele está negando a sua igualdade perante os brancos.

Como assevera Hall (2006) hoje, é comum a presença de identidades descentradas e fragmentadas porque a globalização e as imagens da mídia levam agentes a se confrontar com uma gama de identidades distintas, cada qual apelando para diferentes partes do “eu”. Na verdade, esse conceito orienta boa parte da análise porque em geral, administra as ambiguidades da fala dos jovens sobre os temas. Ora, defendem um posicionamento, ora, outro, pela indefinição de sua identidade e elaboram um parecer a partir do que veem na mídia e do que conversam com os amigos e grupo social..

Em uma situação se posicionam favoravelmente a respeito de um tema, em outra, se manifestam de forma diferente e/ou contrária. Se alguns jovens não se posicionaram de maneira definitiva, Helen, de dezesseis anos, de Cidade Gaúcha, considerou o que aprendeu na religião, manifestando a sua fé ao se posicionar frente à temática. É bom lembrar que Helen é descendente de negros, mas parece não considerar esse fator como identitário ao dizer que não vê muito racismo na sociedade. Já na novela, ela também notou que a protagonista é negra, o que considerou “normal, afinal todos devem ter espaço”.

Eu não vejo muito racismo, acho besteira, Deus fez todos iguais, a vida é curta, todos vão morrer e não vão levar nada (Helen, Cidade Gaúcha).

Helen faz uso da mediação institucional quando revela tendências oriundas da igreja católica que frequenta. Sua recepção também é mediada pela categoria cultural, já que vê pouco preconceito na sociedade e manifesta sua posição de acordo com a percepção que faz da sua vivência. Essa postura denota uma forte relação com a sua maneira de ser e agir com os outros. Portanto, constata-se uma recepção determinada pelo contexto com as particularidades de práticas cotidianas e orientação religiosa.

Também se averiguou a existência de preconceito na família dos jovens pesquisados, situação que reflete, provavelmente, o modo como o receptor apreende a temática racial e se posiciona a respeito. A literatura sobre recepção valoriza a família como importante elemento no jogo das mediações.

Beatriz, de Curitiba, por exemplo, observa que em sua família há resquícios de racismo, contudo, não se considera racista. Mas, descobriu a tendência dos familiares quando apresentou o namorado moreno. A família brinca dizendo que ela está fazendo um mau investimento e que o garoto não tem futuro. Quando escuta esses comentários, fica muito irritada e desaprova as atitudes dos familiares. Embora encarem esse comportamento como brincadeira, ela o interpreta como verdade oculta. É viável avaliar que Beatriz conhece os dois lados da questão, o de ser racista e o de não ser. Escolheu a segunda opção. Entretanto, com a atitude da família, identifica o racismo em diversos contextos e desaprova a prática. Sendo assim, a recepção que faz da novela está mediada por essa percepção vinda do lar. Induz-se que, embora ela opte pelo não racismo, esse preconceito oriundo da família, constitui-se em mola propulsora para que ela pense e se posicione sobre a questão.

A figura de Helena, personagem da atriz Taís Araújo, negra e protagonista, aflorou a percepção do preconceito racial da amostra desta pesquisa. Esse assunto também se manifestou em outras situações que envolveram Luciana, a qual se tornou tetraplégica devido a um acidente e de outros personagens em situações que denotaram, não apenas preconceito racial, mas também, profissional.

Carlos destaca temas relacionados ao preconceito:

O que foi interessante também que a novela abordou foi que não foi só o preconceito racial, né? Foi o preconceito contra a deficiência. Não teve enfoque de uma área, teve racial, contra classe social, contra os deficientes, na verdade abordaram um pouco mais do que poderiam ter abordado em outra novela (Carlos, Curitiba).

O depoimento é muito rico porque o jovem, ao opinar sobre a novela, percebe vários tipos de preconceito, mesmo enfocados em um drama individual, no papel de um ou outro personagem. A apresentação dos depoimentos ao final dos episódios, com certeza, aguçou a percepção do elo entre os dramas pessoais e a dimensão coletiva do preconceito. Mas, a telenovela não evidencia supostas causas sociais para o preconceito, tampouco favorece reflexões de cunho sociológico. Contudo, alguns jovens, em função das suas inserções, enfim, mediações, sentiram-se à vontade para refletir e discutir o caráter social de temas abordados pela telenovela, como dramas individuais.

É como se, ao perceber que a novela não enfatizou nenhum tema como uma questão social, o receptor assumisse esse papel ativo e construísse a ponte entre o que se abordou na trama e as situações sociais. Na verdade, o autor Manoel Carlos, revelou em entrevista à revista “Veja” que não intencionava abordar o preconceito racial. Extrapolando o contexto da novela, Carlos percebeu em alguns de seus amigos comentários racistas relacionados a negros. Nunca os viu discriminando ninguém, mas pelos seus comentários, é possível identificar o preconceito. Não conversa sobre o tema com a família e também não nota vestígios de preconceito. Faz uma ressalva, entretanto, ao afirmar que seus familiares julgam certos jeitos de se vestir e se ornar, como o uso de *piercing* e tatuagens, pelos quais ele optou, entretanto, desaprovados pela família.

Beatriz tem a mesma opinião de Carlos:

A novela tem um ponto forte que em todo lugar acontece muito preconceito. Tanto racial quanto com deficiente físico. Acho que é um ponto bem importante de se destacar porque está em todo lugar que você vai. Tem preconceito de uma pessoa ser negra, ser deficiente, tipo, na fala, no andar, no visual, todo tipo de deficiência assim (Beatriz, Curitiba).

Apesar de a inclusão ser uma tendência do mundo moderno, também se argumenta que as interpretações de Carlos e Beatriz coadunam com sua orientação e prática cristã, que abominam a exclusão. Ora, se amar uns aos outros como a si mesmo, é um mandamento religioso, então a noção de inclusão implica obedecer aos mandamentos. Beatriz frequenta a Igreja Evangélica Assembléia de Deus, semelhante a de Carlos, que faz parte da Comunidade Gólgota: um grupo de jovens que se reúne para adorar a Deus e disseminar e estudar os textos bíblicos. Assim, a mediação que os faz perceber e abominar os preconceitos vem do âmbito institucional, caracterizando-se como uma mediação institucional. Nesse tipo de recepção reconhece-se com clareza, a relevância da inserção religiosa na vida de cada um. Como revelam posicionamentos similares, infere-se que esse fator se justifica pelo envolvimento com a religião evangélica, reforçando o caráter de cada um, ou mesmo, modelando esse caráter.

Júlia, estagiária do programa Menor Aprendiz, da prefeitura de Curitiba, é assídua telespectadora de telejornais e acessa frequentemente, a Internet. Tem 16 anos e revela que nota diferenças de gênero entre os garotos e garotas da sua turma, mas percebe pouco racismo. Ela avança em relação aos recursos oferecidos pela novela e fala de inclusão:

Eu acho assim, não é só porque é um deficiente que não pode se incluir na sociedade, pois a pessoa que tem deficiência é um ser humano como qualquer um, ele tem o direito tanto como nós de se envolver novamente na sociedade, sendo paraplégica ou mesmo que sofra preconceito racial (Júlia, Curitiba).

Além dos filmes da Rede Globo ela também assiste aos da Rede Independente de Comunicação (RIC TV), além de acompanhar programas de esporte, novelas e o *Big Brother* Brasil. O último era, várias vezes, tema de suas conversas com os amigos, incluindo ainda, esporte e novela.

Beatriz concorda com a opinião da colega: “Eu acho que igual à questão do racismo, é uma coisa bem comum, só que é bem trabalhada isso, né? A gente vê várias divulgações e tudo mais”. Apesar da moça não citar as outras fontes das quais extraiu informações sobre o preconceito ou discriminação racial, deduz-se que ela não se restringe à novela como meio de informação, o que se comprova quando confessa ler sobre o assunto em outras fontes. Essa

constatação caracteriza a mediação cultural, ligada à forma como a pessoa vive o cotidiano, experimenta diferentes inserções sociais e interações, tais como: ler jornal, revista, além de assistir à televisão. Beatriz revelou que ultimamente, assistira poucos filmes e programação televisiva, como o *Big Brother* Brasil, gosta de ir ao *shopping* passear e frequenta a igreja Assembléia de Deus.

A percepção dos jovens denota posições que não condizem propriamente com as mensagens da novela, mas que são nitidamente, interações provenientes desse suporte. A pesquisa ofertou autonomia para enfocar fatos e informações ausentes da novela, com o objetivo de suplementar os temas e alimentar a discussão do grupo. Esse fato ratifica a mediação cultural à qual os receptores de telenovela estão expostos. (OROZCO, 2006).

Cláudia, de Curitiba, estuda Teatro e também se referiu às mensagens que a telenovela veiculou sobre preconceito e, mais precisamente, a respeito do racismo. Para ela, é representativa a cena em que a mãe de Helena fala que ela alcançou o sucesso ao vencer o preconceito de raça e cor. A estudante de Teatro depõe: “Não é uma coisa de deixar de dizer, porque existe mesmo preconceito contra a cor e tem umas novelas que branco e negro tá tudo bem, mas não é assim”.

Para a jovem, a postura da mãe de Helena admite o preconceito que muitas vezes, não é explicitado em outras novelas, embora transpareça na cultura. Nas entrelinhas, sugere que esta telenovela, ao menos, apontou o tema. Dessa situação, interpreta-se que a telenovela apresentou o assunto sutilmente, ao se analisar o conjunto da obra. Todavia, mesmo quando o fez, como no caso do episódio relatado, associou a questão a atitudes individuais em detrimento das sociais, tanto no que se refere às barreiras impostas aos negros quanto à sua superação. A jovem Cláudia, por sua vez, atentou para o tema e definiu como positivo o fato de a telenovela focalizar a questão, superando outras obras do gênero. Nessa fala específica, Cláudia, na sua negociação com a mensagem, reproduz o “avanço” presente na telenovela, mas, não resiste ao enquadramento dado pela televisão.

Ainda, quanto à cena em que a mãe de Helena diz à protagonista que ela alcançou o sucesso ao vencer o preconceito de raça e cor, a interpretação

de Beatriz é a seguinte: “Ela não deixa bem claro (Tereza, a mãe de Luciana), mas é! Ela não deixa claramente explícita que ela tem o preconceito. É um preconceito velado, que ela tem só com ela, mas que na hora não seguiu e expressou”. A jovem percebe um preconceito velado da personagem, mas, não vislumbra na novela, um tratamento específico da questão.

No que diz respeito ao preconceito contra os deficientes, a telenovela dedicou várias cenas e abordou a questão de forma explícita. Nesse contexto, cita-se o caso de Luciana, a personagem tetraplégica. Em uma das cenas, na tentativa de se locomover de ônibus, foi destratada por um motorista que lhe pediu mais agilidade para entrar no veículo, desconsiderando o fato de ela estar em cadeira de rodas. Alguns jovens lembraram a cena e acharam que, nesse caso, a demonstração do preconceito foi forçada, situação em que é possível perceber um código de oposição. Então, os jovens se manifestaram:

A Luciana quando ela vai pegar o ônibus assim, hoje em dia se for parar para pensar não é do jeito que o motorista fez porque ele pediu para ela ser rápida para não atrasar muito. Eu penso que deviam ter trabalhado melhor esta questão na cena, foi meio forçado porque uma pessoa paraplégica tem realmente o direito de entrar num ônibus e usar o transporte coletivo como qualquer outra pessoa. De uns tempos para cá a infraestrutura das cidades grandes tem melhorado muito, não só para cadeirantes, mas para todos os deficientes físicos, tem as estruturas para eles nas calçadas que eu nem sei o nome. Os ônibus têm elevador, não só isso, mas bancos preferenciais, coisa que antigamente não tinha e não se respeitava como hoje. Eu acho que tá melhorando bastante (Júlia, Curitiba).

É eu também acho que foi forçado porque hoje em dia tem ônibus especial, que abaixa para levantar a cadeira de rodas, já tem rampa nas rodovias, tudo para passar a cadeira. Tem rampa nas escadas, elevador. Eu acho que já está tudo mais trabalhado, acho que a novela forçou, deu um ar de que a Luciana era a única cadeirante do mundo e não é assim, isso é uma coisa normal entendeu? Estão trabalhando muito a questão da locomoção para os cadeirantes, eu acho que já está bem evoluído. (Beatriz, Curitiba).

A discriminação da Luciana não foi tratada com realidade, se tem cadeirante na cidade como que o elevador tava desligado? (Beto, Cidade Gaúcha).

O código de oposição não negocia apenas com a mensagem. Ele revela também um universo de significados exteriores à mensagem, pois, situa-a no contexto do receptor. O fato de esses jovens notarem a incoerência entre a realidade e a cena da novela, infere que eles vivenciaram situações ou perceberam que as pessoas com deficiência física não são tratadas,

normalmente, como representado na novela. Principalmente, constata-se esse dado em Beatriz e Julia que moram em Curitiba, uma cidade de grande porte.

Júlia argumenta que as cidades grandes cada vez mais, se adaptam às necessidades das pessoas com deficiência física. Entretanto, o caso de Beto é talvez, o mais ilustrativo do código de oposição, porque cidade pequena, como Cidade Gaúcha, carece de infraestrutura para cadeirantes. Contudo, ele percebe que o fato do elevador do ônibus estar desligado, é uma incoerência, afinal, se o aporte existe é justamente, para atender a casos como o da personagem Luciana, caracterizando artificialidade à cena. Enfim, o apelo da telenovela se propôs a despertar no público o drama dos deficientes, mais especificamente, as dificuldades para se locomover em condução coletiva nas grandes cidades. A fala dos jovens indica a resistência a esse registro.

Outra situação que apresenta discriminação e preconceito se concretiza quando o personagem Jorge se envolve com a prostituta Mirna. Ele acompanha Mirna em diferentes ocasiões, atitude que ultrapassa às dimensões de uma relação profissional. Deduz-se que não se trata da compra de um serviço de acompanhante ou algo parecido, mas, sim, um relacionamento próximo do namoro. Ao saber do caso, a mãe de Jorge, Ingrid, vai à casa de Mirna e entre outros assuntos, de modo muito educado, diz à garota que o filho não é homem para ela. Os jovens concordam que Ingrid tem atitudes preconceituosas também em outras cenas, geralmente relacionadas à proteção dos filhos Jorge e Miguel, mas para alguns, apesar de negarem a discriminação contra a prostituição, num primeiro momento, ela se confirma em seus depoimentos.

Imagina como fica a cabeça de uma mãe quando o filho namora uma prostituta e alguém pergunta o que ela faz? Como a pessoa responde que é uma prostituta? (Marla, Cidade Gaúcha).

Para Marla, os padrões sociais se sobrepõem ao caráter da pessoa, pois, Mirna era uma garota educada e com muitas qualidades. Contudo, o fato de ser prostituta interferiu ao avaliar seu relacionamento com Jorge, rapaz de família distinta que exercia a profissão conquistada na faculdade e para ela “poderia ter arrumado qualquer outra moça de família”. Salienta-se que as inserções de Marla, de Cidade Gaúcha, referem-se a ambientes e situações

conservadoras, conforme o padrão de cidade do interior. Já para Carlos, de Curitiba, a opinião, mesmo que generalizada a respeito do comportamento da mãe de Jorge e de Mirna, não foi de tolerância, com a primeira, e nem de discriminação, com a segunda. Para ele, cristão praticante, “todos têm o direito de refazer sua vida e de serem aceitos, procurar o melhor para si”. Apesar da opinião do entrevistado, Carlos considera que Mirna pode “mudar de vida”, considerando a possibilidade dela abandonar a prostituição, o que se entende neste trabalho, não como discriminação contra o que ela faz, mas está de acordo com o que ensina a religião a que se consagra, a qual prega que vender o corpo, é pecado.

O que mais me pegou nessa área foi a questão da mãe dos gêmeos, de demonstrar que a mulher era preconceituosa mesmo. Os pais chegarem ao extremo de fazer uma coisa daquelas, tratar daquela forma os relacionamentos dos dois, foi um ato extremo de preconceito que o autor quis mostrar (Carlos, Curitiba).

Achei muito exagerado o papel da Ingrid. Muito preconceito contra a Luciana e as outras namoradas do Jorge. Ela queria o casamento perfeito para os dois filhos, uma mulher perfeita e de preferência rica (Helen, Cidade Gaúcha).

O pensamento de Helen está atrelado ao de Carlos porque ambos pensam de forma parecida. Mesmo que suas inserções sejam diferentes (Carlos, de Curitiba, e Helen, de Cidade Gaúcha) e até mesmo suas crenças, que são inserções importantíssimas na avaliação de seus posicionamentos, o princípio de igualdade entre as pessoas diante de Deus é, segundo o que se acredita neste trabalho, o que faz com que os dois se mostrem tolerantes com as diferenças e ao mesmo tempo, intolerantes com o preconceito.

Ainda sobre a prostituição e o preconceito, outros jovens fizeram ressalvas importantes quanto à forma como a novela encarou as questões. Seus registros implicam em que, nem sempre a maneira como a novela enfoca os temas satisfaz aos telespectadores, pois suas inserções, o contexto em que vivem e as informações que trocam no dia-a-dia fazem com que tenham uma visão mais abrangente dos temas focados nas novelas. Assim, as opiniões demonstram claramente, que a novela não é um meio de informação definidor do que eles pensam, mas apenas, um recurso que, muitas vezes é passível de crítica.

A prostituição serviu na novela para retratar o preconceito da Ingrid, porque a novela não falou de prostituição, falou de uma prostituta (Tom, Cidade Gaúcha).

O tema da prostituição também só foi tratado com gente rica. Só tinha gente rica indo atrás das prostitutas, mas também tem as prostitutas pobres e quem vai se deliciar com elas (Sara, Cidade Gaúcha).

Outro participante da pesquisa é Tom, 16 anos, que mora em Cidade Gaúcha com a tia e faz pequenos serviços antes da aula, geralmente, nas casas das professoras: limpa piscinas, corta grama, arruma jardins, entre outros. Cursa o Ensino Médio e conversa sobre novela e filmes com os amigos, à noite, em frente a casa onde vive. Pelo depoimento, ele visualiza o apelo individual da novela em relação ao tema prostituição. Ratifica-se o entendimento de que o tratamento de algumas temáticas cotidianas é um atributo do gênero telenovela, enfatizando o drama pessoal em detrimento da dimensão social dos problemas. É importante ressaltar que não há preocupação quanto ao modo como a telenovela “deveria” ou não, se desenrolar. Realça-se, no entanto, essa característica de gênero apenas como recurso analítico do posicionamento dos jovens diante das mensagens. Nesse sentido, é interessante ressaltar a percepção de Tom a respeito da mensagem veiculada. Ele chama a atenção para o enquadramento do tipo “preconceito pessoal”, identificável na novela, opondo-se à abordagem da questão social da prostituição. Infere-se que essa percepção advém do contexto do bairro em que Tom vive, pois, nas imediações de sua residência, situada num lugar menos favorecido da pequena cidade encontram-se com facilidade, pontos de prostituição e drogas, o que o coloca em contato com essa realidade.

A fala da jovem Sara, 16 anos, estudante do Ensino Médio da mesma escola de Tom e residente no mesmo bairro, aproxima-se bastante da proferida pelo garoto. Ela reclama que a novela focaliza a prostituição parcialmente, vinculada a um público específico de classe média, omitindo a vida das prostitutas com menos recursos que a personagem Mirna. Os jovens apontam elementos importantes que devem ser considerados ao concluir que a novela trata de determinado tema. Eles percebem, ao seu modo, que o assunto não foi explorado socialmente e se enquadrou como caso individual ou parcial, obedecendo aos critérios da trama e do gênero. Mas, a menção às prostitutas

pobres permite deduzir que Sara conhece a realidade dessa categoria por causa de seu contexto social.

Quanto à profissão da personagem Mirna, alguns jovens criticam a resistência da mãe do Jorge em aceitá-la, mas denotam, contraditoriamente, seus próprios preconceitos.

Eu não trabalharia numa profissão destas! Eu não tenho nada contra assim, eu não sou preconceituosa em dizer que não vou conversar com a menina que é prostituta, mas para mim, para mim como profissão, eu nem acho que é uma profissão vender o corpo, eu acho que tem várias opções de ganhar dinheiro, formas honestas. Hoje em dia tem muito curso, muitas oportunidades, sabe, eu acho que não precisa disso para ganhar a vida, para mim é isso (Carolina, Curitiba).

Estudante de Biomedicina, Carolina, 19 anos, se posiciona contra qualquer tipo de preconceito. Ela relata que percebe na igreja e na universidade muito preconceito contra homossexuais com o qual não coaduna. No entanto, revela contradição quando diz ser capaz de conversar com uma prostituta, contudo, considera o trabalho indigno e não o classifica como profissão.

Júlia, de Curitiba, discorda parcialmente de Carolina, mas admite sentir-se desconfortável com essa forma de se sustentar, porque para ela, o mundo oferece muitas possibilidades de ser “alguém na sociedade”. Pode-se induzir que esse “ser alguém na sociedade” se relaciona a *status*, uma posição econômica e social melhor, ignorando as possibilidades de uma profissional do sexo ter dinheiro e reconhecimento social.

Não que o trabalho dela seja desonesto, mas eu também acho que ela devia ter achado outras formas de sustentar, não vendendo o corpo, eu também não me vejo nessa profissão, igual ela falou, tem vários modos de ganhar dinheiro hoje em dia, curso gratuitos aí que muita gente aproveitou e que hoje são grandes pessoas na sociedade (Júlia, Curitiba).

Beatriz fecha o quadro de opiniões e reforça que existe a possibilidade de executar variadas atividades para sobreviver, além do sexo. Na realidade, ela insinua que ser prostituta é uma opção possível, tanto no Brasil quanto no exterior. Porém, ela valoriza os cursos profissionalizantes como caminho para ingressar no mercado de trabalho, preferíveis à prostituição. Acrescenta que

a vontade é a força motriz para enveredar por outro caminho, que não seja vender o corpo.

Eu acho que a pessoa que faz isso não é por falta de opção, não só no Brasil, mas em vários lugares do mundo há a opção de se profissionalizar em outra coisa e não vender o corpo, é só a pessoa querer chegar lá e ter força de vontade (Beatriz, Curitiba).

Fica explícita a tensão desses jovens ao se confrontar com a mensagem da telenovela. Aceitam o enfoque da representação que elabora a personagem Ingrid, como preconceituosa. Mas, ao transitar do melodrama para a realidade, eles resistem à aceitação da prostituição, como opção justificável.

Ao focalizar internamente a trama, uma jovem manifesta a ideia de que seria estranho Jorge casar com uma prostituta sob o argumento de que ele era o mais centrado dos gêmeos, como se não fosse possível alguém como ele, se apaixonar por uma mulher prostituta. Devido ao perfil de Miguel, o irmão gêmeo, apresentado como brincalhão e até certo ponto, liberal em seus valores, a jovem Cláudia considerou capaz de se apaixonar por Mirna. Sua declaração demonstra certa indignação com o fato, vendo-o como incoerente: “Podiam ter pegado o outro que era mais danadinho para ficar com a prostituta e se não desse certo e tal a gente ia entender” (Cláudia, Curitiba).

Para Regina, que é assídua leitora e assiste a muitos filmes, é difícil alguém se apaixonar por uma prostituta, de acordo com sua constatação social. Sua posição quanto a esse assunto tem nuances de preconceito, ainda que ela diga odiar o preconceito e inclusive, ser uma defensora da causa *gay*, entre amigos heterossexuais. A veemência com que afirma que nenhum homem normal tem sentimentos por uma prostituta, permite uma inferência de que ela não considera a prostituta uma mulher normal, como qualquer outra, capaz de provocar paixão em um ser humano. Apesar de a jovem não explicar essa atitude, fica subentendida certa discriminação, ou seja, para ela, uma prostituta não estaria em condições de atrair afetivamente um homem como as outras mulheres. Em seu depoimento, afirma: “Eu achei meio surreal porque ele devia ter só um desejo, ninguém tem um sentimento por uma prostituta, ninguém” (Regina, Curitiba). Regina é um exemplo de como alguns jovens têm ideias progressistas em alguns pontos, e em outros, conservadoras. Se por um lado, ela considera difícil alguém se apaixonar por uma mulher que vende o

corpo, por outro, ela é a favor do aborto, contrariando a opinião da maioria dos entrevistados.

Os integrantes da amostra, também encontram preconceito nas cenas em que Ingrid tenta dissuadir o filho Miguel de se casar com Luciana. Miguel e Jorge são gêmeos muito diferentes em personalidade, mas tem em comum, o amor pela mesma mulher. Ambos alimentaram outros relacionamentos durante o folhetim, mas os dois eram apaixonados por Luciana. Na trama, ela aparece como uma moça rica que sempre teve tudo o que desejou: o carinho da mãe, o companheirismo da irmã adotiva Mia, os mimos do pai e o amor de Jorge e Miguel. No transcurso da novela, ela percebe que ama Miguel e não Jorge e, apesar da resistência de Ingrid, por ela ser deficiente, o casamento se realiza, decepcionando a mãe do rapaz. Os entrevistados mostram o seu parecer sobre o desenrolar do melodrama:

A Ingrid foi preconceituosa porque não é só porque uma mulher tá numa cadeira de rodas que ela não pode proporcionar a felicidade para um filho. Eu acho que ocorreu tanto preocupação de mãe como preconceito porque o que ela jurava que nunca ia acontecer, a Luciana e o Miguel ficarem juntos, aconteceu. [...] Na verdade a Ingrid tinha vários tipos de preconceitos, tanto que ela implicou com o Miguel quando ele conheceu a Renata, ela não queria de jeito nenhum que o Miguel ficasse com a Renata. E em relação a Luciana, quando ela andava e era namorada do Jorge ela era toda carinhosa com a Luciana, ela passava isso, que adorava a Luciana, mas foi acontecer o acidente e ela mudar, mostrou-se outra Ingrid na novela (Júlia, Curitiba).

Eu acho que foi mais preconceito. Acho que ela pensou que o filho tão bem sucedido na carreira de médico não podia estar casado com uma cadeirante. Notei que ela tinha uma preferência por este filho e isto agravou a situação. Foi preconceito. Ela foi preconceituosa até na hora do casamento do filho, ela disse que parecia uma festa junina, que a festa era bizarra. Foi bem egoísta (Beatriz, Curitiba).

Foi preconceito, percebi que ela não gosta das pessoas cadeirantes. Porque a pessoa vai lá, sofre o acidente e a Ingrid pensa como ela pode oferecer algo de bom depois disso. Ela pensa que não há nada que a Luciana possa fazer de melhor para o filho dela (Carolina, Curitiba).

Júlia, de Curitiba, continua na defesa da corrente da inclusão como o fez em vários outros depoimentos. Tem como aliada nesse quesito, Beatriz, cujo histórico de vida foi marcado pelo alcoolismo do pai, com várias tentativas de recuperação. Deduz-se que suas demonstrações de tolerância em relação à situação difícil pela qual passaram diversas personagens como Luciana,

tetraplégica, Renata, alcoólatra e Helena, com o aborto e o racismo estão relacionadas à experiência pessoal de situações de dependência e exclusão. Ela relata explicitamente que Ingrid é preconceituosa e egoísta, só consegue pensar no que ela considera adequado para os filhos e não pondera sobre a vontade deles. Até mesmo Carolina, que anteriormente só percebeu o preconceito contra os homossexuais em sua rotina com os amigos, concordou, em uníssono com as colegas, com o texto da telenovela de que Ingrid foi preconceituosa. A participação do grupo de jovens da Igreja Evangélica há três anos e a orientação religiosa provavelmente, norteiam a conduta de Carolina referente à inclusão.

Cláudia critica a omissão, relativa ao preconceito, do marido e dos filhos de Ingrid numa clara negociação com a mensagem, quando indica que pela idade e situação financeira dos personagens em questão, os filhos, teriam condições para reagir. A recepção da mensagem por Cláudia se situa entre a leitura hegemônica e a opositora, resultando em um código negociado que revela que nem tudo o que a receptora viu está em concordância com seu parecer. Contudo, ao mesmo tempo em que a jovem combate o preconceito, sua fala revela certa tolerância com a prática na sociedade.

Abaixo se visualiza tensão em suas palavras:

Achei uma coisa complicada da novela o comportamento da Ingrid, tudo bem ela ter alguns preconceitos, porque existe mesmo, mas o fato de os filhos nunca terem mandado ela “catar coquinho” e o marido aceitar foi estranho (Claudia, Curitiba).

Na expressão “preconceito existe mesmo” transparece a tolerância e também uma aceitação quanto ao padrão da telenovela, qual seja, incorporar aspectos da realidade ao drama sem efetivamente criticar essa realidade. Observa-se uma mediação cultural na qual incide o fato de que a cultura está envolta por certos tipos de preconceitos que se naturalizam (OROZCO, 2006), e Cláudia parece naturalizar o preconceito.

Os entrevistados identificaram o preconceito em outra personagem mãe, além de Ingrid. Destacaram a mãe de Bruno, o fotógrafo que no decorrer da trama se envolveu amorosamente, com a protagonista Helena e mais tarde, descobriu ser filho de Marcus, ex-marido da amada. A mãe de Bruno, ex-

modelo, reprova o relacionamento do filho por dois motivos: o primeiro, pelo fato de Helena ser negra; e segundo, porque descobriu que Helena era ex-mulher de Marcus, pai de Bruno, fatos revelados no transcorrer da trama.

Apareceu preconceito porque a hora que ela descobriu que a Helena era negra ela deu todo um piti e perguntou para o filho se ele ia namorar uma negra. Só depois ela ficou muito preocupada porque descobriu que Helena era a ex de Marcus (Júlia, Curitiba).

Eu acho que a mãe do Bruno por ter sido modelo devia ter tido muitas amigas negras porque sempre tem uma negra no mercado fashion. Ficou difícil entender o preconceito dela (Cláudia, Curitiba).

Eu também achei isso meio surreal, porque geralmente as pessoas bem sucedidas são mais esclarecidas. Mas é sempre preconceito da mãe, eles jogam para a mãe, para a mãe sofrer com o filho que tem um relacionamento com a cadeirante, a prostituta ou a negra (Regina, Curitiba).

Observa-se nas declarações um código de oposição quando os jovens dizem não compreender o preconceito. Diante da situação da personagem, pessoa esclarecida e envolvida no mundo da moda, não seria aceitável que ela discriminasse a cor de alguém. O depoimento de Regina chama a atenção porque ela apreende uma situação que no seu entendimento é típica das novelas: colocar a preocupação maior na figura da mãe, inclusive, o preconceito. Essa constatação retoma a ênfase direcionada ao aspecto individual que os temas usualmente, desenvolvem no transcorrer da história. Na opinião da jovem, transparece a sua indignação relativa ao modo como assuntos relevantes como o preconceito, disseminado na sociedade, são enfocados em novelas.

Cláudia enfatiza esse aspecto:

O que eu não gosto nas novelas é que todas as coisas más dos seres humanos ficam numa pessoa só. Tudo bem que cada um tem um defeito, mas se uma pessoa é um vilão todo o preconceito tá nela, aí porque a Luciana era cadeirante o preconceito era dela, porque a menina era prostituta o preconceito era dela. Eu não gosto porque isso tá em toda a sociedade não só numa pessoa (Cláudia, Curitiba).

Ao falar “não gosto” a jovem assume o descontentamento quanto à divisão típica das novelas em personagens do bem e do mal. É possível afirmar ainda, que não agradou à Cláudia a apresentação dos temas polêmicos pelo

folhetim, localizados em indivíduos privados. Tudo indica que a jovem esperava que a discussão se estendesse à esfera social.

Um fato que passou despercebido à Cláudia é que o papel de vilão não coube apenas a um personagem porque ocorreu uma espécie de alteração em algumas situações, quando diferentes personagens assumiram essa característica. Contudo, essa tentativa de aproximação com a realidade, onde as pessoas não são definitivamente boas ou más e agem de acordo com as circunstâncias diárias, não aconteceu no desdobrar da história. Claudia se apegou à característica geral do enredo: a localização do mal em uma personagem principal.

Ela também incluiu o preconceito social aos cotistas das universidades ao observar a forma de tratamento diferenciado dispensado por colegas, por esse motivo. Ao mesmo tempo, percebeu que as pessoas mais ricas “são mais populares”, e por esse motivo, com maior aceitação social e apoio em diferentes ocasiões. A jovem contou que convive com muitos negros, na escola e no Teatro, contudo, nunca viu nenhum deles sofrer discriminação. Entretanto, considera válido perguntar-lhes, porque eles sentem quando a pessoa está fingindo. Por parte de sua família paterna, ela identificou preconceito racial e relatou que certa vez, em uma festa, o seu pai estava alcoolizado e a constrangeu bastante quando falou para a sua prima: “Fiquei esperando um tempão para conhecer o seu namorado e você me aparece aqui com um negão?”. Por parte de mãe, não há esse preconceito porque suas tias já tiveram relacionamentos bi-raciais o que nunca foi um problema.

Pode-se inferir que o preconceito está disseminado na sociedade de várias formas. Esse fato se identificou nos depoimentos sobre a novela e nos relatos sobre a vida real, assim como se notou resistência à discriminação. Portanto, se os jovens são, em algumas circunstâncias preconceituosos e em outras, defendem a igualdade de direitos, esse comportamento expressa posições advindas de sua cultura, com a qual negociam, reproduzindo posturas conservadoras ou retirando conteúdos críticos e de resistência.

4.2.1 O Namoro e a Questão da Deficiência

Para alguns jovens, a novela mostrou não apenas os preconceitos, mas as alternativas para combatê-los, por vezes, esclarecendo dúvidas dos receptores. Quanto ao sexo para os cadeirantes, os jovens se manifestaram positivamente em relação à atitude da novela em prestar esclarecimentos sobre o assunto. Para Regina, criou muita expectativa, a cena em que Luciana e Miguel se relacionam sexualmente, pela primeira vez, como descreve:

Achei que ficou todo mundo meio desesperado esperando a cena da primeira noite deles. O que a novela quis mostrar é que eles têm vida, uma vida normal como qualquer pessoa, de ter relação sexual e tudo. Até a questão que eles colocaram de não ter lugar no banheiro, no ônibus, achei que isso tem ligação com o preconceito, com os direitos dos cadeirantes. Porque a primeira coisa que você imagina quando uma cadeirante vai casar é como ela vai ter uma relação sexual, então eu achei bem legal colocar isso para a sociedade, tanto que eu nunca tinha parado para pensar numa cadeirante tendo uma relação sexual, eu achei legal esta parte do direito deles, quer dizer da possibilidade (Regina, Curitiba).

E a novela cria esse ponto, quando pensar numa cadeirante vão pensar na Luciana. Quando virem uma cadeirante se casando vão lembrar da Luciana. Foi uma coisa muito legal esta cena da Luciana com o Miguel. (Cláudia, Curitiba).

A partir do que Regina e Cláudia destacaram, reflete-se a respeito das funções que a telenovela desempenha ao influenciar a construção de valores e explicar o cotidiano,. Assim, eventualmente, desnuda algum tabu e agenda alguns problemas comuns na sociedade, não com o intuito de resolver tais problemáticas, mas simplesmente, para destacar a importância do assunto.

Sem dúvida, é relevante o fato de a novela destacar a questão da deficiência física. Alguns entrevistados perceberam essa importância, como Clarice, que justifica: “porque as pessoas hoje, por causa da novela têm uma visão melhor a respeito desse tema”. Ela é estudante de Farmácia, de Cidade Gaúcha e como alguns gauchenses, frequenta a Igreja Católica. Frequentou alguns anos do Ensino Médio com Marla e Beto, portanto, são conhecidos. Além disso, compartilha com os colegas algumas opiniões sobre o preconceito contra deficientes físicos. Deduz-se, portanto, que sua inserção universitária e

social proporciona entendimentos próximos a de seus colegas. Tanto Marla quanto Beto concorda com ela de que a novela tem pontos positivos e negativos. Como pontos positivos destacam a abordagem da deficiência esclarecendo dúvidas e desfazendo mitos. “A história da Luciana, apesar de ela ser rica, ensinou como vive uma pessoa com deficiência para muita gente”, diz Beto e Marla concorda: “Eu tinha dúvidas sobre a vida sexual do tetraplégico que não tenho mais”.

Mas, apresentam algumas ressalvas, como Clarice: “nem todos possuem os recursos que Luciana possui”. Nesse caso, a questão da identidade de classe fica clara, a jovem percebe que se o problema fosse com ela, a dificuldade seria maior, porque ela tem menos recursos financeiros. Assim também Beto percebeu que a novela mostrou as dificuldades do tetraplégico “apesar de a Luciana ser rica”, sinalizando que ela teve privilégios inacessíveis a muitos tetraplégicos.

Nesse viés, Morin (1987) assevera que os mecanismos da novela são a identificação e a projeção quando o público se identifica nas características físicas e afetivas, veiculadas pelo gênero. Como consequência, essas pessoas vivem aliviando as tensões cotidianas nessa projeção. Para o autor, a novela reproduz e dita padrões sociais, assim como os filmes o fazem., estabelecendo-se uma relação de duas vias.

Pelo depoimento de Clarice deduz-se que ela tem clareza dos elementos que constituem a novela. Alencar (2002) argumenta que a novela estabelece um elo com a realidade quando os telespectadores se confrontam com circunstâncias vividas pelos personagens, mas sem os choques comuns e verdadeiros do cotidiano, ainda assim, alimenta a fantasia e o ideal.

4.2.2 Alcoolismo

“Viver a Vida” abordou ainda um caso de anorexia alcoólica, vivido pela personagem Renata cuja intenção era ser modelo. Era estudante universitária, namorava Miguel e se submetia a tratamento psicológico para reverter sua dependência alcoólica. Entretanto, seguidamente se embriagava, faltava à sessão de psicologia e mentia para a mãe e para o namorado sobre essa falta à terapia.

Indagados, alguns jovens do grupo focal admitiram vivenciar o drama de Renata e interpretaram as mensagens veiculadas pela novela relacionando-as, em alguns casos, com fatos cotidianos.

Carolina se posiciona:

Eu lembro no ano passado que eu tive que apresentar um trabalho na faculdade sobre anemia alcoólica. Aí tinha uma moça dando notícia de pessoas famosas que deixavam a vida para viver em função do alcoolismo e se fecham para o mundo como se a vida fosse só aquilo. Ficam como se fosse com uma anemia normal, mas que acaba estragando o organismo e a vida, a alma assim, vão se destruindo por dentro e por fora e acabam mentindo para os outros como a Renata mentia dizendo que estava fazendo uma coisa enquanto estava fazendo outra. Foi um assunto bem chamativo na novela (Carolina, Curitiba).

Nesse depoimento percebe-se uma mediação institucional porque a Faculdade proporcionou à jovem o contato com o tema “uso de álcool”. Possibilitou-lhe o acesso a dados, antes da ampla abordagem da novela. Carolina cursa o segundo ano de Biomedicina numa faculdade particular e após o término da novela empregou-se como recepcionista num restaurante, à noite. Ela também é adepta à Igreja Batista onde se diverte com seus amigos de fé, quando falam sobre diferentes assuntos, entre eles, sobre as bandas de música da Igreja. Lê, às vezes, o jornal “Gazeta do Povo”, e poucas vezes, a revista “Veja”, ambos disponibilizados pela família.

Para Carolina, a percepção do tema se originou da experiência que viveu na Faculdade. Esse tipo de mediação institucional é um elemento importante no processamento da mensagem midiática, porque a telenovela colabora para fortalecer, esclarecer e dar novos contornos ao conhecimento de Carolina. Como ela mesma disse, aprendeu por meio do trabalho de Faculdade que as pessoas “perdem” a vida por causa da bebida, portanto, assistir à luta de um personagem contra o vício, solidificou a visão de Carolina sobre a dificuldade para superação do vício que as pessoas precisam enfrentar na vida real. Sendo assim, sua recepção apresenta traços que levam a acreditar que operou um código hegemônico na sua interação, com a mensagem veiculada pela novela, pois ela soube por meio de outras fontes que as dificuldades que Renata enfrentava, eram semelhantes a de indivíduos dependentes, na vida real.

Outro caso em que a leitura da mensagem apresenta um código hegemônico é o de Sara, de Cidade Gaúcha. Ela também tem parentes distantes alcoólatras, identificando em sua atitudes, problemas de auto-estima, comuns a outras pessoas com essa dependência: “Muitas pessoas que bebem não acreditam nelas mesmas ou passam a não acreditar depois que ficam dependentes”. “

Quando Sara afirma que “A Renata se colocava muito para baixo”, clarifica que em sua percepção opera uma mediação cultural (OROZCO, 2006), pois, ela percebe que a personagem revive os dramas identificáveis em outros alcoólatras de seu contexto social. Quando a experiência ou a observação do mundo externo integra a recepção da novela e o receptor concorda com o que vê, caracteriza-se como uma interação do tipo hegemônico, proveniente de uma mediação cultural que, por sua vez, resulta da inserção social do receptor, nesse caso, a família.

Também, Alice compreendeu que a novela não só informou sobre as mazelas do alcoolismo, mas, incentivou o consumo de bebida alcoólica, como forma de emagrecimento. Essa percepção é relevante: “Eu acho que o fato de ter uma alcoólatra para ser magra na novela, influencia outras pessoas a pensar que beber ajuda a ficar magra” (Alice, Cidade Gaúcha).

Para alguns jovens, o tema ficou vago e não foi explorado adequadamente, levando à frustração pelo fato da novela não cumprir seu papel social de informar:

Podiam ter explicado porque as pessoas chegam a fazer isso, qual o pensamento da pessoa para chegar na mesma fase da Renata e quais os passos para mudar. É o que deveria ser mostrado (Carolina, Curitiba).

A Renata terminou de um jeito que eu não esperava, acho que podia ter dado mais ênfase para ela. Tá certo que mostrou ela indo na psicóloga e tudo, mas acho que deviam ter abordado mais o tema, porque hoje em dia é comum você passar em qualquer esquina e ver um bêbado caído, e uma questão social, podiam ter dado mais enfoque (Júlia, Curitiba).

Para Júlia, o folhetim omitiu a questão social e se concentrou no problema do enquadramento demasiadamente individualista, dos temas propostos pela novela. Ela critica que o alcoolismo foi reduzido a um drama individual de uma personagem e não discutido como um problema social. Ela

citou outros alcoólatras, em situações diferentes da personagem Renata, que necessitam de ajuda e manifestou a frustração ver que a novela não abordou esse aspecto. Assim, identifica-se a mediação cultural e também se nota que a novela assume *status* de informação em alguns pontos, de acordo com os entrevistados.

Sobre a Renata, nos depoimentos apareceu uma modelo que para continuar a carreira ela não comia, vivia o dia inteiro bebendo e certa vez teve um coma alcoólico. Mas depois ela se tratou e conseguiu se recuperar. Porque se você está o dia inteiro bebendo, você não está normal, não tem noção do que está fazendo. A Renata é um bom exemplo de superação na novela, porque no começo ela tinha um preconceito contra ela mesma, tinha que ir na psicóloga e tudo e mentia para a mãe que ia (Júlia, Curitiba).

A estudante Júlia, de 16 anos, identifica-se com o tema inclusão e tem expectativas de que a telenovela esclareça temas sociais e mostre ao público um final razoável, diante das dificuldades. Sua aprovação, nos termos “exemplo de superação” demonstra que a novela atendeu à sua perspectiva nesse quesito, do que se extrai a noção de código hegemônico relativo à mensagem. O que ela viu na personagem faz coro com que ela acredita ser o correto.

Também, discutiu-se como a personagem encerrou sua participação na novela, ou seja, qual foi o desfecho do autor para os problemas que apresentou. Nesse sentido, Renata e Luciana foram as mais comentadas. Alguns jovens gostariam que Luciana voltasse a andar e que Renata ficasse curada. Já outros, acharam que a realidade foi retrata, pois, é muito difícil em alguns casos, como no de Luciana, a pessoa voltar a andar, assim como é muito complicado se livrar dos vícios. “A pessoa quando é alcoólatra e começa a tratar consegue. Ela devia ter terminado curada” (Helen, Cidade Gaúcha).

Entretanto, a mediação familiar aceitou o apresentado, no caso de Beatriz, ao avaliar o final da Renata. Ela tem pai alcoólatra e acompanhou os sofrimentos dele para se livrar do vício. Dessa forma, estava condicionada a pensar nas dificuldades que os alcoólatras encontram quando querem se libertar. Beatriz destacou pontos relevantes de sua experiência mostrando com riqueza de detalhes, as mediações cognitivas e culturais que incidiram em seu entendimento da questão. No seu depoimento, abaixo, aparece também a

mediação institucional quando a experiência familiar forneceu referenciais importantes para interpretar as mensagens da telenovela.

O depoimento é claro:

Eu achei até que o final ficou bom porque a coisa do alcoolismo é difícil de se libertar. Eu acho que tem que trabalhar muito o psicológico da pessoa, a parte familiar, pois a família tem que dar muito apoio. Sem a família eu acho que a pessoa nunca vai conseguir sozinha. No internamento o exemplo, geralmente a pessoa que sai volta, igual meu pai que já tentou se libertar de toda forma. Ele parava, ficava duas semanas sem beber nada, na outra sexta-feira caía de novo, voltava na terça-feira para casa. Hoje graças a Deus ele tá melhor. Mas é uma coisa que a família tem que trabalhar. Eu acho que ele se sente num vácuo e tenta buscar o consolo de alguma mágoa na bebida. Nessa hora a esposa, os filhos, todos têm que se unir e mostrar que a pessoa não tá sozinha. Por isso eu achei que foi bom o final dela, porque se curar demora anos, não é coisa de dias (Beatriz, Curitiba).

Na perspectiva de Beatriz, a partir de sua experiência familiar, a novela cumpriu seu papel ao não propor um final feliz para a personagem dependente do álcool. Significa que ela acolheu o enquadramento do melodrama entendendo que a ficção representou bem a realidade. Entretanto, mais do que aceitar o conteúdo da mensagem como válido, a jovem referendou, ao menos nesse ponto, o tipo de diálogo que a telenovela busca estabelecer com a “vida real”, constituindo-se em representação dramática que se confunde com o drama cotidiano das pessoas.

Quanto ao final da novela, Helen, compartilha do ponto de vista de Beatriz, pois, também valoriza o critério da verossimilhança proposto pelo gênero. Helen compara a telenovela com a realidade que ela retrata. Segundo seu entendimento: “Se fosse os finais que vocês querem ia ter muito final feliz e nem sempre a vida é assim. Foi bom porque passou uma imagem para quem é alcoólatra que é difícil mesmo e para quem é cadeirante que é possível ser feliz assim, casar, ter filhos”.

Carolina enfocou outro ponto importante que diz respeito às instituições que abrigam alcoólatras e à complexidade do tratamento. Ela complementa a informação e preenche uma lacuna que percebeu na novela. Explica que o folhetim não se preocupou em mostrar essas instituições, apenas apresentou a clínica psicológica e psiquiátrica, mas não fez menção às instituições específicas para internamento de alcoólatras.

A manifestação da jovem confirma esse detalhe:

Falando em acompanhamento familiar eu vejo que muitas vezes a família chegando na pessoa que tem esse problema fala de uma instituição para acompanhamento, mas o acompanhamento e desintoxicar e depois voltar para a família apenas, fica uns quinze dias e já volta. São poucas as instituições que dão acompanhamento mais longo (Carolina, Curitiba).

É possível afirmar, por um lado, que Carolina ativou uma mediação cultural (OROZCO, 2006), pois, mobilizou conhecimentos específicos de sua inserção acadêmica, por cursar Biomedicina. Por outro lado, ela incorpora o formato proposto pela telenovela, ou seja, sublinhar a verossimilhança. Essa característica permite-lhe apontar limites na encenação veiculada pela televisão.

Do exposto, observa-se que os jovens trazem experiências pessoais, colhidas das suas inserções sociais, para o confronto com as mensagens transmitidas pela telenovela. Trata-se de exercício de mediações culturais que denotam uma negociação com os conteúdos representados no folhetim.

4.2.3 A Vida das Modelos

É interessante que nas entrelinhas, a percepção de Beatriz se aproxima do poder que o mundo da moda e do consumo exerce sobre as adolescentes, moldando seu comportamento. Ela percebe que a novela não alcança essa realidade, no entanto, em alguns depoimentos nota-se a incorporação de um padrão, o do esforço pessoal de cada garota (o) que tenta ingressar no mundo da moda. Essa é uma tensão existente no universo da moda que fica clara nas exposições dos jovens: se, por um lado, o mundo da moda constrange, por outro, o esforço pessoal permite superar as barreiras e alcançar o sucesso. Há nos depoimentos reservas quanto à maneira como a novela focou a questão do esforço pessoal. Para alguns, ela simplesmente omitiu as atitudes necessárias para chegar ao sucesso, lacuna que os entrevistados preencheram ao designar esforço pessoal como “Quem se esforça, dá tudo de si, alcança”. Essa definição caracteriza insatisfação dos receptores porque a novela não mostrou o caminho do sucesso. Como em outros casos, alguns esperavam que o

folhetim o explicasse com detalhes. Como isso não aconteceu, cada um contribuiu com sua opinião a respeito das mensagens da novela sobre o mundo da moda e a vida das modelos.

O mundo das modelos em “Viver a Vida” revelou a face do sucesso, desprezando as dificuldades para a conquista de um espaço nesse segmento. Alguns jovens concordaram que a novela mostrou como é o mundo da beleza e a correria dos ensaios. Por vezes, a mediação cultural se manifestou porque o entrevistado conhecia alguém com o desejo de ser modelo.

Eu acho que a novela mostrou bem real esta parte da beleza porque a gente não vive assim esse mundo das modelos, mas eu acho que é bem corrido mesmo, ensaio fotográfico, essas coisas assim. Isso é uma coisa que mexe com a cabeça da adolescente porque tem muitos adolescentes que assistem a novela e tem muito adolescente mesmo, três em cada dez que quer ser modelo, isso mexe muito com a cabeça da pessoa. Eu tenho uma amiga que participa de tudo quanto é concurso e a coitada nunca passa em nada. É engraçado, mas ela continua se inscrevendo, faz regime, fica dias sem comer, faz academia e tudo. Ela é bem bonita, mas acho que a pessoa tem que nascer com aquilo porque é muito difícil mesmo. O problema na novela é que dava certo na vida das modelos. A Luciana mesmo cadeirante conseguiu desfilas no final e tudo. Então eu acho que nessa parte não focou, nas dificuldades, porque não mostra como as modelos sofrem para fazer regime, dias sem comer, enfrentar fila e concorrentes. Porque não é bem assim, chega lá e você vira modelo, precisa passar em vários testes, coisas assim. Não mostrou muitos pontos negativos, só positivos, dinheiro, hotéis caros, desfiles de luxo. Não mostrou como é ruim ficar longe da família, dos amigos, enfim não mostrou nada do que uma modelo sofre (Beatriz, Curitiba).

O processo é mais assim, mais demorado. Uma coisa que não foi focada é que tem o teste de passarela, teste fotográfico, sei lá, eu imagino isso, tem que gravar o teste. Tem um processo enorme para chegar até onde uma modelo famosa chega (Carolina, Curitiba).

Entretanto, no parecer de Júlia, a novela omitiu a diversidade do mundo da moda, o que evidenciou uma mediação cultural, pois a sua percepção destaca seu conhecimento de várias facetas da profissão de modelo e confirma a inserção nessa cultura. O salão de beleza, provavelmente, é o espaço que propicia o contato com esse ambiente porque ela aprecia as revistas femininas que esse ambiente oferece. Assim, mesmo que ela não participe diretamente do segmento da moda, através dos periódicos, conhece as tendências, identifica os padrões e nota as minorias, como o gênero masculino nas passarelas. Ela expressa sua autonomia de pensamento com relação ao assunto com convicção quando diz “o mundo da moda hoje é muito

diversificado”. A mediação cultural na interação com a mensagem resulta, no caso de Júlia, em um código claramente, de oposição. Seu posicionamento evidencia a realidade que cerca o assunto e constata que a mensagem não condiz com o contexto das modelos que ela conhece.

A novela também só abordou um tipo de modelo, mas atualmente há espaço para todo tipo de mulher, não é só o padrão magra, alta. Pode ver que hoje tem modelo baixinha, tem modelo gordinha, tem de tudo quanto é jeito. Eu acho que a novela abordou de um modo geral a correria, mas mostrou só um tipo de modelo, deviam ter abordado mais, porque hoje tá bem diversificado esse mundo da moda, estão dando bastante espaço, como para os homens que desfilam mais hoje em dia do que antigamente (Júlia, Curitiba).

A situação de Júlia se adapta ao universo descrito por Stuart Hall (2006), como diversificado e integrado pelos meios de comunicação e por sistemas específicos que transformam a realidade de cada um à medida que ofertam informações. Júlia nunca viveu a realidade das pessoas que desejam ser modelos, mas conhece esse universo devido aos meios de comunicação, no caso as revistas, que são no mundo atual, uma notável mediação. Sua recepção é fruto de uma rica interação de significados provenientes dos veículos de comunicação, disponíveis no mundo em que vive, a novela ou periódicos femininos.

4.2.4 Infidelidade

Um dos temas elencados pelos jovens, perceptíveis na novela, foi a infidelidade entre casais, no casamento e no namoro. Eles apresentam duas possibilidades: as cenas assistidas podem acontecer na vida real ou são tratadas pelo viés da comédia. Durante a conversa de um dos minigrupos focais, Helen teceu o seguinte comentário: “A novela falou muito de traição, por exemplo, o Gustavo gostava da Betina, mas era muito amigo do Marcos que era galinha, então ele fazia isso porque o outro fazia”.

Sobre o episódio em que Luciana foi flagrada na cama com Miguel na época em que namorava Jorge, Júlia considerou que o caso não deveria ser tão facilmente perdoado. É importante lembrar que eles eram irmãos gêmeos e Luciana confundiu Miguel com Jorge e deitou-se ao lado dele na cama. Ela fez

carinhos no cunhado e ele os retribuiu. A cena sugere que Luciana não sabe quem é quem, e só descobre quando Jorge a flagra na cama com o irmão.

Diante do fato, Júlia comenta:

Nessa novela foi o sol tapado com a peneira, porque ninguém tava nem ai para nada. Traía, “poxa me traiu vou partir para outro”, era o que acontecia. Quando o Jorge pegou a Luciana na cama com o Miguel, tá certo que eles não tinham feito nada, mas ele podia ter encarado como uma traição dela. “Poxa minha namorada na cama com meu irmão” O que ele fez? Ele perdoou. Ainda que ela estava só de calcinha. Se eu tivesse uma irmã e eu pegasse ela com o meu namorado na cama, mesmo que não tivesse acontecido nada, eu ia ficar muito chateada e não perdoar (Júlia, Curitiba).

Pela contribuição de Júlia infere-se que a telenovela, na maior parte do tempo, não dramatizou os casos de infidelidade, escolha comum nos folhetins desse horário. Percebe-se que a novela não se preocupou em enquadrar moralmente esse tema, diante do que os jovens reagiram. Os depoimentos revelam especialmente nesse assunto, que elementos do grupo focal, apesar das inserções diferenciadas e dos locais diversos onde moram, apresentam reações similares, em relação às mensagens sobre a infidelidade.

Ainda, referindo-se a mesma cena, Beatriz diz: “Eu acho que faltou reação na hora. Ninguém fazia nada e depois ainda casava. Foi um troca-troca de família, um irmão pegava a namorada do outro, o filho pegava a ex-mulher do pai”.

Se uns constataram muita confusão entre amantes, esposos e irmãos, um viu como positiva, a questão das oportunidades para o fim de um relacionamento e o começo de outros.

A traição foi assim, o fim para alguns e o começo para outros. Pra alguns o sentimento do final e para outros a felicidade do recomeço. Contudo a pessoa traída, eu vejo que na vida real ela acaba se sentindo mal, achando que não deu o suficiente de si (Carolina, Curitiba).

Constata-se nesse discurso, um código negociado. A jovem não concorda plenamente com a reação dos traídos, mas aceita a possibilidade de recomeço, quando ressalta a importância desse ato. Observa-se também o código de oposição (HALL, 2006) porque a novela familiariza aspectos que deveriam, na visão dos jovens, ser tratados de outro modo. Aqui se notam

traços da medição familiar (OROZCO, 2006) e cultural (OROZCO, 2006), pois os padrões morais presentes na cultura recriminam a traição. Contudo, na novela, o assunto adquire outro parâmetro, mais leve e mais cômico, diferente daquele vivenciado culturalmente.

Carolina sentiu nas mensagens um forte apelo pelo recomeço, deduzindo-se que a capacidade de recomeçar e de perdoar é própria da conduta cristã e seu envolvimento com a Religião Evangélica. Enquanto alguns riram das “trapalhadas” das cenas envolvendo irmãos e primos na infidelidade, ela identificou esse comportamento com o que lhe é caro e no que acredita: perdoar, não guardar mágoa e recomeçar.

Por outro lado, as declarações de entrevistados conduzem a outro tipo de mediação familiar, aquele que acontece na novela e se identifica com o real. Assim, para Avelardo: “A novela tratou o tema da traição com realidade, acho que na vida real tem bastante traição”. Avelardo é de Cidade Gaúcha, tem 16 anos e sua vida se resume em ir à escola, assistir à televisão e conversar com os amigos e namorados. Ele é homossexual assumido e irmão de Maria, casada e que não mantém um bom relacionamento com o marido. Segundo Avelardo, as traições e as brigas são constantes entre o casal.

A opinião do adolescente é clara, possivelmente oriunda do que ele observa no relacionamento entre a irmã e o cunhado. A recepção que faz dos casos de infidelidade da novela é uma interação cultural e familiar que resulta num código hegemônico. Então, se a infidelidade da irmã e do cunhado é um assunto corriqueiro, o mesmo é plenamente viável na novela e a mensagem que apreende é para ele uma realidade.

Sara, que mora com os pais, próxima à casa de Tom, num bairro da periferia, concorda: “Do mesmo jeito que as pessoas traíam na novela, podem trair na vida real” (Cidade Gaúcha). A atitude de Sara segue um padrão realista, segundo ela: “Eu falo do que vejo”. Assim, a mediação cultural fica clara, pois ela referenda as posições no que observa no seu grupo social. Percebe-se nesse contexto, uma aceitação do enquadramento proposto pela novela, pois, esse gênero se caracteriza pela representação com pretensões de verossimilhança. Portanto, quando o jovem compara a novela com a realidade e observa uma proximidade entre elas, ele referenda intenções da telenovela.

Júlia, por sua vez, não acredita que as reações à traição corresponderam à realidade. Nos assuntos tratados anteriormente, ela já demonstrou desconforto quanto à ausência de realidade no folhetim, ao focalizar a moda, por exemplo. Nesse caso, apresenta uma preocupação com o processo de recuperação da pessoa que foi traída. Para ela, as mensagens da novela quanto à infidelidade, atropelam esse processo. A partir de sua rotina e comportamento, conclui-se que ela gosta de observar a conduta das pessoas, gerado, sobretudo, pelo hábito e gosto pelos *Realities Shows*. Fã do *Big Brother* Brasil 11, ela costuma conversar muito com os amigos sobre o desempenho e as ações dos participantes. Segundo ela, “observar as pessoas na televisão, como elas são, é como observar qualquer pessoa, serve para aprender”.

Para mim nessa parte de traição a novela não teve nada a ver com a vida real. Porque nenhuma pessoa vai ver que tá sendo traída e simplesmente partir para outra. Eu acho que tem todo um processo da pessoa que foi traída assimilar o trauma. Ninguém encara numa boa como foi na novela e logo perdoa ou parte para outra. Acho que na vida real não é assim (Júlia, Curitiba).

A perspectiva de Júlia conduz a um código de oposição. Mais uma vez, ela mostrou que a interação entre a mensagem ficcional e a realidade, resultou em um produto artificial porque soa irreal. Assim, ganha relevância a mediação cultural que opera no processamento da informação porque é por meio dela, que se faz a negociação de sentido, durante a recepção.

Beatriz concorda:

Ninguém trai e volta com tanta pressa, fica amiguinho de novo e depois de umas semanas casa com a ex do irmão, da irmã. Isso não é bem a realidade. Como é que uma personagem como a Betina, não ia ver que o marido e a prima davam um em cima do outro. Tava na cara (Beatriz, Curitiba).

Essa entrevistada se refere a um núcleo da novela, tão embaraçoso quanto o dos irmãos gêmeos e Luciana. Na verdade, Betina (Letícia Spiller), uma mulher bonita e rica, é casada com Gustavo (Marcelo Airoldi), um marido que assedia a prima de Betina, Malu (Camila Morgado), uma jornalista de economia, respeitável e solteira. Malu convive com Betina e, eventualmente, menciona o interesse do marido por ela. Quando isso acontece, Betina parece

não se importar. Se por um lado, Gustavo se sente atraído por Malu, Betina conhece Carlos (Carlos Casagrande) na academia e se apaixona por ele, concretizando a traição. A situação de Betina e Gustavo suscitou comentários dos jovens, como esse: “Todo mundo via o caso do Gustavo e da Betina, só a mulher dele que não. Não acredito que isso aconteça na vida real” (Beatriz, Curitiba).

Esse parecer ratifica o código de oposição à mensagem da novela, porque o receptor não aceita como ela é formulada (HALL, 2006, ainda que reproduza o enquadramento proposto por esse gênero, conforme explicado acima. A mensagem televisiva, nesse caso, se contrapõe à mediação familiar onde os acontecimentos estão próximos, o receptor está acostumado com a mensagem e aceita como natural, o conteúdo com o qual interage (OROZCO, 2006). Aliás, essa interação é sempre reveladora, pois ela exhibe os códigos e mediações que operam em cada caso.

Nesse aspecto específico, a interação mostra que o receptor tem uma forma de ver o assunto, contrária àquela que a mensagem difunde. Essa é sua resistência, sua capacidade de não aceitar o que a novela apresenta, principalmente, o pertinente à Julia que se revelou uma observadora minuciosa do comportamento das pessoas que a cercam, seja na televisão, seja no cotidiano.

No caso da personagem Dora, contudo, Beatriz concorda que a novela mostrou a realidade, de acordo com a exemplificação a seguir.

Durante um final de semana, Dora se relaciona sexualmente com Marcus, no entanto, o namoro não prospera. Mais tarde, ela salva de um afogamento, a mulher de Marcus, Helena. Esta se sente grata o suficiente para convidá-la a morar na sua casa. Dora desconfia que está grávida de Marcus e ao descobrir que ele é marido de Helena, não se afasta, nem conta para Helena, mas continua na casa, até se envolver novamente, com Marcus.

Para Beatriz: “Isso acontece bastante no nosso mundo, pessoas falsas. Ela ficou dentro da casa da Helena sabendo de tudo. Foi bem complicado”. Essa constatação demonstra um tipo de mediação familiar, porque ela percebe essa conduta na sociedade em que vive e retoma a questão da verossimilhança. A novela passou uma mensagem que ela é capaz de assimilar, constituindo-se assim, em um código hegemônico. É interessante

notar a autonomia da jovem diante da exposição das mensagens midiáticas. Em outras questões, Beatriz ilustrou na sua forma de recepção, códigos de oposição, já em relação a esse enfoque, o registro denota concordância com a mensagem. Revela que durante a recepção, é intenso o processo de negociação entre as informações provenientes de sua experiência e observação pessoal e as dados procedentes da novela. Argumenta-se que esse jogo de forças, entre o que se experienciou e o que a novela veicula, se transforma em bases do poder relacional e cotidiano que se pretende evidenciar neste trabalho.

Sem dúvida, o depoimento de Regina desvenda um produto de recepção tipicamente autônomo. Regina, como explicitado anteriormente, pertence a uma família com poucos recursos e acesso à escolaridade porque nem o pai, nem a mãe e nem os irmãos frequentaram a universidade. Segundo ela, “eu procurei sempre ler, estar atenta às coisas da mídia para conhecer mais e sair do meu mundinho”. Para ela, essa parte da trama, infidelidade, objetivou somente o aumento de audiência:

Eu acho que foi bem novela mesmo, só para chamar ibope, porque teve um filho que descobriu só mais tarde que tava tendo um caso com a ex-mulher do pai, teve a cena da Dora tirando a roupa na praia e depois ficando hospedada na casa do amante, tudo isso é coisa de novela! (Regina, Curitiba).

Alguns jovens consideraram confusa a troca entre casais, caracterizando certa artificialidade, para outros, há outras questões envolvidas no caso que precisam ser consideradas e revelam tendências derivadas de suas inserções.

Teve uma coisa que eu achei legal, é que a traição do Marcos acabou impulsionando o fim do casamento. Mas daí teve o caso da Betina que descobre a traição, mas fica com o marido, a traição contribui para melhorar a vida do casal depois. Então em alguns casos tem que separar, mas outros se vê que gosta da pessoa e melhora (Cláudia, Curitiba).

Cláudia registrou que a traição recebeu um tratamento artificial na novela e reconheceu como importante, a atitude dos envolvidos ao perdoar a infidelidade. Esse pensamento é mais tolerante em relação ao parecer de outros jovens, como o de Júlia, que afirmou não perdoar à irmã se ela a traísse.

A diferença de postura se justifica pela sua inserção social em um ambiente que congrega pessoas diferentes, como é o ambiente do Teatro.

Cláudia relatou que convive com pessoas negras, *gays* e, além disso, seus pais são separados, por isso, é mais tolerante com as diferenças e compreende que a separação de casais é inevitável em algumas circunstâncias. Entretanto, é contornável em outros contextos levando à reconciliação. Possivelmente, a partir do estudo da situação que separou seus pais, a jovem se valeu dessa experiência para analisar a separação de casais na novela.

Eu achei legal a parte da Betina também porque houve perdão, uma coisa que a novela passou bem legal no sentido de tomar outro caminho. Porque eu particularmente não gosto da traição e ninguém gosta, mas eu tento fazer sempre o melhor no relacionamento com todos, mas quando acontece algo errado é preciso haver uma solução e o perdão foi uma solução boa que a novela arrumou (Carlos, Curitiba).

Carlos concorda com Cláudia e demonstra um entendimento guiado pela mediação institucional (OROZCO, 2006), pois como se sabe, ele é frequentador assíduo da Igreja Evangélica e compreende o perdão como um dos pilares dos ensinamentos de Cristo. Dessa forma, ele valoriza o conteúdo da mensagem midiática que traz para o telespectador a possibilidade do perdão, como um caminho. Portanto, ele não se distancia da sua experiência pessoal. Sua atitude corrobora com a tese de que os jovens manifestam posicionamentos advindos de suas mediações cotidianas e inserções sociais. As manifestações de Cláudia também se relacionam à sua experiência pessoal, ao seu perfil e às suas inserções. É importante considerar a forma como eles observam a vida real, quais recursos mobilizam, como, e se, a comparam com a novela. Ainda merecem atenção as situações vividas pessoalmente.

Enfim, nota-se contradição de opiniões: enquanto alguns admitem um enfoque realístico do tema, outros consideram a abordagem artificial. O produto final da interação com a mensagem corresponde às teorias de Orozco (2006); Gomes (2006); Barbero (2008).

A análise constatou mediações importantes que são os caminhos pelos quais transita a elaboração do posicionamento. Nos casos em que se constata

o código de oposição entende-se que as próprias mediações apóiam o pensamento para a recusa de determinado valor e/ou comportamento. Desse modo, que as opiniões não são uniformes porque se referem em primeiro lugar, a experiências individuais.

4.2.5 Gravidez, Paternidade e Machismo

As discussões sobre o tema “Gravidez, paternidade e machismo” são relevantes para este trabalho. Inicia-se a análise pelo parecer de Beto, universitário de Engenharia Agrícola, de Cidade Gaúcha, filho de mãe costureira e pai agricultor, com 18 anos e assíduo leitor de romances. Ao assistir à cena no início da novela, quando Dora sai com Marcos para um passeio de iate e os dois tem uma relação sexual, Beto exclama: - “Ela nem conhecia o cara, já foi no iate dele”.

O discurso indica uma atitude de homem conservador. Fica implícito o descaso de que na sociedade contemporânea, homens e mulheres adquiriram os mesmos direitos, sobretudo, com a consolidação de posições mais democráticas, que vislumbra um fim para a subjugação da mulher. Beto se manifestou durante a entrevista de forma conservadora no que diz respeito às relações de gênero.

Tem profissões que não combinam com mulher, como bombeira não combina com mulher. Acho arriscado bombeira para mulher, vai tirar alguém dos escombros, acho mulher tão sensível para ficar fazendo isso. Já pensou mulher barbeira. Ah! Isso é serviço de homem! (Beto, Cidade Gaúcha).

Apesar de não se considerar machista sua fala é contraditória porque ele admite que algumas profissões têm características masculinas e outras, femininas e apresenta uma reação conservadora referente à atitude de Dora. Percebe-se, nesse contexto, que a novela, ao atualizar e valorizar a verossimilhança ultrapassou os limites de tolerância de expectadores como Beto. Entretanto, outros entrevistados se posicionaram de maneira mais democrática e mais consciente, no sentido da preservação da saúde e do risco de gravidez. Andressa, como Cláudia, é uma jovem atriz, com visão liberal, que defendeu a seguinte posição: “Eu não digo nada a respeito de a Dora ter tido

uma relação sexual ocasional, mas penso que a novela deu mau exemplo no sentido de que ela não se preservou nem das DST(s) , nem da gravidez”.

No entanto, a posição de Regina destoa bastante das opiniões encontradas em Cidade Gaúcha. Os jovens do interior, em geral, fizeram uma avaliação negativa do comportamento de Dora. Merece destaque a postura de Tom diante dessa abordagem, devido à sua participação insípida no minigrupo focal, se comparada aos demais integrantes do mesmo grupo. Geralmente mais reservado, menos incisivo, ele manifestou sua opinião com segurança “Eu não sei, mas se isso fosse aqui, em Gaúcha, ia ser o falatório do ano”.

Seu depoimento é rico porque denota sua percepção da cultura em que vive e o caráter do rapaz o identifica como seguidor de regras de um padrão moral que não aceita como virtuoso, o comportamento de Dora. No íntimo, ele sabe que por ser uma cidade pequena, congrega habitantes que se conhecem, falam de si e entre si, sobre os outros. Esse é um exemplo clássico de mediação cultural que determina a opinião do receptor, pois, tem conhecimento prévio dos hábitos, costumes e normas que regem um determinado lugar. A recepção de Tom demonstra também que as inserções sociais são importantes agentes no processamento das mensagens e elas são análogos às dos demais jovens de Cidade Gaúcha, justificando a semelhança de opiniões.

Assim Paulik, de Cidade Gaúcha, estudante de Publicidade, filho de Oficial de Justiça e mãe, do lar, apresenta perfil parecido com o de Tom e de Beto. Suas inserções sociais são semelhantes e se restringem ao ambiente da Faculdade, de sua casa e da igreja. Paulik também é Evangélico e confessa que depois que entrou na universidade, se afastou da igreja, contudo, seu caráter congrega valores morais oriundos da religião. Ele pensa que o correto é sexo após o casamento, embora admita que não seguiu as normas da igreja, enquanto namorava. Ele se manifesta a respeito do comportamento da personagem Dora que: “Isso é péssimo para uma sociedade, ela mal conhece a pessoa e já sai com ela, enquanto a filha tá na escola e ela já faz um sexo. É quando a novela dá mau exemplo” (Paulik, Cidade Gaúcha). Pela reação, Paulik refuta o padrão de comportamento dos personagens daquela cena particular. Contudo, ele indicou durante a entrevista, que manteve relação sexual em um primeiro encontro, tal qual Dora e Marcus, na novela. Ratifica-se

a incoerência entre a análise do estudante de Publicidade em relação à cena da novela e ao fato real. No julgamento da cena houve respaldo cultural para tal posicionamento, porém, a situação real indica que nem sempre os jovens seguem suas próprias regras.

O jogo de valores expresso pelos entrevistados revela tensão entre o que é corrente na sociedade atual e os princípios advindos da família, da escola e da igreja. Como salienta Rezende (2007), a construção da identidade é uma tarefa que liberta o indivíduo dos vínculos tradicionais, mas é também escolha permanente, fonte de ansiedade e ambivalência. Essa escolha constante submete os indivíduos a desafios diante de um bombardeio de informações, valores, princípios e códigos. Dessa forma, as escolhas conscientes ou não, refletem relações de poder sócio-culturais.

Marla, de Cidade Gaúcha, universitária, frequentou o Ensino Médio na mesma escola que Paulik e Beto. Ela tem 19 anos e atualmente, trabalha como Caixa em um posto de gasolina e anteriormente, cursou o primeiro ano de Farmácia. Ela apresenta opinião diferente dos outros membros do grupo quanto às relações de gênero. Tanto Paulik como Beto creem que existem profissões voltadas às mulheres e outras, aos homens. Apesar de considerar a atitude de Dora não incorreta, em relação à inserção da mulher no mercado de trabalho, Marla considera que homens e mulheres podem exercer as mesmas atividades profissionais, o que explica em sua fala durante a entrevista: “Eu não vejo mais diferença entre homens e mulheres na sociedade”. Tal afirmação se respalda na sua escolha profissional visto que o ambiente de posto de gasolina até há pouco tempo era um setor vedado às mulheres, como profissionais. Pensando no ambiente como mediação, que possibilita o posicionamento dos membros do grupo focal, é importante entender que:

A sociabilidade é a mediação que relaciona as Matrizes Culturais e as Competências de Recepção e Consumo. Essa mediação diz respeito às relações cotidianas nas quais se baseiam as diversas formas de interação dos sujeitos e a constituição de suas identidades. Ela conecta a tradição cultural com a forma como os receptores se relacionam com a cultura massiva (JACKS, MENEZES; PIEDRAS, 2008, p. 36).

Helen, do segundo grupo focal, de Cidade Gaúcha, estudante do Ensino Médio, descendente de negros e católica praticante, revelou que tem muitos

amigos homens e que eles não são muito machistas em outros assuntos, mas em relação à traição, sim. Ela percebe diferenças nas relações de gênero. Para os amigos, o homem pode trair e a mulher não. Helen não se considera machista, afirmando que:

As mulheres tomam as melhores decisões, mais coerentes porque os homens são mais impulsivos. Eu acho que atualmente a sociedade é muito machista, o homem quando trai é tratado de um jeito, a mulher é tachada. A sociedade acha que o homem deve ser perdoado porque é homem e eu não concordo com isso (Helen, Cidade Gaúcha).

O depoimento colabora com o tema traição tratado anteriormente, numa clara referência à mediação cultural, pois o que a jovem nota se relaciona à cultura que ela vivencia, assim como ficou explícito no caso de Tom. Quando Helen diz que a sociedade é machista está claramente questionando um tipo de identidade. Ao mapear esse conflito, ela vislumbra um jogo de valores entre o que o que vê e o que acredita que deveria ser. Nesse caso, há também uma fuga à regra, pois os valores dos jovens da cidade pequena se mostram mais machistas e conservadores do que os da cidade grande. No entanto, apesar de sua inserção religiosa, ela revela um anseio mais democrático na relação homem e mulher. Ela apreende também, que na novela há menos preconceito contra as mulheres que são infiéis. “Na novela as mulheres não são tachadas como nos casos que eu vejo”. Portanto, esse depoimento confirma os valores da cultura corrente na sua cidade e, como ela assimila melhor a condição das infiéis na novela e não da vida real, opera um código hegemônico quanto às mensagens ligadas ao tema onde constata menos preconceito contra o gênero. Essa constatação se pauta em posicionamento pessoal e sua identidade de mulher. Sua manifestação também revela autonomia, pois diante de um valor que é natural em suas inserções e contexto social, ela define uma identidade independente e particular, quanto ao gênero.

A questão do gênero ainda focou a atenção na paternidade. Em razão da relação com Dora, é provável que Marcus seja o pai do filho que ela espera. Contudo, ele reluta em conversar sobre o assunto e aguarda angustiado, o resultado do exame de DNA, solicitado pela moça. Esse enfoque possibilitou aos jovens, manifestar-se sobre os papéis de homem e mulher durante a gravidez.

Tem uma coisa: o homem sempre tem mais direito de não querer assumir o filho, lógico, porque não é ele que gera. Mas se a mulher não assume um filho é tida como uma megera, mas se o homem não assume o filho não acontece nada. Acontece muito também de o homem duvidar da mulher, pensar que fez o filho por dinheiro ou outro motivo. Mas eu não acho errado uma mãe ser solteira, porque ela pode muito bem criar o filho melhor sozinha do que casada. Eu já percebi que quando a mulher engravida é culpa dela, ela que não se cuidou, mas na hora do bem bom ele também não se cuidou, então depois põe toda a culpa na mulher. É muito machismo isso (Regina, Curitiba).

Verifica-se que, apesar de residirem em cidades diferentes, Regina e Helen pensam semelhantemente e reforçam a tese de que Helen, fugindo à regra, define sua identidade à revelia dos fatores que se tem considerado. A única pista que auxilia no entendimento de sua posição é o gosto pela Filosofia, através da qual ela reconhece aprender muito sobre a forma de analisar os acontecimentos.. “Eu gosto muito de ler romances, mas gosto de ler também sobre filosofia para aprender sobre os outros, sobre a forma de ver o mundo e as pessoas”. Essa declaração sugere que a moça elaborou sua concepção sobre gênero a partir de seus estudos e reflexões.

Já Carlos, de Curitiba, pensa de maneira diferenciada e evidencia forte ligação com suas inserções notadamente, a religiosa. Ele tem uma postura diferenciada de Regina quanto às relações de gênero e paternidade.

Eu concordo com ela em termos, porque a mulher pode criar sozinha, mas mesmo se fosse um homem para adotar uma criança ele precisaria de uma mulher. Os dois lados são importantes para criar a criança e dar uma estrutura legal. A própria filha da Dora ficava cobrando saber quem era o pai dela, porque quando a criança começa a tomar consciência isso vai sendo um ponto negativo que traz consequências para o futuro. Nem que seja um avô ou um tio, tem que ter um papel de homem na vida da criança (Carlos, Curitiba).

Carlos e Regina se contrapõem, quanto aos valores. A jovem é progressista e admite que uma mulher sozinha eduque um filho, sem consequências futuras desfavoráveis. Por sua vez, o jovem acredita que a figura paterna é imprescindível.

Tem-se, portanto, a mediação cultural e a institucional. Regina recebe influência da mediação cultural, pois sabe que na vida real muitas mães criam os filhos (as) sozinhas. O conflito de gênero é tematizado por resistir à

aceitação de uma identidade de submissão da mulher. Suas inserções no Teatro e os fatos que relatou durante a pesquisa, como as conversas que mantém com seus amigos heterossexuais a favor dos *gays*, favorecem a inferência de que Regina é mais liberal que os demais do grupo.. O convívio com identidades diferentes derivado de suas relações a auxiliam a construir sua própria identidade.

Carlos, por sua vez, acredita que a mulher pode criar um filho sem a presença do pai, mas não considera a atitude recomendável para edificar um ambiente familiar. Essa posição corresponde à mediação institucional, pois as igrejas cristãs valorizam o papel da família e é esse aspecto que o jovem reproduz, uma vez que ele é um assíduo frequentador da Igreja Evangélica. Afirma que segue as diretrizes da igreja em todos os campos da sua vida, o que se consolida em seus depoimentos. Ao contrário de uma multiplicidade de inserções para enriquecer a concepção de Carlos, tem-se uma única fonte, quase absoluta, a filtrar seu olhar e orientar sua postura diante de todas as mensagens.

Nota-se ainda que alguns jovens consideram natural o fato de uma mulher estar com um homem e engravidar de outro. Sara, de Cidade Gaúcha afirma: “Eu acho que acontece muito o caso de a mulher estar com um homem e ter um filho de outro. Tom, de Cidade Gaúcha, por sua vez, diz: “isso é normal”. Já Avelardo, também de Cidade Gaúcha concorda que é “normal porque as mulheres decentes está meio difícil de encontrar”.

O posicionamento de Avelardo denota uma tendência conservadora que destoa do revelado em seu perfil. Na entrevista ele diz que:

[...] os homens não devem ser machistas. Minha irmã e meu cunhado vivem competindo, mas ele quer mandar nela, eu não concordo, isso para mim é machismo, tem que existir respeito mútuo. Eles brigam muito por causa disso, mas ela provoca (Avelardo, Cidade Gaúcha).

Quando ele afirma que os homens não devem ser machistas, refere-se a conceder à mulher liberdade e autonomia e que as regras devem ser iguais para os dois, promovendo a harmonia. Não é possível saber exatamente o significado de uma mulher decente, mas infere-se que seja a mulher que respeita o homem e não o trai. Indecente seria aquela que está com um, e se

envolve com outro o que caracterizaria falta de respeito, portanto, com respaldo em sua fala, tem-se que a atitude seria reprovável.

O que lembra machismo é a generalização. Dizer que a maioria das mulheres não tem um comportamento decente é um julgamento precipitado que implica julgar sem valor a mulher que está com um homem e se envolve com outro. A experiência familiar com a irmã é um exemplo para a afirmação de Avelardo e o seu discurso denota em alguns momentos, atitudes conservadoras e em outros, progressistas.

Algumas vezes citou que não se importa com o que pensam dele ou se zombam de sua homossexualidade, revelando uma posição livre em relação ao preconceito social. Mas, ao generalizar a situação das mulheres, dizendo que as decentes são difíceis de encontrar assume uma postura preconceituosa. Esse perfil respalda a sua recepção quanto aos casos de infidelidade mostrados na novela. Avelardo crê que trair é normal, porque acontece no cotidiano, caracterizando uma mediação cultural, pois é de seu contexto que extrai as características do seu processo de recepção. A observação advinda de sua inserção social, a família, demonstrou ao jovem que a novela não fugiu ao padrão a que ele está acostumado a presenciar, portanto, opera um código hegemônico pelo qual demonstra sua concordância com a mensagem da novela.

Helen, também de Cidade Gaúcha, pensa assim “normal eu acho que não é, porque é meio espantoso a mulher estar grávida e não saber quem é o pai. Mas acontece tanto que as pessoas acabam achando que é normal”. Pelo termo utilizado, percebe-se que ela também reprova a gravidez, sem que a mãe saiba quem é o pai, mas reconhece que esse acontecimento é corriqueiro na cultura social à qual pertence (OROZCO, 2006) e coincide com a mensagem da novela.

Tom se identifica com o parecer de Helen. Para ele, gravidez sem paternidade é comum, por isso destaca, “não é que seja normal, mas acontece bastante atualmente”. É importante salientar que as tradições das cidades do interior são conservadoras, e é também baseado nessa qualidade que Tom se posiciona. Como no caso de Avelardo, a recepção da mensagem por Tom, se relaciona à forma como ele identifica que ocorrem essas questões na sociedade. Sua vivência: família desestruturada, separações, traições,

permitem-lhe um olhar experiente em relações a esse assunto e longe de idealizar o relacionamento dos personagens na novela, ele opera um código hegemônico que aceita como verossímil a mensagem do folhetim.

Extrapolando a paternidade do filho da personagem Dora tem-se as contribuições gerais sobre o machismo, o que é importante, porque confirma a interação do jovem com o mundo, a partir da mídia. Apesar de a opinião de Beto, já discutida, apresentar um viés conservador, sua posição em algumas ocasiões é incoerente.

Quanto ao machismo, ele relata o que pensa:

Machismo é uma coisa muito rústica, mas não sei se existe machismo na sociedade que a gente vive, porque a mulher ganhou muitos direitos, muitos privilégios. Eu vejo como uma pessoa ignorante quem é machista, esses que pensam que mulher tem que lavar passar e cozinhar. Eu acho que a mulher tem que fazer o serviço da casa, mas também tem que trabalhar fora ué. Uma vez eu vi nos casos de família uns homens que só deixavam a mulher sair da casa de camiseta, aquela coisa feia, larga. Que é que tem a mulher se arrumar. Se um pai é patriarcalista ele já é machista, mãe também tem autoridade, tá certo que não é tanto como o pai. O pai tem a última palavra, dá mais segurança o pai falando (Beto, Cidade Gaúcha).

O discurso de Beto mostra que ele oscila entre a igualdade de direitos já consolidada e os valores de gênero ainda muito fortes na sociedade. Ele concorda que a mulher deve cuidar da casa e trabalhar fora, contudo, ignora o fato de que a dupla jornada de trabalho é um dos pontos fundamentais quando se discute o machismo.

Além disso, Beto assevera que a última palavra em casa, a de autoridade, é do homem. Assim, desvaloriza a autoridade da mulher e mostra que se para ele os direitos devem ser iguais, os deveres ainda não atingiram uma isonomia. Por essa razão, com relação à traição, Beto se manifestou de acordo com sua construção de gênero, autoridade para o masculino em detrimento dos direitos femininos. O posicionamento é fruto de seu pensamento com relação à situação dos gêneros na sociedade atual, sem que a mensagem seja predominante. Há uma negociação entre o que ele acredita e o que ele vê, revelando um caso de mediação cultural (ORZOSCO, 2006),

Já Marla se refere ao machismo salientando que:

Machismo para mim é quando o homem é o chefe da casa e a mulher não pode nem trabalhar. Eu acho que os direitos são iguais para todos. Graças a Deus eu não vejo machismo nos meus amigos, eles não deixam de me falar as coisas porque sou menina (Marla, Cidade Gaúcha).

Ela e Beto compreendem de maneira similar o machismo na sociedade, e Marla também fala de direitos e da vida profissional.

Alguns jovens de Curitiba, como Regina, destacaram o machismo na profissão.

Há várias pessoas que fazem teatro e terminam com o namorado porque o namorado não quer que beije numa peça. Não é só no teatro, mas com qualquer coisa a mulher tem que se esforçar mais, porque o homem trabalha para a família também, mas é a mulher que cuida dos filhos. A mulher pode trabalhar como o homem, mas faz mais coisas, então em relação a trabalho o machismo existe mesmo. Eu acho um absurdo quando a mulher exerce a mesma função que o homem e ganha menos. Eu acho um absurdo essa desigualdade (Regina, Curitiba).

As posições de Beto, Marla e Avelardo são contraditórias, no entanto, percebem-se alguns valores semelhantes, derivados de inserções e experiências. Regina, de Curitiba, esclarece adequadamente, os pontos em que os direitos da mulher ainda não estão a contento. Todos os jovens envolvidos receberam as mensagens, influenciados claramente por suas inserções e as cidades onde residem, colaboram para construir o diferencial no momento da recepção.

Ainda quanto ao gênero, Cláudia, de Curitiba, relata que havia um tratamento diferenciado entre ela e o irmão no ambiente familiar e atividades específicas cabíveis às meninas e meninos. Explicou que ele é irmão só por parte de pai, mas que já morou com o pai e o irmão quando assumiu as tarefas da casa. No início, o irmão a auxiliava. Contudo, mais tarde sua avó considerava um absurdo, um homem realizar afazeres domésticos. Então, Cláudia foi sobrecarregada, um dos motivos, pelo qual voltou a morar com a mãe. Por esse motivo, ela percebe na novela que a maioria das mulheres são ricas, sustentadas pelos maridos e que não precisam colaborar no orçamento ou fazer tarefas domésticas. Sua recepção indica que ela conhece a realidade de outras mulheres, as que não usufruem do padrão de vida da novela e precisam trabalhar. Avalia que essa não é uma função só feminina, a de

participar das tarefas domésticas e que a novela retratou um padrão que não corresponde à realidade, operando assim, um código de oposição explicitamente ligado a sua experiência familiar.

4.2.6 A Infância Retratada na Novela

Provavelmente, pelo apelo cativante que a criança apresenta para a audiência, a novela trouxe a personagem Rafaela (Klara Castanho) como a filha da Dora, mãe solteira que se envolveu em um caso de traição e outro, de gravidez. Rafaela sabia da vida da mãe e a trama mostrou muita cumplicidade entre elas. Em algumas cenas, a garotinha reagia aos acontecimentos que provocaram controvérsias entre os entrevistados.

Rafaela era muito esperta, pois uma criança não julga os adultos como ela julgava (Sara, Cidade Gaúcha).

O modo de agir dela não combinava com uma criança (Tom, Cidade Gaúcha).

Na vida real tem bastante desses casos, mas tinha muita desconfiança no olhar dela, isso eu concordo que não é coisa de criança (Avelardo, Cidade Gaúcha).

A cena mostrou bem como as crianças são hoje em dia. Não são mais bobinhas, sabem o que é certo e o que é errado (Beatriz, Curitiba).

Mostraram que hoje em dia a criança tá com uma mente acelerada. Ela vê alguém traindo o marido e pensa nossa! Isso é errado! É pecado! É feio! (Julia, Curitiba).

O que os jovens evidenciaram no comportamento de Rafaela é que, apesar de ser criança, não apresentava as características dessa fase porque seguidamente, se comportava como adulta. No entanto, outros integrantes da amostra, consideravam-na um exemplo de menina precoce. Contudo, no que se refere à recepção convém lembrar que a interpretação de cada jovem está condicionada por suas inserções sociais e experiências. Dessa maneira, destaca-se abaixo, a visão de Carolina, ao analisar uma cena em que Marcos e a menina tomam café da manhã e ela o encara, concentrada, com olhar firme, pois, pensa em contar-lhe que viu Bruno e Helena se beijando. Marcos percebe, no entanto, e lhe sugere que tome seu café para que não esfrie.

Então, Rafaela responde que não gosta mesmo de café quente, ignorando seu pedido. Dora chega e intervém. A garota ameaça contar a traição de Helena, mas, quando a mãe lhe chama a atenção, ela desiste.

Para Carolina:

Mostrou que a criança parece que já nasce com uma mente mais adulta hoje em dia. Porque a criança vê além, vê a verdade mesmo. A gente devia ser como criança. Na cena da mesa quando ela olha para o marcos ela quase conta, porque criança é assim mesmo vê e quer contar não guarda segredo não (Carolina, Curitiba).

Na opinião de Carolina a criança é autêntica e trabalha sempre com a verdade. Numa perspectiva remota, mas possível, pode-se dizer que essa concepção positiva que ela extraiu da mensagem da novela, se origina na religião. Quando ela expõe que todos deveriam ser como crianças induz-se que a assertiva provém das palavras de Cristo, segundo as escrituras. “Deixai vir a mim as criancinhas porque delas é o reino dos céus”. Em outras palavras, Carolina acredita que as crianças são puras. Ela diz: “A criança vê além, vê a verdade mesmo”. Pelo seu caráter religioso, ela vê a criança, mesmo Rafaela, como pura, entendida como peralta por alguns, e chamada de demônio por outros envolvidos na pesquisa.

A mediação institucional é a chave de negociação de sentido nesse caso de recepção. Tem-se como produto um código negociado onde se admite que a criança queira contar aos adultos, o que não deve, para não causar conflito. Assim, o fato de Rafaela em outras palavras, querer “fazer uma fofoca” é visto por Carolina como uma autêntica manifestação infantil por falar a verdade a quem quer que seja. Nesse caso, não há oposição à mensagem, pois Carolina não entende o oposto do que foi veiculado. Também, não há um código hegemônico, pois a visão de pureza vem da interpretação de Carolina e não se pode afiançar que corresponda à intenção do autor.

O relacionamento entre mãe e filha, suscitou comentários:

Eu achei que ela foi uma mãe até muito liberal, todos queriam uma mãe daquela, divertida, brincalhona, que dava espaço e liberdade para a menina se expressar, procurava sempre entender o que ela tava passando. Acho que os pais deveriam ter uma relação assim com os filhos (Beatriz, Curitiba).

A Rafaela tinha um jeito demônio. Parecia irmã e não filha da Dora (Paulo, Cidade Gaúcha).

Todo mundo falou que a personagem tava exagerada. Tem que ter um pai para dar criação. Só a mãe deu a entender que ela era muito mimada (Carlos, Curitiba).

A mãe dela mimava muito, todo mundo gostava dela no começo e no final também acho que ficou um demônio (Cláudia, Curitiba).

Do exposto, observam-se os indícios de mediação cultural porque alguns jovens veem que em sua cultura, as crianças não são tão desenvolvidas, caracterizando artificialidade e exagero de interpretação. Já outros, concebem que há casos semelhantes na vida real, portanto, tem-se a mediação familiar. No caso de Carlos, vislumbra-se uma mediação institucional, direcionada à família e justifica o comportamento da criança, à falta do pai.

Encontra-se ainda, uma mediação cultural e outra cognitiva, no depoimento de Cláudia ao evidenciar que: “Eu assisti no telejornal ‘Hoje’ a Rafaela falando de como ela é na vida real e de como é a personagem. Elas têm várias coisas parecidas e isso eu achei bem interessante”. O depoimento mostra que a fonte dos dados para saber as características da personagem Rafaela na vida real, foi um noticiário televisivo e o meio de informação para obtê-los, a instituição televisão.

As informações que resultaram nas discussões do tema se fragmentam em um amplo sistema cultural que envolve os receptores, além da novela em análise. Os telespectadores se inserem em uma rede de relações sócio-culturais o que faz a diferença nos modos de recepção. Infere-se ainda que alguns jovens, apesar de compartilharem o mesmo ambiente urbano, têm posicionamentos bem diferentes, como os entrevistados de Curitiba ao avaliar Rafaela: uns a acham mimada, outros, pensam que ela tem uma educação que todos deveriam ter.

É possível perceber que a cidade onde habitam, se pequena e homogênea ou grande e diversificada, não define e interfere diretamente na recepção das mensagens. Argumenta-se que em um mundo globalizado e conectado em rede, a chave explicativa da recepção dessas moças e rapazes associa-se aos seus perfis e inserções sociais. Quando o jovem experimenta

múltiplas inserções em locais marcados pela diversidade, apresenta mais recursos críticos frente às mensagens da telenovela, do que aquele com vivências restritas e que molda sua concepção de mundo e personalidade a partir de uma ou poucas fontes. Como consequência, se apropria de uma recepção de mensagens mais monocromática. Os jovens com esse perfil, inclusive, se veem diante de enquadramentos televisivos que ultrapassam seus limites de tolerância quando eles até resistem a determinadas mensagens da telenovela. Entretanto, essa postura corresponde às atitudes de desagrado diante do mundo cultural repleto de experiências de diversidade identitária, valores em conflito e transformações nas relações de gênero, de sexualidade, de trabalho, entre outros.

A observação do comportamento dos jovens receptores admite questionar a premissa que enfatiza o poder massificador da televisão. Fica evidente que esse fato nem sempre acontece e que são possíveis diferentes leituras, diante de uma mesma mensagem.

4.2.7 As Drogas, Aborto e Violência

É próprio do gênero telenovela, do horário nobre, a representação melodramática muito próxima dos dramas concretos vividos ou presenciados pelos telespectadores, especialmente, aqueles dos centros urbanos. Sendo assim, a novela em estudo, enfocou ao lado das opções já analisadas, as drogas, o aborto e a violência.

Os temas violência e drogas aparecem ancorados ao personagem Benê (Marcelo Mello). Ele é morador da favela, traficante, pai do filho de Sandra (Aparecida Petrowky), irmã da modelo Helena. Durante a novela, Benê procura viver com Sandra na favela, mas se envolve constantemente, em confusão. Quando decide largar o tráfico e a vida perigosa e trabalhar honestamente, é tarde demais: morre assassinado a tiros.

Nesse contexto, a jovem Beatriz argumenta:

[...] sempre acaba assim! Quem entra nesse caminho já sabe o final. Eu acho que a violência pesa mais o fato de o indivíduo querer ou não entrar nessa vida, claro que tem influências sociais, mas ninguém vai pegar na mão do outro e dizer faça isso que é errado, a pessoa vai porque quer (Beatriz, Curitiba).

Pelo depoimento, ela entende que optar pela violência é uma escolha e responsabilidade do indivíduo. Assevera-se que o tratamento da novela sobre a temática foi satisfatória, segundo vários jovens da amostra porque os depoimentos são reveladores nesse sentido. Mesmo na opinião de Carolina, mais habituada à diversidade de acordo com seu perfil, o pensamento é o de que: “É! Quando o assunto é droga todo mundo já sabe o final e ele entrou nessa vida deveria saber o que lhe esperava”.

Outra entrevistada, Júlia, concorda com o fato do indivíduo ser a peça chave quando o assunto é violência: “o indivíduo sempre tem o lado bom e o ruim para escolher. Porque muita gente mora na favela, mas faz faculdade e se esforça bastante para mudar de vida. É o próprio indivíduo que decide”.

Carlos é o único que considera o ambiente de vida de Benê como relevante e se atém à forma como o marginal foi criado:

É que o menino não tinha condições, porque ele não deve ter estudado, não devia ter recursos para o caso de sair e procurar um emprego, ele teria que voltar lá no início e para ele era mais fácil continuar com a vida que tinha, tanto que ele acabou morrendo. A morte dele foi uma realidade porque uma hora ou outra a pessoa que ta nessa vida morre.

Alguns jovens avaliam o assunto como pessoal e ignoram os aspectos sociais que frequentemente, contribuem para uma pessoa entrar no mundo do crime. A experiência individual resulta nesse tipo de recepção, pois, sem dúvida, todos os jovens pesquisados têm escolaridade, com maiores probabilidades e recursos para enveredar por outro caminho. Para Carlos, as oportunidades também fazem diferença e de acordo com o seu discurso, não é possível saber a condição de Benê, mas, é plausível para esse jovem insistir na vida criminosa por falta de oportunidades concretas. Apesar dessas pequenas nuances entre as opiniões, unanimemente, os entrevistados concordaram que a morte é o caminho do crime. O ambiente cultural dos participantes da pesquisa, moradores da capital, cidade grande, oportuniza a vivência de situações de crimes e conflitos, nas ruas e noticiários. Assim, a recepção é mediada pela experiência do cotidiano, pessoal ou não. Dessa

forma, revelam uma mediação cultural que exprime uma percepção geral sobre as drogas e a violência.

A inserção religiosa de Carlos é um motivo para se afastar do mundo do crime; para Beatriz, Carolina e Júlia as expectativas de estudo são fatores para mantê-las longe desse ambiente. Portanto, as experiências de vida são as razões pelas quais não entrariam no crime. Em suma, fica evidente que as inserções sociais de cada um são imprescindíveis para seu posicionamento diante do crime. O que chamam de oportunidades está intimamente ligado a sua situação social, às suas inserções.

O aborto, por sua vez, entrou na trama em alguns capítulos, pois, a protagonista o realizara em um passado distante, no início da sua trajetória como modelo. Luciana acusa Helena de provocar aborto para alavancar sua carreira, ao que Helena lhe desfere uma bofetada.

Embora a novela não tenha polemizado a questão, o fato de a protagonista ter cometido o ato deu subsídios para a discussão. Contudo, o melodrama se eximiu de apresentar os prós e os contras dessa ação, ou mesmo, de erguer um pano de fundo moral para a cena. Aliás, uma característica marcante dessa telenovela foi, em grande medida, a despreocupação em moralizar, ao menos explicitamente, temas como a traição e o aborto. Ao que tudo indica, os autores e produtores perceberam ou intuíram que são assuntos polêmicos pertencentes à agenda de uma sociedade em transição. O apelo à verossimilhança induz à introdução dos temas no melodrama, no entanto, o caráter provocador dos assuntos, especialmente o aborto, coloca a narrativa numa zona pretensamente isenta. Enfim, a telenovela se caracteriza por manter o apelo do público. Para isso, ela vive a tensão entre se renovar, retratando as mudanças no mundo real e reproduzir os padrões e valores médios dos telespectadores.

Em relação ao aborto, na novela “Viver a Vida”, a trama não se propõe a formular um discurso crítico ou moralista, apenas mostra um drama individual vivenciado por uma personagem, evidenciando suas crises e tensões.

Apesar de a novela não ter explorado a temática de modo recorrente, o assunto suscitou algumas reflexões dos jovens que mobilizaram diferentes mediações como: a internet e os conhecimentos construídos no cotidiano familiar, escolar, convivência com amigos e inserções em instituições básicas

como a igreja e outras, todas contribuições relevantes para a discussão e posicionamentos.

Como exemplos expressivos citam-se Carlos, de Curitiba, Helen, de Cidade Gaúcha que apresentam intensa inserção religiosa e Julia debateu o assunto na escola, na aula de Filosofia.

. Para Beto, de Cidade Gaúcha, estudante universitário do curso de Engenharia Agrícola: “Ela abortou e é crime, isso não pode para uma protagonista!”. O relevante da indignação de Beto não é o fato de ser ou não crime, mas o de refutar a ação da personagem protagonista, concebida como isenta de atos escusos, o que demonstra um código de oposição e certa resistência aos valores veiculados pela telenovela.

Convém lembrar a consideração de Hall (2006b) a respeito do código de oposição. Explica-o como uma leitura da mensagem televisiva em que o receptor compreende o conteúdo, mas se posiciona de forma contrária. Diferente do código hegemônico, por exemplo, o código de oposição carrega consigo a possibilidade de múltiplos significados, dentro dos contextos culturais onde os sujeitos se inserem.

Já Carolina, de Curitiba, que frequenta o segundo período do curso superior de Biomedicina, analisa a questão do aborto no contexto da novela e reclama da forma lacunar usada para tratar o tema:

Tinha que ter dado maior espaço assim pra ter esclarecido mais, que no meu ponto de vista ficou uma incógnita, assim. Ficou “ai, abortou...”. Tá, por que é que abortou? Só por causa que quer ser modelo? O contrato pedia para ela não ter filho? Por que? O que falava pra abortar? Eu acho que podia haver mais espaço para a discussão (Carolina, Curitiba).

O que Carolina questiona é justamente o que a novela não oferece, ou seja, o espaço para discutir e argumentar a favor ou contra o aborto devido à relevância social do tema. Visualiza-se a decepção da moça, frustrada na expectativa de debate.

Beatriz, de 16 anos, aluna do segundo ano do Ensino Médio, também ficou insatisfeita com a abordagem do assunto aborto, pela novela:

E outra coisa, o aborto hoje em dia não é tanto pela carreira de modelo. Isso que eu achei que devia ter tratado um pouco mais.

Porque hoje em dia quem aborta? Não é só modelo! São pessoas, são adolescentes, são até... mulheres de trinta e poucos anos porque não quer o filho. Tem até uma condição de ter um filho, mas não quer ter o filho (Beatriz, Curitiba).

Nesse contexto, o debate ganha outra dimensão importante que merece destaque e que extrapola o domínio da novela. Claramente se configura como um assunto social, primeiro, mostra o procedimento das pessoas comuns, da vida real, depois, o que a novela retrata. Essa noção de realidade deriva das mediações da cultura, do que se lê e se percebe no cotidiano. Não é possível ter uma opinião formada a respeito do tema sem passar por esse crivo. É o que fica evidente na discussão. Portanto, percebe-se que as inserções sociais de Carolina, por exemplo, indicam que ela está habituada a discutir temas polêmicos e sociais no Teatro, frustrando-se pela ausência, na novela, de um debate pontual e aberto.

Para Beatriz, que presenciou o drama da prima que engravidou ainda adolescente e não pôde cuidar do filho, a questão é a seguinte: “Minha prima tinha tudo para abortar e nós, a família, fizemos o que pudemos para que ela nem cogitasse a possibilidade. Hoje a criança está bem e todos ajudam a cuidar”. É uma experiência bem sucedida que sustenta o ponto de vista de Beatriz, contrário ao aborto. Para ela: “Sempre é possível cuidar de uma criança, mesmo na mais difícil situação”. Essa atitude revela uma mediação institucional porque a união da família impediu a prática do aborto e permitiu criar a criança.

Beatriz continua:

Ou muitas vezes não aborta, igual hoje em dia, não é nem raro mais, encontrar crianças jogadas em cesto de lixo, rio. Não abortam, mas deixam. Deixam nascer pra abandonar num lugar qualquer. Eu acho que também isso é bem errado. Se não quer, não quer... nasceu... dá... leva pro orfanato! Hoje em dia quantas pessoas querem ter um filho e não podem, e querem adotar. E por todos os processos da lei que tem e... não conseguem. Eu acho que, tipo, o tema tinha que ser bem abordado. Igual a novela deu um pedacinho pra falar um pouco do aborto só que ela não deu continuidade. Ela deixou e deixou um gostinho de quero mais, digamos assim, pra falar do assunto, pra ter uma abordagem geral do tema (Beatriz, Curitiba).

Nota-se, portanto, opiniões bem próximas entre os jovens, limitando-se a pequenas controvérsias e Beatriz aprofunda a questão de como a novela

encara o aborto. Sua recepção é a interação entre o que pensa e o que viu retratado na trama e critica a superficialidade como o folhetim menciona esse tema. Para ela, não basta ser contra essa prática, é preciso saber por que. As razões ela estuda, principalmente, nas aulas de Sociologia onde discute até a última oportunidade, refutando os argumentos de colegas a favor do aborto. Ela sustenta, portanto, sua posição ancorada numa mediação institucional, pela influência da escola e da família. .

Na verdade, os perfis dos jovens de Curitiba revelam conversas com os amigos e apreendem muitas questões da escola, como Beatriz, interessada e atuante nas discussões dessa temática.

Tenho amigos que dizem que não adianta a criança vir ao mundo se não for amada, eu discordo e, muitas vezes, já briguei por causa disso. Principalmente, na aula de sociologia, quando o professor traz temáticas como o aborto e política que acabam sendo os mais polêmicos. Eu sempre fico no grupo daqueles que são contra o aborto (Beatriz, Curitiba).

Essa moça também é evangélica, possui forte inserção religiosa e nesse contexto, a cidade é menos relevante do que a inserção institucional. Ela resiste a interpretações progressistas na escola e se posiciona de acordo com os ditames da igreja. Reclama da abordagem superficial da novela sobre o assunto.

Regina, também de Curitiba, tem outro parecer, pois, defende o direito da mulher, de que ela é dona do seu corpo e pode fazer com ele o que bem entender. A opinião divergente das duas jovens sustenta a hipótese de que não é o local e a cultura de onde moram que determinam os posicionamentos. Eles se originam das inserções, das instituições que frequentam e o tipo de diálogo que mantêm com os colegas.

Esses últimos depoimentos confirmam que a família, a escola, a religião e os amigos se destacam como inserções que propiciam a mediação no processo de recepção da mensagem midiática. É na escola que se revelam interações importantes na cultura do cotidiano dos jovens. Júlia revelou durante a conversa com o grupo focal que as suas informações sobre o aborto provinham de um seminário que apresentou na aula de Filosofia, no colégio. Definiu sua posição como contrária ao aborto porque chegou à conclusão,

diante dos argumentos expostos, que não importa o tempo de gravidez, se a mulher abortar, matou uma vida.

Sobre a mensagem referente ao aborto, Carlos, de Curitiba, tece comentários. Ele tem 24 anos, reside com um dos seus irmãos, que é casado. Na casa dele, todos assistem à novela, mesmo que em cômodos separados. Carlos mostra em seu discurso que as mensagens do folhetim propiciam mediações em função da cultura.

Aborto, eu sou contra né? Se ocorrer num caso que não seja nem por violência ou por má formação. É por essas coisas aí tudo bem se for assim desse jeito eu concordo com abortos, mas se for porque ela não quer realmente o filho porque tipo por um motivo ou outro né? Ela não, o filho não foi previsto ou alguma coisa assim, aí eu sou contra, já acho que não é certo fazer isto. Na forma, na novela, tipo foi uma coisa que acho que eles trataram mais desta forma para chocar mesmo né, para pensar né? Na forma que eles tocaram, no momento do aborto clandestino e coisa assim e para fazer a galera se ligar né? Para ter discussão mesmo né? Dessa questão (Carlos, Curitiba).

O discurso revela tensão entre o que ele conhece de outras fontes de informação e a igreja, que é terminantemente contra o aborto, enquanto que o rapaz admite a necessidade da prática em algumas circunstâncias. Nesse contexto, o jovem foge à regra, se comparada a outras manifestações. Ele não explicitou as fontes das quais extraiu a parte progressista de seu posicionamento, mas, nem por isso, se exclui a possibilidade de outros instrumentos de informação que colaboraram para a formação de sua opinião.

Além disso, diante do tema aborto, apesar de a novela relacioná-lo a uma situação pessoal, individualista, focando o drama da personagem e não o debate, Carlos interpretou que o objetivo foi chocar e refletir sobre a problemática. Independente de morar em Curitiba, onde a diversidade é muito maior que na cidade pequena, ele pensa de maneira muito parecida com o que pensam alguns jovens do interior. Importa para este trabalho reconhecer que as cidades maiores possibilitam mais inserções sociais que auxiliam a construir argumentos a respeito dos temas que os jovens trataram. Se um jovem de Curitiba ou de Cidade Gaúcha está ligado a igrejas cristãs, o mais provável é que suas opiniões a respeito do aborto sejam próximas, mesmo que morem em cidades diferentes, porque sua recepção está mediada pelos

ensinamentos e práticas da instituição religiosa, como uma opção entre outras inserções.

A questão do aborto na novela propiciou a construção de parâmetros para ser contra, ou a favor, a partir dos entrevistados. Paulo, pela sua fala, concorda com Carlos: “É acontece mesmo os abortos quando a menina não vai poder estudar, não vai poder trabalhar mais e eles fizeram mesmo para a galera ficar ligada para tentar discutir”. (Paulo, Cidade Gaúcha). Esta visão coaduna com a de Carlos, de Curitiba. Enquanto alguns jovens reclamaram da falta de discussão do tema, outros encontraram uma lacuna para discutir o que não foi problematizado, revelando as necessidades pertinentes à recepção de cada um.

Um ponto importante, talvez pela moral religiosa que ficou evidente, está associado ao fato de os jovens da cidade pequena concordam que aborto é um crime contra a vida. Porém, entre os jovens de Curitiba surgiu opinião contrária, como a de Regina. Contudo, de forma geral, é possível dizer que a inserção religiosa da maioria dos jovens, destacou-se como mediação institucional na hora de emitir suas opiniões.

O acesso diversificado à informação e as inserções plurais são elementos importantes na avaliação da recepção da mensagem sobre o aborto. A inserção do jovem em um único círculo social favorece a interpretação unívoca do problema. A diversidade das fontes de informação somada à multiplicidade de inserções contribui para a abertura do tema. A igreja, por exemplo, é a instituição fundamental pela qual alguns jovens percebem a realidade.

Além da igreja, a escola, segundo Beatriz, é um espaço de discussão do tema aborto. Esse ambiente que é um meio de educação e propagação de informações age provavelmente, de forma diferente da igreja a qual tem seguidores, já a escola, é um espaço para a descoberta, as dúvidas e o debate. Assim, apesar de Beatriz discutir a problemática na escola, evidenciando que as inserções contribuem para a avaliação dos temas, fica claro que a igreja fornece subsídios para assumir sua conduta no espaço escolar. Contudo, é preciso considerar que ambas são mediações institucionais importantes no processo de recepção. Portanto, as inserções sociais definem o olhar de cada jovem relativo à mensagem do aborto, veiculada pela novela.

A amostra também fez uma leitura da opinião da novela. Para Regina, a trama se posicionou contra o aborto. Ela mora com os pais, estuda na escola Técnica na Universidade Tecnológica Federal do Paraná (UTFPR) e Teatro e assiste à novela com os pais. Nesse contexto, a telenovela não é a única fonte de informação porque, manifestar-se em relação ao assunto revela que a pessoa está atualizada e familiarizada com as discussões pertinentes ao tema, inseridas em seu contexto social. Tanto o Teatro quanto o Colégio, proporcionaram à moça contato com essa temática antes da proposição da novela e, é por esse motivo que ela analisa o enfoque televisivo: “a novela deveria promover a discussão e não condenar”.

Conforme informação anterior, Regina defende o direito da mulher e não considera a prática do aborto um crime, mas sim, uma opção feminina. Então, sua recepção está marcada por um código de oposição, pois, quando afirma que a novela deveria provocar a discussão e não faz isso, se posiciona contra a mensagem.

Eu achei que ela (a novela) se mostrou contra né? Pelo ataque das duas que tinha a cena que jogava na cara dela (Helena) e por ela se mostrava arrependida só que na minha opinião acho que é válido, é um direito da mulher, claro que assim ah então beleza vamos transar sem camisinha e que posso abortar depois então nisso eu sou contra. Entendeu? Acho que é um dos problemas se legalizasse o aborto. Porque se a mulher não quer ter um filho é um direito dela não ter entendeu? Mas na novela pelo que percebi que eles se colocaram contra, totalmente contra o aborto assim, mostrando o arrependimento dela (Da Helena) (Regina, Curitiba).

Já para Carlos, de inserção religiosa firme, é preciso priorizar na questão do aborto, o direito das crianças.

Mostra o direito das crianças. É importante lembrar que existe o direito das crianças. Uma questão que eu acredito e creio é que a gente não é Deus não é nada né? A gente não pode decidir pela vida de uma outra pessoa (Carlos, Curitiba).

Apesar de viver em cidade grande, o depoimento manifesta um pensamento muito próximo ao dos colegas que acreditam na moral cristã, crença muito presente nos depoimentos dos jovens da cidade do interior. Em primeiro lugar, ele assevera que acredita em Deus quando comenta que só Deus pode decidir pelo aborto. Carlos, devido à intensa inserção religiosa

cristã, é o único que defende a vida a qualquer custo, fundamentado na orientação cristã que tem desde criança, no depoimento específico acima. Entretanto, anteriormente defendeu outro ponto de vista ao aceitar o aborto em casos de violência e má formação do feto. Então, é válido retomar a inferência anterior de que, por sua orientação cristã, se opõe ao aborto, mas, extraiu informações de outras fontes que o levaram a se manifestar antagonicamente, o que configura contradição. Contudo, na sua recepção da mensagem: como a personagem provocou o aborto por outros motivos diferentes dos que Carlos citou, ele se opõe à ação de Helena. Ao condenar o aborto, opera um código de oposição. Para ele, o segundo mandamento da Fé Cristã, “amar aos outros como a ti mesmo” revela a verdadeira razão pela qual não é possível tirar a vida de ninguém, pois seria um ato de desamor.

Na prática, defende o que aprendeu na Igreja Evangélica. Para Barbero (2006), a mediação de valores culturais identificados com instituições como as igrejas transparecem na recepção da mensagem de muitos jovens.

Outro posicionamento interessante vem de Regina:

Não pode ser por qualquer coisa que você vai tirar uma criança, tipo aconteceu um acidente e ela não quer ter o filho enquanto ele não tá formado, ainda não é um feto mesmo acho que ela tem o direito entendeu? Porque é o corpo dela. A criança é uma vida que tá ali, porque é melhor ela tirar a criança do que ela nascer e o que você vai fazer com ela? Se não vai criá-la bem, vai ser mais um ser humano. Acho melhor a criança morrer do que tentar o moleque criar quando não se quer (Regina, Curitiba).

A citação acima evidencia ambiguidade de pensamentos e contradição de ideias, pois, fala em direito da mulher – progressista - e morte da criança-visão religiosa. Pondera-se que a novela omitiu esse enfoque e não definiu quando considera a criança um feto, ou não. Essa questão, portanto, provém de outra fonte de informação, provavelmente, das mediações cotidianas como as revistas que lê e os jornais a que assiste. Assim, a recepção é mediada por informações provenientes de fontes de informação que não coadunam com a novela, prevalecendo uma opinião contrária ao aborto, mas não completamente resolvida, visto que é um processo comum confrontar dados e formar opinião própria. Sua recepção está mediada por valores progressistas e conservadores advindas do contexto cultural, gerando um código negociado.

Alice, 19 anos, acadêmica de Farmácia, mora em Cidade Gaúcha e apresentou sua opinião sobre o assunto aborto. Inicialmente alega que Helena não merece condenação e externa um código de oposição à mensagem da novela, na fala da personagem Luciana que acusa a protagonista Helena de abortar para subir na vida. Alice afirma: “Eu não concordo com a forma como a Luciana falou do aborto, o que não quer dizer que sou a favor do aborto”. Pela declaração de Alice ela é contra o aborto e a maneira como a novela apresentou o assunto.

Apesar do enfoque equivocado do tema, é provável que a intenção era mostrar o aborto como um ato doloroso para a mãe, na trama, Helena. Alice se opôs à ação de Luciana e a recrimina por isso, o que é um indicativo de que mesmo sem haver consenso a respeito da condenação do aborto, a cobrança é inadmissível, porque é uma atitude pessoal.

Não se posicionar a favor da mensagem que a novela veicula condiz com uma postura de autonomia e firmeza sobre determinada questão. Por isso, a opinião de Sara, de Cidade Gaúcha, confere com a da maioria dos entrevistados que visualizaram o arrependimento de Helena pela prática do aborto, em diferentes capítulos da novela. Desse modo, condena a atitude de Luciana, segundo Sara: “A pessoa quando aborta uma criança já fica com isso na cabeça, não precisava a Luciana ter falado” (Sara, Cidade gaúcha).

A pesquisa revela uma mediação familiar pelo relato de Regina que manteve uma relação conflituosa com duas madrastas. Essa vivência negativa educou seu olhar para as alternativas da madrasta Helena, diante da agressão verbal de Luciana ao culpá-la pelo aborto para incrementar a carreira de modelo. Diante da cobrança, Helena responde com um tapa na face da enteada. Para a jovem, a experiência pessoal serviu de mediação para compreender o conflito:

Tive duas madrastas e com a última eu me dava muito mal, brigava com ela e tal, então eu acho que ali naquela cena tem mais ciúme da filha né? Porque ela joga na cara da madrasta que era bonita uma modelo bem sucedida então ela tem inveja, mas também pela questão principal dela ser madrasta dela mesmo. Daí na hora da raiva ela pode jogar na cara, porque nessa idade é assim mesmo né? Então né dá até violência, e eu achei errado ela ter batido na cara dela, dar um tapa na enteada dela e tudo, mas no geral achei que a novela mostrou bem assim, porque isso acontece mesmo nossa acho

que uma das maiores discussões que existem mesmo é entre enteadas e madrastas (Regina, Curitiba).

Alice e Regina concordam quanto à questão da agressão e Regina reconhece que a relação entre madrasta e enteada pode ser difícil, relembrando a sua experiência. Nota-se que a mediação familiar e cultural está presente na hora de receber e processar a mensagem.

É relevante o discurso de Cláudia, que atualmente reside com a mãe, frequenta os cursos Técnico, na UFTPR, e de Teatro:

Eu também acho. Eu tive madrasta. E é naquele calor é verdade de ter batido na cara, e naquela hora de momento de raiva você vai guardando e na hora de explodir fala tudo, só que o que eu acho que novela principalmente pelo tema que dá para ver bem, não é real no modo de discussão, tipo a fala, a hora de respirar, repete o que você falou e não sei o que, tipo não tem isso numa discussão, e é muito drama e elas jogam uma trilha sonora em cima (risos) (Cláudia, Curitiba).

É possível observar no depoimento, a percepção da moça referente às ferramentas artificiais que a televisão emprega para construir o drama. Essa acuidade ratifica que o telespectador está atento aos recursos que o melodrama utiliza para prender a atenção e criar emoção. A diferenciação entre a vida real e a da novela é importante, pois, contribui para que o sujeito formule julgamentos sobre a novela como evento associado ao seu lazer. É como se ele dissesse que a vida real pode ser mais difícil e complicada do que o roteirista faz crer. Como se pensasse: “eu assisto, mas tenho elementos para julgar o que aceitável e o que não cabe na realidade”, o que significa que o sujeito não é passivo, porém, percebe os detalhes a partir de sua experiência.

Os jovens, portanto, oscilam entre aceitar que a novela mostra a realidade da sociedade e, ao mesmo tempo, rejeitá-la pela artificialidade. É o que se percebe principalmente, ao focar o *status* social da novela: como as pessoas e os grupos se comportam e se relacionam de acordo com a posição social.

4.2.8 Riqueza e Pobreza: Um retrato do *status* social.

Alguns jovens acreditam na capacidade de superação da tragédia, por Luciana, contudo, reconhecem que o *status* social foi um facilitador. Provavelmente, a descrição do drama da protagonista não correspondeu às expectativas da amostra desta pesquisa, pertencente à classe média reforçando, assim, uma perspectiva identitária, que se classifica como uma mediação de referência.

A novela mostrou muito a Luciana que se tornou uma pessoa melhor. Acho que a novela mostrou bem o tema da tetraplegia, mas deveria ter mostrado as duas partes, uma pessoa rica e uma pessoa pobre passando pelo mesmo problema, porque sendo rica ficou muito mais fácil para a Luciana superar o problema (Helen, Cidade Gaúcha).

De acordo com Helen, a referência à riqueza e à pobreza é um caso singular visto considerar que a novela retrata apenas uma parcela rica da população carioca e quando enfoca a pobre, liga-a à marginalidade. Quando os jovens se deparam com a riqueza e o luxo da novela, suas falas revelam que a vida parece mais fácil do que realmente é.

As festas, os casamentos, enfim, o luxo é retratado com mais criatividade do que a pobreza. Benê, namorado de Sandra, irmã de Helena, simboliza o pobre na novela. Ele é traficante, morador de favela e morre no final da trama. Em outros pontos, a pobreza é doméstica e satirizada por meio dos empregados com menos recursos e que vivem na casa dos patrões. Assim, ou são tratados como de casa e são fiéis, ou são chantagistas que querem tirar proveito dos patrões. É um cenário caricato, segundo os entrevistados.

Cláudia, 17 anos, que cursa o 5º período da escola Técnica da UTFPR assim se posiciona: “Se tem os pobres é comédia, é a coisa engraçada, ficam se divertindo e tal, não é o que é a realidade” (Cláudia, Curitiba). Ela percebe uma representação de *status*, pertinente à riqueza ou à classe média alta. A menção às dificuldades financeiras é rara e por isso a questiona, pois, na realidade isso não acontece, pelo menos, na vida dos jovens pesquisados. A personagem Helena, por exemplo, cita em algumas cenas sua infância pobre e

depois sua ascensão. Entretanto, se sua mãe é proprietária de uma pousada em Búzios fica a dúvida para um dos jovens, sobre qual seria o esforço de Helena para alcançar o sucesso porque a novela omite os diferentes estágios da carreira da modelo:

Na novela não mostra se tinham a pousada antes de ela se tornar modelo e famosa. Não mostra nada da infância dela para saber se foi muito pobre antes disso. Não mostra a parte da pessoa crescer na vida, conquistar as coisas. A questão da Helena, o trabalho que deve ter tido para ser modelo. Não mostra estas coisas, a coisa da conquista da pessoa entendeu? (Carlos, Curitiba).

Para Carlos, a novela exclui pontos importantes relacionados com o lado financeiro. As noções da vida material dos personagens são vagas e difíceis de comparar com a realidade cotidiana, sobretudo, daqueles menos favorecidos economicamente que trabalham e se esforçam diariamente para superar as dificuldades. Essas constatações indicam que Carlos partilha do ideário do “esforço individual”, ou seja, aquele que considera o empenho do indivíduo como fator fundamental para sua ascensão social. A partir desse ponto de vista, ele resiste à representação da telenovela, pois sua experiência indica o oposto. O rapaz considera a mensagem da novela superficial e sua recepção opera, por meio de uma mediação cultural própria de seu contexto, um código de oposição. Ele não concorda com a mensagem porque suas interações pessoais não permitem que opere um código hegemônico, isto é, de concordância.

Na interpretação dos jovens a novela minimiza os dramas e os conflitos são fáceis de resolver, o que não corresponde às experiências pessoais. Para exemplificar, observa-se a vida de Carlos: trabalha em uma assessoria técnica na área de informática e frequenta um cursinho pré-vestibular e se esforça para construir uma realidade promissora e, talvez por isso, tenha ressaltado esse ponto da novela.

A novela também mostra a intimidade entre as classes sociais, pobre e rica, que transitam em ambos os espaços, simultaneamente.

Para Cláudia: “Primeiro eles moram no Rio de Janeiro e vão para a praia todo dia, depois sobem ao morro como se não houvesse criminalidade. O

morro é uma coisa normal para a classe média alta. Novela mostra demais isso e força a barra”.

Como argumentam Jacks e Escosteguy (2006), muitas vezes, os jovens percebem que a ficção da novela não corresponde à realidade em várias situações. Essa comprovação instiga a pensar que a autonomia se origina do fato de os entrevistados reconhecerem que a vida real não corresponde a da novela. Esta, ao enfatizar o drama pessoal para tratar os problemas comprova que, na riqueza ou na pobreza, aparece o esforço individual. Contudo, os jovens resistiram a essa mensagem ao analisar que a comparação entre os *status* sociais não foi realizada de forma satisfatória, ao privilegiar os ricos em detrimento dos pobres. É dessa maneira que a amostra observa a questão do *status* social, da riqueza e da pobreza e das possibilidades de mobilidade social ascendente.

Ao atentar para o depoimento de Beatriz, por exemplo, percebe-se que ela acredita no esforço pessoal para a conquista da independência financeira, fator que a novela omite.

Eu tenho três irmãos, nenhum de nós três somos iguais. Um dos meus irmãos, o mais velho, desistiu dos estudos na sexta série. Eu consegui passar ele nos estudos. A gente teve o mesmo pai, a mesma mãe, comemos a mesma comida, vivemos na mesma casa, mas tivemos interesses diferentes. Entendeu? Eu quis correr atrás, ele não. Então não é porque a gente é irmão que a gente tem que ser igual. Eu acho que cada um tem um interesse dentro de si. A personagem Sandra não quis correr atrás da vida dela. Ela queria ficar com o Benê, morar na favelinha e cuidar do filho dela (Beatriz, Curitiba).

Apesar de Beatriz só citar a personagem Sandra, a maioria dos jovens considera enigmático como os personagens mais bem sucedidos economicamente, chegaram a esse patamar. Sandra é apenas um exemplo para Beatriz, de alguém que não tinha ambição financeira, mas que dispunha da ajuda da irmã modelo, sempre que precisasse.

Ressalta-se que ao constatar as dificuldades impostas pela vida real que exige empenho pessoal para as conquistas, os jovens enfatizam a distância entre a ficção e a realidade. O discurso de Beatriz certifica essa mediação, pois acredita que sem esforço pessoal, é impossível atingir os objetivos, diferente do que acontece na novela, onde muitos alcançam os propósitos sem

despender nenhum esforço. Sendo assim, é possível que haja um código hegemônico na relação entre a história da personagem Sandra e a que Beatriz relata. Ela afiança que se empenha para conquistar uma posição melhor, por acreditar que cada qual tem interesses individuais e precisa se esforçar para atingir o que pretende. Beatriz vivencia situações familiares problemáticas que lhe permitem essas declarações: pai alcoólatra, mora com a tia e sem perspectiva de amparo da família. Tem consciência de que ela mesma faz sua história, que é resultado de suas escolhas.

A forma como Beatriz vivencia as dificuldades diárias, em certa medida, a novela a reproduz ao exibir irmãs com personalidades próprias, ambas procurando ideais diferentes, com resultados diferenciados. Porém, um código de oposição aparece na maneira como a jovem percebe o esforço pessoal na novela, contraposto ao da vida. Os parâmetros mobilizados pela moça são distintos daqueles propostos pela novela. No geral, os grupos focais viram muita riqueza e pouca pobreza no contexto ficcional.

Apesar de analisar somente o posicionamento de Beatriz no desenvolvimento desse tema, percebe-se entre os jovens, um padrão de código de oposição em relação, principalmente, à riqueza ostentada constantemente na trama. Notam também, que a pobreza é característica de poucos personagens, privados do luxo. Contudo, os entrevistados comentam a falta de informações a respeito de como as pessoas, em diferentes situações da trama, atingiram o sucesso financeiro e profissional.

Carlos declara:

O Marcos também mostrava uma coisa ou outra do Hotel dele, só. Não mostra a coisa da pessoa crescer na vida. No caso da Helena, não mostra o trabalho que deve ter tido para ser modelo. Em geral não mostra a coisa da conquista da pessoa. Entendeu? Uma coisa que seria legal mostrar, na minha opinião (Carlos, Curitiba).

Fica registrado nesse discurso, mais um código de oposição a esse segmento da novela, isto é, a maneira como a telenovela retratou o núcleo dos ricos.

Helen de 15 anos, católica praticante, relata:

A novela girou em torno de pessoas ricas e quando falava dos pobres, falava da favela. Quando passava a favela só passava a parte ruim, bandidos, brigas, mas a favela também tem famílias, trabalho, gente boa e isso não mostraram (Helen, Cidade Gaúcha).

Ele mora em Cidade Gaúcha e não conhece o Rio de Janeiro. A imagem que tem da cidade provém da televisão, da internet ou de noticiários. Ela demonstra um ponto de vista parcialmente diferente daquele que a novela retrata. Sua análise da pobreza, focalizada na novela, resulta em um código de oposição. Assim como os colegas de pesquisa se opuseram à riqueza fácil, o exemplo de Helen significa oposição a um retrato degradante da pobreza, no sentido de marginalização. Sua forma de ver só é possível devido à mediação cultural que opera nesse código de oposição. O que ela presencia e vê nos meios de comunicação não condiz com a mensagem da novela. Como consequência, a recepção é a interação entre o que ela conhece de outros meios e o que ela vivencia.

4.2.9 Observações Extraídas ao Assistir um Capítulo da Novela com os Jovens

Para analisar a reação do telespectador jovem frente às mensagens da novela “Viva a vida” se analisará, na sequência, os dados resultantes das observações. Tais relatos diferem um pouco dos dados dos mini-grupos focais, uma vez que não advêm de uma discussão, mas, de observações do ambiente no qual os pesquisados assistem à novela, com os respectivos registros da pesquisadora a respeito de como os jovens se sentem diante das cenas.

Em Cidade Gaúcha observou-se as reações de Davi, 16 anos, morador da zona rural do município e estudante do Ensino Médio. Esse jovem notou a maquiagem de Luciana em uma cena que se passa pela manhã. “Maquiada? Logo de manhã e maquiada?” Ele apresenta aqui uma atitude de surpresa, porque ninguém acorda tão arrumada, no seu ponto de vista. Assim, opera de forma oposicionista, por não aceitar a mensagem. Ao acompanhar a novela com os jovens, perceberam-se frequentemente, atitudes de indignação relativas a detalhes como esses.

Alana tem 18 anos, reside em Cidade Gaúcha, trabalha em uma copiadora e ainda não frequenta a faculdade. Ao assistir a uma cena em que nasce uma criança, exclama: “A mulher nem fez força, nasceu!” Na visão dela, foi muito artificial a representação do nascimento do bebê de Dora. Ela dirige esse comentário à prima, ao seu lado, que está com um bebê nos braços, à qual pergunta: “o seu também foi assim?”, indagação seguida de risos. O riso cúmplice quer dizer que não concordam com a representação da cena do parto, pois, faltou realidade. Ela ainda pergunta para a prima se seus filhos já nasceram de olho aberto porque “o da Dora nasceu”.

Alana também não se conforma com o fato de Dora estar maquiada logo após o parto. Os comentários não se caracterizam como elaborações complexas ou longas críticas, mas, esses elementos sem dúvida, demonstram que o receptor está atento ao que existe de irreal no discurso televisivo e, esses detalhes conduzem a leituras de resistência. Aliás, salienta-se a leitura de resistência de Alana, quanto à gravidez de Dora. Segundo ela, na vida real, a atriz estava grávida e os produtores não tiveram o cuidado de esconder adequadamente essa gravidez depois que o filho nasce na novela. Esse fato incomoda Alana ao ponto de ela comentar: “Como já nasceu na novela se a barriga dela fica aparecendo?”.

A moça mantém um olhar crítico, também em relação aos conteúdos da novela quando avalia os personagens, talvez, devido às suas experiências diferenciadas no que tange à relação com a família. Ela não mora com os pais, que são separados. Às vezes, ela passa um tempo com a mãe, que vive com o padrasto e a irmã mais velha, mas fica constantemente na casa da avó, onde foi realizada a observação. Para ela, o personagem Gustavo é machista porque não acha homem bonito, e dá indícios dessa posição em uma das cenas, para espanto de Alana. A jovem ainda comenta que torce por Soraya, prima de Dora, que na trama, tenta conquistar Maradona, por causa do dinheiro.

Eu torço pela Soraya, para ela arrumar um pobre e ter que ralar na vida porque ela é diferente de Dora no Maradona porque tem dinheiro Por que ele não daria para mim? (Alana, Cidade Gaúcha).

David também reside em Cidade Gaúcha, tem os pais separados e distantes um do outro. Talvez por isso não compreenda a relação de Marcos e

Tereza na novela. Para ele: “Você acha que uma mulher separada como a mãe da Luciana, é tão próxima do ex?” Assim, ele interroga a pesquisadora numa tentativa de demonstrar que acha ideal a relação que existe entre os personagens que já foram casados em oposição à mensagem que recebe.

Sobre a percepção da realidade é importante notar o que diz Tâmara, 17 anos, estudante do curso de Engenharia Agrícola, filha de funcionários públicos municipais.

Para ela, a novela peca por falta de realidade:

Tem bastante ficção, não tem na vida real, igual ao caso da Sandrinha, o pai do filho dela que recebeu um tiro na perna e sobreviveu. Até aí seria meio que real, mas acho que tem muita coisa por trás disso. Eu me refiro à droga, aos policiais envolvidos, à classe alta e média envolvida, se fosse mostrar deveria mostrar tudo o que envolve o crime (Tâmara, Cidade Gaúcha).

Em outro ponto, lembra o caso de Helena que: “da noite para o dia virou modelo famosa”. Segundo Tâmara, a telenovela idealizou esse acontecimento. “Deveriam mostrar como se faz para chegar lá!” Tâmara tem como ponto de partida, o bom exemplo e seu viés é o da boa conduta. Foi possível notar esse atributo ao longo de seu discurso.

Para Tâmara, a novela deveria ser um espelho da realidade. Ela diz: “A Luciana é um exemplo de luta, de ser persistente”.

Outro enfoque da jovem é a questão da moral:

A novela deveria mostrar mais coisas boas. Por exemplo, roubo, essas coisas não deveria mostrar numa novela. Morte, só no final da novela? Geralmente, o vilão morre, vai para a cadeia e aí acabou a novela, vai embora, cadê a justiça? Vai para a cadeia, mas logo sai, não deveria mostrar só a prisão e a morte, sempre quis saber depois da novela a outra parte (Tâmara, Cidade Gaúcha).

As palavras indicam que a novela segue um padrão que não satisfaz, pela falta de punição.

Igor é de Curitiba, reside com a avó, a mãe, um irmão de nove anos, uma irmã de dois, e o padrasto. Assiste à telenovela, sozinho, no seu quarto. Já de início percebe-se uma mediação situacional, conforme Dorneles (2003). Para a autora, a situação em que o jovem vê a novela faz diferença na hora de avaliar os elementos que incidiram na sua leitura da mensagem. Sozinha, a

peessoa não tem a possibilidade de trocar ideias enquanto assiste aos capítulos como possivelmente, faria se estivesse acompanhado.

A televisão do quarto de Igor fica em frente à cama e ao lado do computador, denotando que seu relacionamento com o quarto inclui mediações exteriores como o uso da tecnologia televisiva e informatizada. Assim, observou-se que, apesar da presença da pesquisadora, o jovem se comportou como de costume e acessou a internet e quando a novela iniciou, ele a assistiu desse local.

Mas, ocorreu uma mudança na mediação com a chegada de um amigo, tendo, portanto, companhia. O interesse pelo folhetim se confirmou porque quando o amigo solicitava a sua atenção, ele demonstrava o desejo de ver a novela e pedia que aguardasse o encerramento do capítulo. O colega não acompanhava a novela e fazia algumas perguntas com objetivo de entender a trama. Bruno as respondia, contudo, com certo constrangimento por assistir a telenovelas.

Nesse ponto, justifica-se a atitude de Igor pela mediação situacional, porque a presença da pesquisadora o induziu a assistir à novela mesmo com a visita do amigo. Sabe-se que a situação faz com que as pessoas se comportem de maneira diversificada. Por exemplo, o mesmo homem que admira uma mulher bonita ao passar, pode se sentir constrangido em fazê-lo se estiver acompanhado. Compara-se essa situação ao contexto de Igor: talvez ele pretendesse conversar com o amigo e não assistir à telenovela, entretanto, reavaliou a questão, devido ao pesquisador. O irmão de Igor se juntou ao grupo e também o amigo se interessou pela trama. Riram das cenas amorosas entre Gustavo e Malu quando Igor cobriu os olhos do irmão mais novo, para não olhar as cenas inconvenientes para a idade, ao que o pequeno riu e respondeu que sempre as assistia.

Igor se espantou quando Betina confessou que beijou Carlos, em um relacionamento paralelo ao casamento. Em seguida, saiu de frente da televisão, se dispersou e conversou durante os intervalos comerciais. Essa atitude indicou uma nova mediação situacional porque se antes, Igor estava sozinho, agora conversava sobre vários assuntos com os acompanhantes.

É importante a intervenção da mãe de Igor que em um dos intervalos, foi ao quarto, com a filha de dois anos no colo e se apresentou à pesquisadora. Explica que a filhinha esteve doente, mas que agora está bem.

O jovem amigo de Igor que entra no quarto onde assistem a novela relata que também assiste à novela e a mãe de Igor e o irmão lhe contam o que ocorreu nos capítulos aos quais não assistiu. Barbero (2008) lembra que a novela adquire significado quando as pessoas conversam sobre ela, porque nessa hora, podem acrescentar suas experiências de vida relacionadas às cenas. Comenta que Sandrinha (ao vê-la chorando porque Benê faleceu) “se meteu com o cara errado... isso que dá”. Ao ver Renata, sob efeito de álcool, Igor comenta com o amigo que “tinha que se chamar Renata, mesmo!”, comparando-a a uma amiga de ambos, com o mesmo nome, chamando-as de “cozidas” (gíria para bêbada).

A mãe do rapaz chama a personagem Dora, de sem vergonha. Ao ver a cena em que o pai de Soraya, prima de Dora, bate na filha, comenta: “só em novela para bater assim e para o filho ficar com a ex-mulher do pai” Essa declaração significa uma clara atitude de um código de oposição ao que a novela mostra, porque ela recusa que na vida real aconteçam esses casos. Seguindo o exemplo da mãe, Bruno discorda com o padrão de relacionamento familiar veiculado pela telenovela ao citar, os conflitos e acertos de irmão, com irmão, primo com cunhado e filho com a ex-esposa do pai.

Ao assistir a uma cena de Miguel e Luciana, Igor pergunta ao amigo: “você ficaria com a aleijada”? O perguntado responde que não sabia. Em outro episódio quando Tereza deseja um beijo de Marcos, Igor diz: “que cachorra”! Em seguida, dispara: “o que as mulheres veem nesse cara (José Mayer)”?

Segundo o jovem, o que lhe chama atenção na novela é a condição de alcoólatra de Renata (Bárbara Paz), que “por ser bonita, podia ser uma pessoa melhor e não alcoólatra”. Além disso, atenta para o fato de os gêmeos se interessarem pela mesma mulher. “Se meu irmão ‘pegar’ uma ex minha, eu mato ele”, risos. A respeito da protagonista negra, ele responde: “é bom, por causa do racismo.” Igor se preocupa com a questão do preconceito, mas é contraditório, argumenta que aprendeu na igreja que todos são iguais, porém, não perde a oportunidade de fazer uma piada com os amigos quando aparece um homossexual. Ele relata os ensinamentos da igreja, contudo ressalta: “Já

fui a muitas igrejas, a última foi a Quadrangular na qual fiquei oito meses, mas agora não vou a nenhuma.” Percebe-se que, apesar de seu envolvimento religioso, não segue os preceitos ditados pelas instituições. Sua recepção se vincula, uma vez ou outra, como no caso do racismo, às orientações cristãs, mas esse traço não é predominante. Igor possui poucas inserções sociais, limitando-se ao local de trabalho em uma montadora, companhia de amigos para a balada e assistir a novelas. Em sua análise ficaram explícitas preferências em detrimento de mediações advindas de inserções sócias.

Clarice, outra jovem visitada em sua casa, reside em um bairro próximo ao centro. Ela se percebe como classe média, mora com os avós e com a irmã. A casa é grande e ela assiste à televisão na sala. Ao iniciar a apresentação do capítulo da novela, Clarice comenta que a personagem Ingrid se assemelha a sua ex-sogra. Segundo ela, Ingrid é “louca” e apesar de se expressar educadamente e exagerar as situações, manifesta uma verdade consonante ao pensamento de muitas pessoas. Pela fala da jovem, ela aprova a veiculação da novela de um valor muito almejado pela sociedade contemporânea: a sinceridade e a transparência em todas as situações. Essa prática denota a invasão da dimensão pública pela privada e expõe o narcisismo presente na sociedade atual, pois, a autenticidade pode inviabilizar as relações.

O depoimento de Clarice indica a presença da mediação familiar no modo como ela encara o papel de Ingrid. Primeiro, porque teve a experiência de conviver com uma sogra cujos modos lembram os de Ingrid. Segundo, porque ela pensa que na realidade, as pessoas podem ser assim. Ela considera Ingrid preconceituosa pela atitude em relação às namoradas do filho, mas, novamente afirma que a personagem retrata o pensamento velado de muita gente. Seria hipocrisia, para Clarice, achar que não. Aqui se vislumbra a mediação familiar e a cultural. A primeira é possível por se aproximar do pressuposto de Barbero (2008) por considerar os rostos da televisão familiares e não exóticos então, dá-se uma aproximação entre os personagens e os acontecimentos, fenômeno que familiariza até preconceitos.

Esse é exatamente o contexto no qual Clarice situa Ingrid quando assevera que a mãe dos gêmeos é preconceituosa, mas fala de forma polida. Na verdade, ela quer dizer que o preconceito da personagem corresponde ao preconceito velado que ela presencia na sociedade em geral. Justifica que o

interesse pelo estudo do social, é reflexo de sua condição de estudante de Ensino Superior do Curso de Ciências Sociais. Para ela, os conhecimentos provenientes da Faculdade são uma mediação importante na hora de assistir à novela, pois assiste com um “olhar sociológico”.

Para Clarice: “é muito surreal o fato de Felipe apoiar Renata na questão do alcoolismo”, pois, considera mais fácil e comum a mulher apoiar o homem nesse situação, do que o contrário. A mediação cultural interfere nessa recepção por Clarice presenciar ocorrências similares ao ver mulheres cuidar de homens alcoólatras. Confirma-se a mediação cultural que deriva dos costumes e valores sociais presentes no ambiente em que vive a pesquisada. Também é válido lembrar que ela é estudante de Ciências Sociais e por esse motivo, atenta ao comportamento de gênero, em conformidade com a declaração de que assiste às novelas como um exercício sociológico. Suas opiniões estão marcadas por essa inserção social, afinal, acredita-se que a esse Curso a respalda para avaliar as tramas ficcionais da novela. Entretanto, é justificável considerá-las uma reprodução parcial da sociedade atual.

Clarice também destaca o aspecto simbólico da cena quando Helena e Dora se reconciliam na igreja. Conforme a cultura e o dogma cristão é preciso perdoar as ofensas. Então, a moça percebe que essa atitude se efetua em um local que culturalmente, está relacionado à reconciliação, concretizando uma mediação cultural. Além desse tipo de mediação vislumbra-se ainda, a mediação institucional, inspirada no que ela apreende na Faculdade e lhe permite avaliar os domínios da novela. Clarice reconhece essa cultura, a cena não passa despercebida e seus comentários evidenciam a mobilização de referenciais culturais, na recepção das mensagens televisivas. Como alguns jovens demonstraram nos grupos focais, Clarice aponta diversos assuntos explorados superficialmente como a bissexualidade de Osmar, o empresário de Helena.

Na cena que em que a irmã virgem de Luciana fala sobre sexo, antes ou depois do casamento, a observada afirma: “nossa, isso é tão passado, já!”. Transparece nesse tom de surpresa a mediação cultural porque ela entende que a virgindade não é um valor preservado no seu contexto e seria uma exceção, a irmã de Luciana ser virgem. Diante de sua inserção social notadamente, a Faculdade e as características do Curso que frequenta,

levantam a hipótese de que ela conhece os valores da época e que a virgindade é o estado de uma minoria. Por esses motivos, sua explicação sugere que a novela está desatualizada e se incompatibiliza com o tempo presente.

Quanto aos depoimentos ao final da novela, a jovem presta atenção e afirma: “é interessante essas histórias de superação, coisa que a novela traz”. Tal posicionamento coaduna com alguns jovens dos grupos focais estudados, principalmente, o segundo grupo, de Cidade Gaúcha.

Também, fala sobre a personagem Dora: “Dora é muito biscate, porque a Helena sempre a ajudou. E fica com essa cara de debochada, se achando”. Aqui se percebe um código de oposição, porque Clarice não aceita como normais as atitudes da personagem. Confessa a seguir que assistia com mais frequência às telenovelas, antes de iniciar a curso superior mas que agora elas não tem mais o “mesmo gosto”. Explica que sempre analisou o conteúdo e forma das telenovelas e após o início do curso de Ciências Sociais intensificou a leitura crítica do gênero, ao qual assiste por não ter mais nada para fazer.

As falas de Clarice remetem à pesquisa de Travancas (2006) cujo objeto era a percepção do “Jornal Nacional” por jovens universitários cariocas. A autora aponta o ingresso na universidade como um fator que influencia a juventude a ver criticamente, programas televisivos.

O autor argumenta que embora o “Jornal Nacional” seja uma referência para os entrevistados da pesquisa, sua presença é relativizada frente aos outros meios de informação. É pertinente fazer um paralelo com a novela “Viver a vida”, destacando o que Clarice diz em seguida: “Eu acho que existe um preconceito contra quem assiste a novela. Mas eu também assisto pelo aspecto sociológico. Não é porque está no senso comum, que aliena. Às vezes, transforma padrões de comportamento”.

Reconhecer as características da novela como produto, evidencia que a jovem visualiza no gênero, uma fonte de informação. Mas, ela também relativiza o melodrama, pois, após iniciar o Curso superior limitou o tempo semanal para assistir às novelas, contudo, sem eliminar esse hábito.

Clarice apresenta uma leitura bem aguçada das características da telenovela. Ela nota que a novela “Viver a Vida” e outras do mesmo autor, não reproduzem os padrões tradicionais de mocinho e bandido, pois, os heróis

aparecem também com defeitos e os vilões são humanizados. Para ela, quando era criança, as novelas exerciam maior influência no seu comportamento.

Clarice considera que: “falam do aborto como se fosse a pior coisa do mundo”. Diz que a novela retrata a classe média alta muito distante da realidade, induzindo o imaginário popular ao desejo de possuir casas e amores como os ficcionais. Ela reluta com “a falta de verossimilhança trazida pela novela, que retrata as classes sociais de maneira romântica e fictícia. Acaba ‘forçando a barra’”.

Fica implícita a questão da identidade de classe, pois Clarice não se identifica com a classe alta da novela. Seus pais trabalham fora, ele em escritório comercial, e ela, em um supermercado. A avó que mora com eles, é do lar e o avô, é representante comercial. Ela se define de classe média e não vê semelhanças entre sua vida cotidiana e a dos personagens da telenovela.

Ela queria: “que o Jorge tivesse ficado com a prostituta, porque eles pareciam se gostar mais”. No entanto, conjectura que uma pesquisa de opinião deve ter indicado que o público não aprovaria a ideia. Em seguida, pondera que a união dos dois não corresponde à realidade social o que indica uma leitura voltada para a mediação cultural, uma vez que na vida real, a prostituta sofre preconceito e é improvável um homem assumi-la.

Regina compartilha dessa opinião, apesar de seu perfil demonstrar uma convivência social diversificada. Argumenta que nenhum homem normal teria algum sentimento por uma prostituta, de acordo com os exemplos verificáveis em diferentes segmentos sociais. Clarice, apesar de simpatizar com a personagem prostituta e acreditar em uma relação duradoura e possível com Miguel, também cede à imposição cultural, prevalecendo a aprovação do público telespectador.

Clarice identifica assuntos interessantes que a novela não aborda ou os trata superficialmente. Em vários aspectos impera a ficção e a trama se ausenta da verossimilhança porque na vida real, a maioria da população não é classe média alta, e os empregos não são tão fáceis como a novela sugere.

Carlos, de Curitiba, observou esse dados e comentou que o mais rico dos personagens, Marcus, permanecia no Hotel de sua propriedade mas a trama não evidenciou a origem de sua fortuna. Helen, de Cidade Gaúcha,

lembra que, ao lado da riqueza acerbada, o sinônimo de pobreza é a favela, e que na favela, só se presenciavam cenas de crime.

A novela “Viver a vida”, como outras, tem a função de ditar padrões sociais, psicológicos e físicos. Luciana representou a heroína e foi recebida pelo público como um exemplo de superação; Benê, massivamente criticado e entendido como criminoso por opção, exceto na visão de Carlos; Renata que encarnou o perfil de modelos que bebem, e não comem, vista pelos telespectadores, de modo geral, como uma pessoa doente, que extrapola os limites para se manter bonita.

Ao analisar a reação de Clarice, infere-se que a jovem tem mais recursos para recepção das mensagens da telenovela do que outros participantes da pesquisa, especialmente, os de Cidade Gaúcha. Além disso, ela explora questões que os entrevistados de Curitiba já haviam citado e aprofunda as críticas com muita clareza, sem titubear. Possivelmente, suas críticas são fundamentadas no que aprende no curso de Sociologia, nos debates e nas leituras exigidas pelo Curso.

Sobre o fato de uma personagem central da trama ser negra, ela avalia que o enfoque dessa temática não foi suficiente! “A novela dá vários passos na direção certa, mas não é real, não retrata a realidade, porque ela é linda, bem sucedida, mas não dá conta do dilema”. Como se percebe, Clarice é conivente com alguns jovens do grupo focal, que consideraram pouco profunda a abordagem do racismo na novela. Segundo ela, muitos negros negam que não se aceitam, mas desprezam a “raça” de várias maneiras. Para a jovem, por Helena retratar uma minoria, a novela optou por não se aprofundar a discussão “raça”.

De acordo com Clarice, é mais cômodo, para as pessoas que trabalham o dia todo, assistir a novelas do que ler o jornal. Essa posição sugere que ela reconhece a novela, não apenas como meio de distração, mas de informação também. Esse movimento confere à novela, o papel de mediação cultural reconhecida na vida de Clarice. Apesar disso, outros meios servem para esse fim. Por exemplo, ela viu na internet que o pai do filho de Dora, era Maradona e comentou: “Hoje não precisa ver novela. Eles disponibilizam tudo na internet”. Nesse contexto, a internet se constitui em outra mediação cultural importante na vida da jovem, pois é por meio desse recurso que alimenta o interesse pela

trama e pré-concebe sua opinião a respeito do que vai ser veiculado. Antes de assistir ao que leu, ela tem tempo para pensar sobre o assunto e se posicionar com relação ao que vai acontecer.

A jovem Patrícia recebeu a visita da pesquisadora em sua casa para assistir ao capítulo da novela, deitada em seu quarto, enquanto os outros membros da família aguardavam na sala de estar. Pai, mãe, irmã e prima assistem a todas as novelas possíveis, todos juntos, pois, segundo Patrícia, isso amplia a possibilidade de reunir a família. O sofá da sala é em forma de 'L', apontando para a televisão. Patrícia, abraçada ao pai, comenta que ouviu no rádio qual personagem casaria com Marcos, indicando que, como Clarice, tem o hábito de se informar por outros meios, além da televisão.

A jovem ri da cena em que Gustavo pede desculpas à Betina, por sua relação extraconjugal. Na mesma cena, o pai comenta: “ele nunca foi tão romântico com ela (Betina)”. Esses comentários concretizam uma condição de mediação situacional, pois, eles discutem a novela enquanto a assistem, ou seja, ele chama a atenção para um fato que poderia não importar aos outros, mas, como o explicita, torna-o do conhecimento de todos, para que em conjunto, possam avaliar a percepção. Patrícia comenta a propaganda, durante o intervalo comercial, alerta ao pai para o produto, no caso, novo “Uno – Fiat –” demonstrando que a recepção é a todo o momento, mediada pela participação de algum agente da família.

Patrícia chama a atenção dos pais quando eles se distraem e não se concentram nas cenas importantes. A família fala, então, da beleza do cabelo cacheado da Helena e a mãe comenta que alguém no trabalho tinha um cabelo igual e fez escova progressiva. Concluem que a pessoa tomou essa decisão porque conservá-lo daquele jeito, era muito trabalhoso. Patrícia confirma que seus cabelos ondulados exigem muitos cuidados. Percebe-se que além de uma mediação situacional, pois a família conversa durante toda a novela, também há uma mediação familiar, a partir da inferência de Patrícia ao comparar seus cabelos com os da protagonista. Ela complementa que quem faz escova progressiva para alisar os cabelos, fica com um liso artificial. Percebe-se que ela torna o elemento “cabelo” da personagem um objeto familiar, aproximando as características pessoais às de Helena: “Os cabelos dela devem dar tanto trabalho como os meus”, comenta.

Patrícia lembra que Giovanna Antonelli (Dora) está grávida na vida real e afirma a necessidade de encerrar o seu papel na novela no mesmo estado, devido ao volume proeminente da barriga. Esse depoimento coaduna com o de Allana, de Cidade Gaúcha. As duas percebem que o estado de gravidez na vida real é um pretexto para a personagem estar grávida, contudo, ela não poderá ganhar o filho na ficção porque não pode se desfazer da barriga.

Patrícia relaciona as sogras da novela com as da vida real em uma mediação familiar, quando constata que “mãe de menina, às vezes, é pior como sogra.” Quanto à Luciana, a jovem alerta que a novela deveria mostrar que a personagem não teria condições de ir ao banheiro, necessitando de fraldas. A mãe pergunta à Patrícia se viu o depoimento do capítulo anterior no qual foi apresentada uma cadeirante, mãe de casal de gêmeos. Nesse ponto, observa-se uma medição situacional, revelando que é importante saber se a filha viu e o que pensa a respeito, para conversarem sobre o assunto.

Essa mediação situacional é o que dá sentido à mensagem, pois, segundo Barbero (2008) à medida que as pessoas conversam sobre a novela, ela ganha seu real significado. As observações entre os familiares na casa de Patrícia são as que revelam esse atributo. Como os membros da família assistem à novela sempre juntos, têm a oportunidade de trocar ideias e experiências de recepção, gerando em muitos casos, uma leitura híbrida para cada um, uma forma de perceber a mensagem, na qual aflora o conhecimento individual.

Conforme Patrícia, o tema favela despertou sua curiosidade por envolver mediações no contexto do recebimento da mensagem. Ela diz que as cenas foram filmadas no complexo Santa Marta, que segundo relatos de sua professora, não tem mais violência porque houve uma operação policial que diminuiu muito a incidência de crimes no local. Como não se sabe se o assunto foi tratado em aula ou em ambiente particular, identifica-se uma medição cultural apontada como contradição, por Patrícia: “Se eles filmaram as cenas de violência num lugar que não tem mais violência isso afeta o sentido do que a novela queria passar”. Infere-se que a mediação indicou-lhe falta de verossimilhança ao apontar os limites e liberdades de onde se pode circular e afetando a recepção, pois ela constata que o conteúdo da mensagem veiculada pela novela, não vem de uma fonte real.

A seguir, apresentam-se as considerações finais sobre o estudo proposto, articulando os dados da literatura com os resultados da pesquisa realizada com jovens de grupos focais e das observações realizadas pela pesquisadora, na casa da amostra, nas cidades de Curitiba e de Cidade Gaúcha.

6 CONSIDERAÇÕES FINAIS

Com o objetivo de discutir a recepção da telenovela “Viva a vida” entre jovens das cidades de Curitiba e Cidade Gaúcha, a problemática da pesquisa centrou-se na tentativa de compreender como os jovens assistem telenovela, indagando-os sobre o confronto que se dá entre as relações sociais, no que tange à identidade, forma de vida e aos valores apresentados na trama.

Outra questão foi entender como as mediações incidem na maneira de ressemantizar a mensagem, para os jovens. Em busca de respostas para a pesquisa utilizaram-se conceitos de mediação e códigos. Partiu-se da hipótese de que as formas de recepção seriam diferentes em função do local de moradia. Entretanto, os dados revelaram outros fatores relevantes e explicativos como: perfil e inserções sociais dos jovens quando as moças e os rapazes, com múltiplas inserções evidenciaram mais recursos de negociação ao receberem as mensagens. Ainda, os inseridos em poucos círculos sociais, como família e religião, mobilizaram referenciais mais restritos no confronto com as mensagens.

De todo modo, resistências e negações apareceram em todos os casos, por causa das variantes como identidade, por exemplo. Embora alguns jovens não tivessem identidades bem demarcadas relativas a um ou outro tema, eles possuíam identificações, como homossexuais, comunidade negra e questões importantes de cunho social, como o aborto e a violência.

Jovens como Carlos, de Curitiba e Helen, de Cidade Gaúcha revelaram tolerância diante do preconceito e da discriminação, orientados por sua inserção religiosa e identidade cristã. Já Cláudia e Carolina manifestaram a tolerância diante do preconceito, revelando que possuem inserção diferenciada, que estudam Teatro e estão habituadas a conviver com pessoas de perfis diversificados. Avelardo, assumidamente homossexual, revelou que não se importa com as brincadeiras maldosas que ouve na escola e mantém

seu posicionamento em defesa da causa *gay*, apesar de estar inserido em uma escola e em uma cidade pequena. Contudo, alguns entrevistados mostraram lacunas em suas convicções, como Carlos que, apesar de pertencer a uma religião ostensivamente contra o aborto, admitiu aceitá-lo em casos de má formação do feto e violência. Beto, de Cidade Gaúcha, não se considera machista, mas, separa as profissões adequadas aos homens e às mulheres. Marla, da mesma cidade, se concebe como não racista, e, no entanto, pensa que os negros quando reivindicam cotas, querem ser iguais aos brancos.

Com base na literatura, conclui-se que o poder abarca um conjunto de mecanismos sociopolíticos que restringem a autonomia dos agentes sociais. É fato premente que tais limites estão nos âmbitos da cultura, da sociedade, da moral e invadem hábitos, costumes e normas a que os agentes se submetem nos mais diferenciados espaços sociais, sem que, em geral, percebam os recursos pessoais para resistência. Tal consideração amplia a possibilidade de entendimento a respeito da influência que os meios de comunicação exercem sobre determinados grupos, identidades individuais e coletivas.

Na tentativa de uma compreensão mais ampla acerca da condição sociológica dos sujeitos pesquisados, os jovens e a sua relação com os meios de comunicação e o contexto social em que vivem, mostrou a necessidade de situar a sua categoria identitária relativa à cultura midiática, para investigar a potencialidade de autonomia dessa população.

A literatura mostrou que, a partir das inserções sociais, os jovens encontram a definição social, sobretudo, frente à conectividade com a mídia e o consumo simbólico, forças que viabilizam uma experiência singular.

A televisão é um meio de comunicação que contribui para a quebra de paradigmas de famílias, modifica dinâmicas e coopera na mediação de valores. As identidades atuais não são estáveis e nem são fixas e da mesma forma, a identidade dos jovens revela valores que se encontram em constante negociação.

A identidade é mediada e interage constantemente, sobretudo, em relação à complexidade das sociedades, remetendo o jovem para uma estrutura pessoal, afetiva e cognitiva, sempre em processo de construção que inclui a percepção dos outros sobre os jovens, muito além de si mesmos. Nas múltiplas inserções com diferentes sujeitos, inclusive os meios de

comunicação, como as telenovelas, por exemplo, os jovens estruturam a sua identidade. É por esse motivo que a telenovela adquire significado, pois ela possibilita o diálogo com as pessoas, viabiliza novos discursos e possibilidades infinitas de somar experiências de vida ao entrar em contato com os capítulos, sobretudo, as temáticas propostas, desencadeadoras de debates significativos.

Os estudos culturais incluem premissas básicas, intimamente ligadas às relações sociais, de maneira especial, com as relações e a formação de classes, as divisões sexuais, a estruturação racial das relações sociais e as opressões de idade.

A cultura também exerce poder, fato que viabiliza a produção de assimetrias nas capacidades de os indivíduos e os grupos se organizarem para definir e satisfazer as necessidades dos sujeitos, constituindo-se, por conseguinte, em um campo autônomo externamente determinado e em um local de diferenças e de lutas sociais.

Ao tratar do elo entre os jovens de cidade de grande porte, Curitiba, e de pequeno porte, Cidade Gaúcha, perceberam-se aspectos relevantes das preferências dos jovens que aparecem integrados às formas como eles falam, pensam, sentem ou lidam com a novela. Os depoimentos dos pesquisados revelam que, a partir da própria realidade dos acontecimentos, o sujeito encontra a capacidade de representá-los mediante juízo de interpretação realizada por esse sujeito.

A recepção é um espaço de interação e negociação de sentido. Desse modo, existe uma mensagem que tenciona um significado, mas, permanece em cada agente um olhar individual que delimita a sua leitura, pois há um modo de interpretar diferenciado em cada agente, relacionado ao cotidiano no qual ele se insere.

Entre as temáticas apresentadas na telenovela, os discursos dos jovens revelaram tópicos relevantes para a discussão como: a adoção por homossexuais, o racismo, o preconceito e a discriminação, questões problematizadoras sobre o namoro e a deficiência física, o alcoolismo, a vida das modelos, traição, gravidez, paternidade e machismo, infância, violência, drogas, aborto, riqueza e pobreza.

Diante dessas opções, os jovens concluíram que a adoção por homossexuais foi uma temática de destaque da novela, apesar da pouca

exposição. Foi possível verificar que Beto e Marla, têm preconceito em relação a esse tipo de adoção. Os discursos são reveladores da superação de uma relação passiva com o problema apresentado, deixando claro um código de oposição à mensagem. Apesar de a novela defender a adoção, eles se opuseram ao empenho dos homossexuais para adotar uma criança. O contexto em que vivem os participantes da pesquisa remetem a inserções praticamente idênticas: estudaram nas mesmas escolas, têm amigos em comum, frequentam os mesmos locais de lazer, enfim, são da mesma cidade.

Também se observou, a partir dos relatos, que a maioria dos envolvidos concorda que o preconceito, a discriminação e o machismo encontram-se difundidos na sociedade e em diferentes situações. A amostra tece comparações entre o que a novela veicula, com a vida real. Há muita contradição na fala dos jovens que ora, demonstram atitudes de preconceito, ora, defendem os direitos, como os relativos à prostituição e ao direito das pessoas com deficiência.

Tais posições latentes nos discursos dos pesquisados são provenientes das inserções sociais, com as quais costumam negociar, travar diálogos produzindo e reproduzindo formas de pensar e agir frente às diferentes demandas, suscitadas por suas vivências individuais e, sobretudo, coletivas.

Tanto Carolina, quanto Cláudia demonstraram em suas exposições e durante a entrevista, tolerância e simpatia pelos colegas *gays*. Já Marla, revelou que se habituou à convivência com os *gays* na faculdade, contudo impôs limites ao seu comportamento porque não gosta de *gays* extravagantes, mas tolera os reservados, o que pode caracterizar preconceito, pois não lhes cabe ditar a conduta dos homossexuais. Carolina e Cláudia são de Curitiba e tem inserções diferentes de Marla, de Cidade Gaúcha, estudam Teatro, o que lhes proporciona convivência com diferentes identidades. Marla é da mesma esfera social de Beto, que também evidenciou preconceito, pois admite a existência dos *gays*, mas foi categórico em dizer que não os quer por perto.

Assim, deduz-se que, não são as cidades diferentes que produzem perfis diferentes de jovens, elas contribuem, mas antes de tudo são as inserções que ajudam a construir os olhares aguçados na hora de avaliar as mensagens. É das inserções que se extraem os elementos próprios para as mediações.

Quanto à temática relacionada ao racismo, os discursos demonstram que existe um conflito entre a existência ou não, do racismo na sociedade. Os depoimentos confirmam códigos de oposição, onde os dizeres são contraditórios quanto à questão da igualdade para brancos e negros. Assim, ora, os direitos dos negros são assegurados e ora, questionados pela amostra.

Por conseguinte, é viável falar em identidades descentradas, fragmentadas, uma vez que a mídia faz com que os jovens sejam diariamente imersos em uma gama de diferentes identidades, cada qual, fazendo apelos para diferentes partes pessoais. De Cidade Gaúcha, Marla e Beto disseram não ter preconceito, mas ao mesmo tempo, Beto confessou que só ri de piada de negro se não tiver um por perto. Já Marla confessou explicitamente que os negros querem ser “iguais”, mas ao exigir cotas, provam que são diferentes. Assim, esses dois jovens, apesar de defenderem uma conduta não discriminatória, revelaram em seus discursos, que em determinados momentos são preconceituosos. Helen, católica, também de Cidade Gaúcha, considera todos iguais, diferente de Marla, da mesma cidade. Helen é a que mais revela sua inserção religiosa católica, pois diz que “todos são iguais diante de Deus”, e é assim que ela vê as pessoas.

Regina, de Curitiba afirma não ser preconceituosa e até trabalha a favor das minorias, entretanto, admite a necessidade de averiguar com os próprios negros, se sofrem discriminação no ambiente em que vivem. Beatriz revelou que sua família é muito preconceituosa e apesar disso, ela tem um namorado negro. Dessa forma, as inserções alcançam boa parte das explicações quanto às preferências e às identidades dos jovens, mas é notório que nem sempre abarcam uma explicação total, como no caso de Beatriz, que contrariando a concepção da família, não discrimina, mas namora uma pessoa negra.

Para os entrevistados, em grande medida, não há correspondência entre a realidade vivenciada na sociedade e a que a novela revela, especialmente, no que tange à questão de classes, riqueza e pobreza, e esse fato os incomoda muito: os personagens ricos ficam ricos e não se sabe como; tudo parece ser muito fácil; as mulheres já acordam maquiadas e belas, são alguns exemplos extraídos da trama.

Nos discursos, os jovens tecem muitas críticas negativas relativas ao fato de que a novela não aprofunda o debate de certos problemas como a

questão do racismo, do acúmulo de fortunas por muitos, de como as pessoas alcançam a ascensão social, no caso específico da protagonista, que é negra, eles concordam que ela representa uma minoria.

A afirmação de que a identidade é eminentemente relacional e interativa se confirmou. Perante a crescente complexidade das sociedades, a identidade dos jovens remete a uma estrutura pessoal, afetiva e cognitiva que é progressiva e continuamente (re) construída pelos sujeitos. Nesse processo de construção e reconstrução inclui-se a percepção dos outros sobre os jovens, além de si mesmos.

Dessa forma, a recepção mediática contribui na construção da identidade dos jovens que não se viabiliza de maneira isolada, mas em contínua interação com os meios de comunicação e as relações que eles estabelecem no cotidiano.

As múltiplas inserções dos jovens permitem experiências comuns que se confrontam. Assim sendo, pensar a autonomia abrange a identidade. Daí a importância de compreender as esferas da vida que integram o universo de onde se extrai a autoimagem. Foi possível perceber esse dado no contato com a amostra, primeiro, no momento das entrevistas, depois essa percepção se consolidou com as observações realizadas na residência dos jovens. É relevante que se perceba os jovens como um reflexo da sociedade em um espaço-tempo determinado, ligado a processamentos históricos específicos, relacionados a valores e posições que cabe aos jovens assumir.

Frente aos desafios impostos por esse período da vida, é válido lembrar que os jovens se encontram numa fase de transição. A juventude marca passagens para a vida adulta, para o mundo do trabalho, entre outros. É um momento, portanto, importante para elaboração ou redefinição da identidade, mas, ao mesmo tempo, de novas inserções sociais, em círculos pré-definidos. A juventude é, então, uma etapa do ciclo de vida, representando um elo entre experiências muito distintas do passado e do futuro.

Na dimensão situacional, a medição se revelou nitidamente nos momentos em que os jovens trocam ideias a respeito de vários assuntos, tecendo comparações com o cotidiano junto a familiares e amigos. Os jovens sentem necessidade de opinar e saber da opinião dos outros de sua relação, engendrando discussões diversas sobre o que ouvem e veem na novela.

Observou-se a influência da mediação institucional e escolar, no caso do aborto. Foi possível notar o código de oposição relativo à mensagem, na maioria dos casos. Apenas Regina, de Curitiba, se posicionou a favor do aborto, reivindicando o direito da mulher. Os demais, independente da cidade, se posicionaram contra o aborto, demonstrando oposição à mensagem da novela. Novamente, a questão do local de residência dos entrevistados foi menos relevante do que as inserções. Enquanto um discutiu a problemática do aborto na escola, na aula de Filosofia, outro, afirmou ser cristão e só Deus tem direito sobre a vida. Dessas inserções derivam as mediações que incidem sobre o processamento da mensagem, reafirmando a tese de que as inserções sociais produzem pensamentos que interagem com as concepções interiores de cada jovem e resultam numa recepção híbrida, construída de acordo com a vivência de cada um.

A pesquisa possibilitou perceber o receptor da telenovela como agente em situação, estando individual ou coletivamente envolvido com a mensagem. Assim sendo, apreende-se que a recepção da mensagem midiática da telenovela envolve questões de poder que se integram aos circuitos dos jovens à procurada descrição. Diante da mensagem, os jovens revisam suas posturas, envolvem-se em um jogo de valores do qual resulta seu posicionamento final. Esse jogo de forças envolve preferências próprias ou adquiridas ao longo de sua vivência que disputam um lugar pela opinião final a respeito de determinado tema. No resultado desse processo, o posicionamento final, é também um exercício de autonomia que prevalece sobre o que se vê.

Os estudos culturais auxiliaram à compreensão porque não consistem apenas em investigar a mensagem, mas também revelar as preferências encontradas nas formas sociais que expressam essas relações de poder entre o público e o privado. No cotidiano, os materiais textuais são intertextuais. Por isso, o trabalho realizado favoreceu a construção de um olhar interdisciplinar na hora da investigação. As leituras interdiscursivas e formas identitárias não atuaram por conta própria, mas necessitaram de instrumentos para dar sustentação à pesquisa

Por todos esses fatores, as entrevistas, os grupos focais e as observações mostraram-se úteis por viabilizar o estudo do cotidiano dos jovens, lançando as bases para o entendimento das suas preferências. Os

instrumentos permitiram compreender um pouco o que pensam sobre as modelos jovens e suas amigas; sobre o alcoolismo e o filho de um alcoólatra; sobre a questão dos direitos e deveres dos gêneros e a irmã que têm irmãos educados de modo diferente, só porque são de sexos diferentes. As experiências familiares e outras institucionais, como a universidade e a igreja, se mostraram relevantes para encontrar os elementos constitutivos das preferências dos entrevistados.

Na esfera deste trabalho que investigou também a identidade, constatou-se que os sujeitos são contraditórios, fragmentados, produzidos e estão constantemente em processo de formação. Ao pensar em fragmentação, entendeu-se que o campo dos estudos culturais não é unificado, ao contrário, é constantemente invadido por outras disciplinas que somam esforços na busca de seus objetivos.

Dos relatos dos jovens relativos à novela, advém uma valorização da cultura, por conseguinte, uma percepção com dimensões inovadoras dos conflitos sociais apresentados na trama os quais contribuem para a formação de novos sujeitos regionais, religiosos, geracionais, cada um, com a sua individualidade e interagindo. Nesse viés, se constrói a redefinição da cultura dos agentes.

O recurso mediático é relevante porque tem uma natureza comunicativa singular. É um produtor de significações e não de mera circulação de informações. Essa constatação se evidenciou nos diálogos entre os jovens, nas suas articulações, ao propor e inferir em novos conceitos sobre os personagens e sugerir ideias inovadoras até mesmo para a trama.

Por conseguinte, emana o poder de todas as expressões de conflito e a mediação permite uma resposta para a situação. Mostra que há todo um sistema de construção e de desconstrução de identidades, que desvenda interesses e inclinações e indica como a cultura interfere nas diversas instituições.

As relações que se estabelecem no cotidiano dos jovens de ambas as cidades, interferem na interpretação das informações passadas pela mídia, sobretudo, daqueles que afirmam assistir à novela com frequência. Embora se percebesse a possibilidade de imitação de padrões por parte dos pesquisados, foi mais expressiva a rejeição e o confronto a esses padrões. Os jovens não os

aceitaram passivamente, mas negociaram. Eles travaram diálogos, contestaram, portanto, aos fatos mostrados na novela, confrontando-os com a realidade vivenciada.

É interessante para o desdobramento de futuros estudos sobre mediação e códigos, eleger para a pesquisa, jovens que partilhem classe ou identidade. Dessa forma, é viável identificar com mais precisão, as orientações e dispositivos que apontam para determinados significados da mensagem midiática. A seleção que privilegia um grupo maior e diversificado não consegue identificar todos os fatores que gerenciam a escolha por um significado ou outro, diante da mesma mensagem. Contudo, as diferenças sociais e de inserção apontam caminhos quanto às formas de recepção que, na medida do possível, se consideraram neste trabalho.

REFERÊNCIAS

ABRAMO, W. H. Condição Juvenil no Brasil Contemporâneo. In: ABRAMO, W. H. e BRANCO, M. P. *Retratos da juventude brasileira: análises de uma pesquisa nacional*. São Paulo: Fundação Perseu Abramo, 2008.

ADORNO, T. W. A indústria cultural. In: COHN, G. (org.) *Comunicação e indústria cultural*. São Paulo: Companhia Editora Nacional/Edusp, 1971, p. 287-295.

ALENCAR, M. A. *Hollywood brasileira: panorama da telenovela no Brasil*. Rio de Janeiro: SENAC, 2002.

ALINE, S. C. M. *Telenovela*. Projeção, identidade, identificação na modernidade líquida. 2007. Disponível em: <http://www.compos.org.br/files/24ecompos09_AlineMaia.pdf>. Acesso em: 30 jul. de 2010.

ALMEIDA, H. B. *Telenovela, consumo e gênero: "muitas mais coisas"*. Bauru, São Paulo: EDUSC, 2003.

ALVES, M.I.Z. *O adolescente e a TV: o caso da telenovela malhação*. Tese de Doutorado, Universidade Estadual de Campinas – UNICAMP, Campinas, 2000. Bauru, SP: EDUSC, 2003.

ARAÚJO, J. Z. *A negação do Brasil: o negro na telenovela brasileira*. 2. ed. São Paulo: SENAC, 2000.

BARBERO, J. M. *Dos meios às mediações*. Tradução: Alcides R. Polito, 2006.

_____. América Latina e os anos recentes: o estudo da recepção em comunicação social. In: WILTON, M. *Sujeito o lado oculto do receptor*. São Paulo: Brasiliense, 1995.

BARBERO, J. M.; REY, G. *Os exercícios do ver: hegemonia audiovisual e ficção televisiva*. Tradução: J. Gorender. São Paulo: SENAC, 2001.

BARDIN, L. *Análise de conteúdo*. Tradução de Luiz Antero Reto e Augusto Pinheiro. Edições 70, 1977.

BENTIZ, I. M. G.; RUBIM, A. A. C.; PINTO, J. M. (org.) *Produção e recepção dos sentidos midiáticos*. 2. ed. Petrópolis: Vozes, 1998.

BENTZ C. D. *Martín- Barbero: da linguagem às mediações*. Disponível em: <<http://docs.google.com/viewer?a=v&q=cache:bLhm8NBKG60J:encipecom.metodista.br/mediawiki/images/2/21/Desire.pdf+Martin+barbero:+da+linguagem+as+media%C3%A7%C3%B5es+desiree+cipriano&hl=ptBR&gl=br&pid=bl&srcid=>>

ADGEESiY2nXQYlKpZ1wbk_11X21dYZI45PZeCbnBIktuNi_7g6rfawA00s7Yu22BTvH5apd_ppKk006Gf2nCpENHocSB3Fw_BYMBXL6zxvxfasmhznMa1eVx2QvxPRUeG_1RdKN&sig=AHIEtbSORpM1EI-H9TK9a4CS1-UCV2frhg>. 2009. Acesso em: 12 abr. de 2010.

BORELLI, S.H.S. Gêneros ficcionais: materialidade, cotidiano, imaginário. In: SOUZA, M. W. *Sujeito, o lado oculto do receptor*. Brasiliense: São Paulo, 1995.

BORELLI, S.H.S. Telenovelas brasileiras: balanços e perspectivas. *São Paulo em Perspectiva*. São Paulo, v. 15, n. 33, jul./set. 2001.

BOURDIEU, P. *Coisas ditas*. São Paulo: Brasiliense, 1990.

_____. *O poder simbólico*. Lisboa: Difel, 1989.

BREGUEZ, S. *Folkcomunicação e identidade e cultura*. Disponível em: <<http://www.intercom.org.br/papers/nacionais/2006/resumos/R0687-1.pdf>>. Acesso em: 14 mai. de 2010.

CALZA, R. *O que é telenovela*. São Paulo: Brasiliense, 1996.

CANUTO, M.E.A.C. *A telenovela como produto sócio-cultural*: refletindo sobre um processo de construção de significados. 2003. Disponível em: <<http://www.portcom.intercom.org.br/novosite/pdfs/109860506118545980749090264880106483501>>. Acesso em 11 de out. de 2010.

COSTA, A. P. L. S.; FADUL, A. *Fluxo internacional da telenovela brasileira: importação e recepção na Bolívia*. Disponível em: <http://www2.metodista.br/unesco/1_Celacom%202010/arquivos/Trabalhos/76Fluxo%20Internacional%20de%20Telenovela_AnaPaula_AnamariaFadul.pdf>

COUTINHO, C. N. Entrevista concedida a Maurício Santana Dias. *Folha de São Paulo*, São Paulo: Caderno Mais, p. 5-6, 21 de nov., 1999.

DALLA COSTA, R. M.; MACHADO, R.C.; SIQUEIRA, D. *Teoria da comunicação na América Latina*: da herança cultural à construção de uma identidade própria. Curitiba: UFPR, 2006.

EPSTEIN, D.; JOHNSON, R. *Jovens produzindo identidades sexuais*. Disponível em: <<http://redalyc.uaemex.mx/src/inicio/IndArtRev.jsp?iCveNumRev=10882&iCveEntRev=275>>. Acesso em: 12 abr. de 2010.

ESCOSTEGUY, A. C. *Cartografias dos estudos culturais*: uma versão latino-americana. Belo Horizonte: Autêntica, 2001.

_____. *Delineamentos para uma cartografia brasileira dos estudos culturais*. Disponível em: <<http://www.pos.eco.ufrj.br/ojs-2.2.2/index.php/revista/article/viewArticle/225>>. 2004. Acesso em: 14 abr. de 2010

FERREIRA, M. A. S. *Cultura de massa, televisão e telenovela*. Disponível em: <<http://www.jurisciencia.com/artigos/cultura-de-massa-televisao-e-telenovela/86/>>. Acesso em: 30 jul. de 2010.

FIGUEIREDO, L. C. *Modos de subjetivação no Brasil e outros escritos*. São Paulo: EDUSC, PUC-SP, 1995.

FISHER, F. Juventude e mídia: possíveis singularidades de uma audiência ativa. In: JACKS, N. de; SOUZA, M. C. J. (org.). *Mídia e recepção: televisão, cinema e publicidade*. Salvador: EDUFBA, 2006.

FLORÊNCIA, S.; FERRANTE, N. (compil.). *Balance crítico de los estudios sobre el público*. Buenos Aires, La Crujía, 2006.

FOLGOLARI, Elide Maria. *Fazenda esperança: estudo sobre as mediações culturais e a recepção da telenovela Terra Nostra*. Dissertação (Mestrado em Ciências da Comunicação). Escola de Comunicação e Artes – Universidade São Paulo, São Paulo: 2001.

FORACCHI, M. M. *A Juventude na sociedade moderna*. São Paulo: Universidade de São Paulo, 1972.

FOUCAULT, M. *História da sexualidade I: a vontade de saber*. Rio de Janeiro: Graal, 1985.

_____. *Microfísica do poder*. 7. ed. Rio de Janeiro: Graal, 1979.

FREDRIC, J.; SLAVOJ, Z. *Estudios Culturales: reflexiones sobre el multiculturalismo*. Buenos Aires: Editorial Paidós, 2008.

FREITAG, B. *Teoria crítica: ontem e hoje*. São Paulo: Brasiliense, 1985.

GIDDENS, A. *As consequências da modernidade*. Tradução de FIKER R. São Paulo: UNESP, 1991.

GIRARD, L. 2007. *Teoria das mediações e estudos culturais: convergências e perspectivas*. Disponível em <http://www.revistas.univerciencia.org/index.php/libero/article/viewArticle/6410>. Acesso em: 12 de abr. de 2010.

GODOY, A. S: Introdução à pesquisa qualitativa e suas possibilidades. In: *Revista de Administração de Empresas*. São Paulo, v. 35, n.2, p. 57-63, abril, 1995.

GOMES, P. G. 1995. *Tópicos da teoria da comunicação*. São Leopoldo: Unisinos, 1995.

GÓMEZ DE LA TORRE, A. E. M. *Pesquisa teórica em comunicação na América Latina: estudo de três casos relevantes*: VERON, M.; BARBERO, M. São Paulo Tese (Doutoramento em Ciências da Comunicação), USP, 1999.

_____. 2010. *Martin Barbero: o percurso da semiótica a teoria das mediações*. Disponível em [\[http://encipecom.metodista.br/mediawiki/images/7/78/UMEBARBE.pdf\]](http://encipecom.metodista.br/mediawiki/images/7/78/UMEBARBE.pdf). Acesso em: 14 de abr. de 2011.

GUEDES, O. M. R. O conceito marxista de ideologia nos estudos de mídia britânicos. In: *Revista Famecos*. Porto Alegre, n° 5, semestral, p.35 a 43, 1996.

HALL FILHO, M. C. S. Cultura e studies e a nostalgia da dominação hegemônica. *Comunicação Cultura e Política/USP*, 2006.

HALL, S. *A Identidade cultural na pós-modernidade*. 11ed. Rio de Janeiro, DP&A, 2006.

_____. *Da Diáspora às mediações culturais*. Belo Horizonte: UFMG, 2006.

HAYWARD, C. R. *De-facing power*. Cambridge: Cambridge University Press, 2000.

HUMMEL, R.; ALVETTI, C. Apontamentos sobre a imagem da vilania: uma leitura do horário nobre. *Revista Estudos Comunicação*, v. 8, n. 17, p. 255-261, set./dez. 2007.

JACKS, N. de SOUZA, M. C. J. *Mídia e recepção: televisão, cinema e publicidade*. Salvador: EDUFBA, 2006.

JACKS, N.; MENEZES, D.; PIEDRAS, E. *Meios e audiências: a emergência dos estudos de recepção no Brasil*. Porto Alegre: Sulina, 2008.

_____. Tendências latino americanas nos estudos da recepção. In: *Revista Famecos*. Porto Alegre, n°5, novembro, p.45 -49 1996.

JUNQUEIRA, L. Desigualdades sociais e telenovelas: relações ocultas entre ficção e reconhecimento. *INTERCOM – Sociedade Brasileira de Estudos Interdisciplinares da Comunicação XXVI Congresso Brasileiro de Ciências da Comunicação*. Curitiba: 2009. Disponível em: http://www.intercom.org.br/papers/nacionais/2003/www/pdf/2003_NP14_silva.pdf. Acesso em: 09 de out. de 2010.

LACLAU, E. Inclusão, exclusão e a construção de identidades. In: AÉCIO, J. A.; BURITY J. A. (org.). *Inclusão social, identidade e diferença: perspectivas pós-estruturalistas de análise social*. São Paulo: Annablumen, 2006.

LEAL, O. F. *A leitura social da novela das oito*. Petrópolis: Vozes, 1986.

LEBRUN, G. *O que é poder?* Rio de Janeiro Brasiliense, 1981.

LÜDKE, M.; ANDRÉ, M. E. D. *Pesquisa em educação: abordagem qualitativa*. São Paulo: EPU, 1989.

MAIA, A.S.C. Telenovela projeção, identidade e identificação na modernidade líquida. *Revista da Associação Nacional dos Programas de Pós-Graduação em Comunicação*. Universidade Federal de Juiz de Fora, Agosto de 2007. Disponível em <www.compos.org.br/e-compos>. Acesso em: 14 de out. de 2010.

MANNHEIM, K. *Ideologia e utopia*: introdução à sociologia do conhecimento. Rio Grande do Sul: Globo, 1952.

MARQUES, A.C.S. Da esfera cultural à esfera política: a representação da homossexualidade nas telenovelas e a busca por reconhecimento. In: *Congresso Brasileiro de Ciências da Comunicação*, 25, 2002, Salvador. São Paulo: Intercom, 2002. Disponível em: <<http://galaxy.intercom.org.br:8180/dspace/handle/1904/19009>>. Acesso em 11 de out. de 2010.

MARTÍN-BARBERO, J. Dos meios às mediações: comunicação, cultura e hegemonia. Rio de Janeiro: UFRJ, 1997.

MARQUES FILHO, J. F. Sob o domínio do medo: a construção de sujeitos temíveis e de sujeitos temerosos na mídia. In: GRANJA, C.; FILHO, J. F.; RAQUEL PAIVA. (org.). *Mídia e poder*. Rio de Janeiro: Mauad, 2008.

MAZARELLA, S. *Os jovens e a mídia*: 20 questões. Porto Alegre: ARTMED, 2009.

MAZZIOTTI, N. A força da emoção. A telenovela: negócios, audiências, histórias. In: LOPES, M. I. V. de. (org.). *Telenovela*: internacionalização e interculturalidade. São Paulo: Loyola, 2004.

_____. Estudios sobre recepción. Una Exploración Constante. In: SAINTOUT, F. ; FERRANTE, N. Y *La Recepción?* Balance crítico de los estudios sobre el público (comp.) Buenos Aires: La Crujía Ediciones, 2006.

_____. A força da emoção. A telenovela: negócios, audiências, histórias. In: LOPES, M. I. V. de. (org.). *Telenovela*: internacionalização e interculturalidade. São Paulo: Loyola, 2004.

MIGUEL, L. F. Um ponto cego nas teorias da democracia. *BIB*. Rio de Janeiro: n° 49, 51-57, jan- jun, 2000.

MORDUCHOWICZ, R. *Los Jovenes e las Pantallas: nuevas formas de sociabilidad*. Barcelona: Gedisa, 2008.

MOREIRA, A. F.; SILVA, T. T (org.). *Territórios contestados*: o currículo e os novos mapas políticos e culturais. Petrópolis: Vozes, 1995.

MORIN, E. *Cultura de massas no século XX*: o espírito do tempo - Neurose. Rio de Janeiro: Florense Universitária, 1987.

OROZCO, G. G. *La investigación en comunicación desde la perspectiva cualitativa*. Buenos Aires: Ediciones de periodismo y comunicación, 1996.

OROZCO, G. G. *Recepción y mediaciones: casos de investigación em América Latina*. Buenos Aires, Grupo editorial Norma, 2002.

ORTIZ, R.; BORELLI, S.H.S.; RAMOS, J.M.O. *Telenovela: história e produção*. São Paulo: Brasiliense, 1991.

ORTIZ, R. O. Caminho das mediações. In: Mello. J. M. de; DIAS, P. da R. (Orgs). *Comunicação, cultura e mediações: o percurso intelectual de Jesus Martin Barbero*. São Bernardo do Campo: UNESP, 1999.

PEREIRA, M. R. 2008. *Telenovela brasileira e indústria cultural: um breve ensaio sobre o personagem de Reynaldo Gianecchini em Sete Pecados*. Disponível em: <http://seer.fclar.unesp.br/index.php/estudos/article/viewFile/1151/938> Acesso em: 14 de abr. de 2010.

PERISSINOTTO, M. R.; FUKS, M. *Democracia: teoria e prática*. Rio de Janeiro: Fundação Araucária, 2002.

PERISSINOTTO, M. R.: O poder sem face: de volta à velha antinomia “estrutura” e “prática”? *Revista de Sociologia e Política*, nº 20, 147-152 Jun. 2003.

PORTUGAL, A. *A recepção televisiva e as mediações culturais em adolescentes, nos estudos de recepção do programa malhação*. Disponível em: <http://encipecom.metodista.br/mediawiki/images/2/25/GT7_-_008.pdf>. Acesso em: 12 mai. de 2010.

REIS, F. W. Democracia, igualdade e identidade. In: PERISSINOTTO, R; FUKS, M. *Democracia: teoria e prática*. Rio de Janeiro: Relume Dumará/Fundação Araucária, 2002.

REZENDE, C. B. Identidade e contexto: algumas questões de teoria social. *Revista Brasileira de Informação Bibliográfica em Ciências Sociais (BIB)*. São Paulo, nº 64, p.5-128, 2007.

RONSINI, V. M. Representações televisivas e reprodução simbólica da desigualdade: leituras juvenis In: BORELI, H.S.; FILHO, J. F. (org.). *Culturas juvenis no século XX*. São Paulo: EDUC, 2006.

RUBIM, A. A. C; BENTZ, I. M. G.; PINTO, M.C (org.). *Produção e recepção dos sentidos midiáticos*. Petrópolis: Vozes, 1998.

SCHRAMM, L. Comunidades interpretativas e estudos de recepção: das utilidades e inconveniências de um conceito. In: JACKS, N. de; SOUZA, M. C. J. (org.). *Mídia e recepção: televisão, cinema e publicidade*. Salvador: EDUFBA, 2006.

SELLTIZ, J.; DEUTSCH, W.; COOK, L. *Métodos de pesquisa nas relações sociais*. São Paulo: E.P.U./ Edusp, 1974.

SIFUENTES, L. *Juventude rural e recepção televisiva: uma abordagem de gênero*. Florianópolis: 2008. Disponível em: <http://www.fazendogenero8.ufsc.br/sts/ST20/Lirian_Sifuentes_20.pdf>. Acesso em 14 de out. de 2010.

SILVA, J.F.T. Narrativa erótica: a magia da telenovela. *INTERCOM* – Sociedade Brasileira de Estudos Interdisciplinares da Comunicação XXVI Congresso Brasileiro de Ciências da Comunicação – Belo Horizonte- 2003. Disponível em: <http://www.intercom.org.br/papers/nacionais/2003/www/pdf/2003_NP14_silva.pdf>. Acesso em 11 de out. de 2010.

_____. Telenovela: o narrar da pós-modernidade. *INTERCOM* – Sociedade Brasileira de Estudos Interdisciplinares da Comunicação. XXII Congresso Brasileiro de Ciências da Comunicação – Curitiba PR: 2009. Disponível em: <<http://www.intercom.org.br/papers/nacionais/2009/resumos/R4-2317-1.pdf>>. Acesso em 09 de out. de 2010.

SILVERSTONE, R. *Por que estudar a mídia?* São Paulo: Loyola, 2002.

SOUSA, J. T. P. *Reinvenções da utopia: a militância política dos jovens nos anos 90*. São Paulo: Hacker Editores, 1999.

SOUZA, C. Z. G. *Juventude e contemporaneidade: possibilidades e limites*. 2004. Disponível em: <<http://redalyc.uaemex.mx/redalyc/pdf/195/19502002.pdf>>. Acesso em: 30 jul. de 2010.

SOUZA, M.C.J. Fãs de autores de telenovelas brasileiras. *Associação Nacional dos Programas de Pós-Graduação em Comunicação – UNESP*, Bauru: 2006. Disponível em: <http://www.facom.ufba.br/midiaerecepcao/textos/2006/maria_carmem.pdf>. Acesso em; 14 de out. de 2010.

SOUZA, M.W., *et al.* *Sujeito, o lado oculto do receptor*. São Paulo: Brasiliense, 1995.

TONON, J. B. *Telenovelas e representações sociais: um estudo de caso sobre "Mulheres Apaixonadas"*. Disponível em: <<http://www.bocc.uff.br/pag/tonon-joseana-burguez-telenovelas-represenacoes-sociais.pdf>>. Acesso em: 12 mai. de 2010.

TRAVANCAS, I. Vendo o “Jornal Nacional” com jovens universitários cariocas. In: JACKS, N. de; SOUZA, M. C. J. (org.). *Mídia e recepção: televisão, cinema e publicidade*. Salvador: EDUFBA, 2006.

WOLF, M. *Teorias da comunicação de massa*. São Paulo: Martins Fontes, 2005.

_____. *Teorias da comunicação*. Lisboa: Presença, 1987.

WOLTTRICH L.; RONSINI R.C. *A perspectiva das mediações de Jesús Martín-Barbero no estudo da recepção da telenovela*. 2009. Disponível em <http://www.intercom.org.br/papers/nacionais/2009/resumos/R4-1712-1.pdf>. Acesso em: 12 de abr. de 2010.